



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
FACULDADE CATÓLICA DE RONDÔNIA
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL
MINTER-PUCRS/ FCR**

CÉLIO LEANDRO DA SILVA

**TERRA SEM HISTÓRIA: Identidade e história na Amazônia de Euclides da
Cunha**

Orientador: Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes

PORTO ALEGRE

Março de 2015

CÉLIO LEANDRO DA SILVA

**TERRA SEM HISTÓRIA: IDENTIDADE E HISTÓRIA NA AMAZÔNIA DE
EUCLIDES DA CUNHA**

Dissertação apresentado ao Curso de Mestrado - MINTER – Mestrado interinstitucional e ao Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**.

PORTO ALEGRE

Março de 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586t Silva, Célio Leandro da.

Terra sem história: identidade e história na Amazônia de Euclides da Cunha / Célio Leandro da Silva. – Porto Alegre, 2015.

110 f.

Diss. (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes.

1. Euclides da Cunha. 2. Amazônia. 3. Seringueiro. 4. Identidade. I. Paredes, Marçal de Menezes. II. Título.

CDU.: 910.4(811)

Ficha elaborado por
Josimar Batista dos Santos
CRB 11/556

A Deus acima de todas as ações terrenas;

Ao meu pai (*in memoriam*), fonte de
inspiração e sabedoria eterna;

À minha mãe a qual nível de pureza e
serenidade aspiro;

À amada esposa cuja paciência, carinho e
insistência tornam possível o impossível;

À Eloah e Mariah, estimadas filhas.

“Tenho a crença largamente metafísica de que a nossa vida
é sempre garantida por um ideal, uma aspiração superior
a realizar-se.”

Euclides da Cunha

AGRADECIMENTOS

Depois de todo esse tempo em busca do fim, mais do que agradecer, quero fazer um pedido de desculpas. Assim, de leve, sem muitas solenidades, mas que de alguma maneira, mostre às pessoas mais queridas, que por algum momento ausentei-me, que nesses mais de dois anos de afastamento, angústias, insônias e distanciamentos acabaram e, se olharmos os resultados, quase valeram a pena.

Minha mãe, irmãos e irmãs, mesmo morando distante sofreram consequências desta dissertação, minhas sinceras desculpas pelas inúmeras vezes em que não aparecia, não podia ou não conseguia. Obrigado pelo apoio que nunca diminuiu ao longo de toda minha busca pelo conhecimento. Irmãos e irmãs... Doze ao todo! Como esquecer algum. Cada um doou sua contribuição para a realização deste trabalho, impossível não agradecer à “Zezinha” e suas orações sempre tonificantes; à “Toinha” que mostrou-me os primeiros passos da criticidade, se eu conseguisse aprender só um pouquinho de tudo o que você sabe, minha irmã, eu seria muito mais feliz. Agradeço por tudo o que você me ensinou até hoje, tudo isso é impagável. Meu irmão Zé, o “Zé da Agreste”, assumiu sem pedir a responsabilidade de conduzir a família e o fez magistralmente, ninguém faria melhor, pois seus diálogos, curtos e objetivos nos ensinaram admirá-lo cada vez mais. Obrigado pela companhia nas viagens pela Transamazônica, pelos vinhos e risos.

No campo institucional quero agradecer ao governo do Estado de Rondônia, na pessoa do senhor governador Confúcio Moura, pelo incentivo e confiança ao estabelecer parcerias com a Faculdade Católica de Rondônia-FCR, dirigida pelo sempre disposto e incansável Prof. Dr. Fábio, que em todos os momentos do processo, acreditou que seria possível a realização de um projeto tão grandioso para nosso estado, grato pela confiança em nós depositada. A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS pela parceria feita com FCR e pela calorosa recepção.

Aos professores do MINTER-PUC: Prof. Dr. Cássio Albernaz - Prof. Dr. Charles Monteiro – Prof. Dr^a Cláudia Musa - Prof. Dr. Flávio Heinz - Dr. Klaus

Hilbert - Prof. Dr. Luciano Abreu - Prof. Dr^a. Maria Cristina - Prof. Dr^a Nuncia Santoro (*in memoriam*) e Prof. Dr^a. Taís Campelo, agradecido pelo apoio, incentivo, contribuição e inestimáveis ajudas com as fontes que nos foram fornecidas.

Aos meus colegas de turma: Ana Paula Pellegrino Gottardi; Anderson de Jesus dos Santos; Breno Azevedo Lima; Devanir Aparecido dos Santos; Francisco Clébio Pinheiro; Francisco Carlos Ferreira; José Carlos Vitachi; Josimar Batista dos Santos; Lucineide da Silva Teixeira; Roseli Aparecida Cavalcante; Siméia de Oliveira Vaz Silva; Solange Gonçalves da Fonseca; Walter Gustavo da Silva Lemos, valeu pela amizade e oportunidade de aprendizagem mútua. Agradecimento especial ao mais que colega – parceiro – Lourismar da Silva Barroso, cuja busca pelo conhecimento nos tornou irmãos, seja nas trincheiras arqueológicas ou nas aventuras pela Transamazônica, muito grato.

A todos os professores, que ao longo de minha vivência no munda da aprendizagem contribuíram de forma variada, somos o resultado de múltiplas influências, em especial ao professor Marco A. D. Teixeira, pela amizade sincera, infindáveis incentivos e disposição à pesquisa; ao professor Mário Sávio, cuja postura como docente inspira incontáveis admiradores, o qual me incluo. Faço parte da legião que o admira. Quando ministra suas aulas no fundo todos pensamos “quero ser igual a ele”. Juro que tenho tentado. Grato pelas orientações, sei que são verdadeiras suas palavras quando assim sintetizou este trabalho: “Sua dissertação está muito boa. É extremamente relevante para nossa historiografia. Espero que não pare de pesquisar e continue dando um pequeno passo, pois chegará a uma longa caminhada”. Tentarei honrar a confiança em mim depositada.

Ao meu orientador Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes, com toda admiração e respeito, muito me honra seus ensinamentos e amizade adquirida, sem os quais a empreitada de realizar este trabalho seria bem mais árdua, hoje compreendo o real sentido de se buscar o “olho do peixe, não o cardume”. Grato por tudo, mesmo nas discordâncias iniciais sempre buscou transmitir

tranquilidade com a serenidade que lhe é peculiar. Minhas sinceras desculpas se por ventura os resultados de nossa parceria não condizer com as expectativas em mim depositadas, aqui o eximo de todas as imperfeições que possam ser pontuadas nesta dissertação.

Como não poderia deixar de ser, meu obrigado... Aliás, minhas desculpas a você, esposa amada, mãe afetuosa e amiga sincera, Izis. Certamente foi você quem mais sofreu com minhas tensões “pré-mestrado”, “pré-email”, “pré-viagem”... A você sim, devo talvez mais desculpas que agradecimentos. Você é parte fundamental deste trabalho, não sei se sendo debatedora dos capítulos, revisando ou simplesmente me amando. Por cada saída que recusei, por cada favor que não fiz, pelas insônias intermináveis, por cada noite que não dormi em seus braços – inclusive essa, que poderá ser a última... Ou não – minhas sinceras desculpas. Parece impossível, mas tenho certeza que todo mestrando pode ser um bom marido... Depois que vira mestre. Minha flor, não tenho como expressar tamanha minha gratidão. Certamente ainda iremos debater teorias históricas com pulgas do poodle, cientificismo euclidiano com técnicas de desentupimento de pia, disputas fronteiriças com maneiras de aparar a grama. Ou não debater nada, ir ao sítio da Ângela e apreciar a paisagem. No fundo creio que isso que constrói nossa vida, e é por isso que a compartilho com você.

RESUMO

Este trabalho tem por foco analisar os aspectos relacionados à presença de Euclides da Cunha na Amazônia. Buscou-se investigar a gênese dos conflitos fronteiriços entre Brasil e Peru, fator determinante para a realização da Comissão Mista de Reconhecimento das Cabeceiras do rio Purus, a qual Euclides chefiou. De modo geral, esses conflitos foram em decorrência das disputas por ricas regiões produtoras de borracha. Como resultado dessa viagem, o escritor deixou registrado um conjunto de informações referentes aos aspectos relacionados à hidrografia, geomorfologia, clima e, sobretudo, sobre homem amazônico. Tais impressões resultaram na compilação da obra *À Margem da História*, um livro póstumo que reúne os textos de Euclides sobre a Amazônia e que se tornou núcleo central das investigações desta dissertação. Objetivou-se, sobretudo, compreender a maneira como o autor de *Os Sertões* retratou a Amazônia a partir de sua vivência *in loco*, fato que contribuiu para trazer à luz da ciência a *Terra Sem História – Amazônia* – e que confere a Euclides da Cunha o título de um dos maiores intérpretes das questões sócias do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE – Euclides da Cunha. Amazônia. Seringueiro. Identidade

ABSTRACT

This work is focused analyze aspects related to the presence of Euclides da Cunha in the Amazon. We sought to investigate the genesis of border conflicts between Brazil and Peru, determining factor for the realization of the Joint Commission on Recognition of Headwaters of the Purus River, which led Euclid. In general, these conflicts were the result of disputes over rich producing rubber regions. As a result of this trip, the writer left recorded a set of information relating to matters related to hydrography, geomorphology, climate and especially on Amazonian man. Such impressions resulted in the compilation of the work the Fringes of History, a posthumous book that brings together the Euclidean texts on Amazon and has become the centerpiece of this dissertation research. The aim, above all, to understand the way the author of The Barrens portrayed the Amazon from their experience on the spot, which contributed to bring the light of science Earth Without History - Amazon - and that gives the Euclides da Cunha title of one of the greatest interpreters of the partners questions of Brazil.

KEYWORDS - Euclides da Cunha. Amazon. Rubber Tapper. Identity

LISTAS DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| FIGURA 01 – Mapa da fronteira entre Brasil e Peru, destacando a região de conflitos entre caucheiros e seringueiros | 36. |
| FIGURA 02 – Mapa do território contestado por peruanos e bolivianos, elaborado por Euclides da Cunha. | 41. |
| FIGURA 03 – Esboço da zona litigiosa e o Território Brasileiro do Acre, elaborado por Euclides da Cunha | 42. |
| FIGURA 04 – Croqui do rio Purus, elaborado por Euclides da Cunha | 47. |
| FIGURA 05 – Croqui de um seringal acreano, elaborado por Euclides da Cunha em 1905 | 63. |
| FIGURA 05 – Mapa da linha divisória entre Brasil e Peru na região do rio Purus, elaborado pela Comissão Brasileira de Demarcação de Limites | 75. |
| TABELA – Aumento da população na Amazônia | 94 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| RESUMO | 10 |
| ABSTRACT | 11 |
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1. A FORMAÇÃO INTELECTUAL E A RELAÇÃO DE EUCLIDES DA CUNHA COM A AMAZÔNIA..... | 18 |
| 1.1 A formação intelectual de Euclides da Cunha, o evolucionismo e o seringueiro nordestino..... | 19 |
| 1.2 Conflitos Inevitáveis: Os problemas de fronteira do Brasil com o Peru e a Bolívia | 30 |
| 2. EUCLIDES DA CUNHA E A AMAZÔNIA..... | 42 |
| 2.1. A Viagem de Euclides da Cunha à Amazônia | 46 |
| 2.2 Entre os Seringais: Encontro de Euclides da Cunha e Plácido de Castro | 54 |
| 2.3 Análise do Relatório Oficial da Expedição e seus resultados práticos..... | 64 |
| 3. À MARGEM DA HISTÓRIA: UM OLHAR SOBRE A OBRA DE EUCLIDES ALÉM DOS SERTÕES..... | 73 |
| 3.1 Um olhar sobre <i>À Margem da História</i> | 74 |
| 3.2 Impressões Gerais: A Amazônia e o seringueiro visto por Euclides da Cunha... 81 | |
| 3.3 Terras Sem História: A saga dos nordestinos na Amazônia | 88 |
| 3.4 A Tradição Cultural Nordestina na Amazônia em <i>Judas Asvero</i> | 93 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 101 |
| REFERÊNCIAS | 104 |

INTRODUÇÃO

A presente dissertação é o resultado de uma pesquisa que tem por objetivos fundamentais recuperar a memória histórica da passagem de Euclides da Cunha pela Amazônia bem como analisar os textos que foram produzidos por Euclides em decorrência desta passagem. Também é objeto de estudo a visão que Euclides tecia da política internacional de sua época e sua compreensão acerca da vivência social do homem amazônico. A correlação dos temas decorre do fato de que os diversos textos de Euclides sobre a Amazônia - o cenário internacional e a sociedade amazônica - foram escritos em um contexto que envolvia seu trabalho na chancelaria brasileira, seja como chefe da comissão de limites com o Peru, seja como adido do Barão do Rio Branco.

O estudo foi desdobrado, neste sentido, em três eixos fundamentais: O primeiro deles remete aos fatores que determinaram a vinda de Euclides da Cunha para a Amazônia, compreendendo uma análise de seus textos escritos sobre as disputas fronteiriças envolvendo Brasil e Peru, a trajetória de Euclides no Itamaraty, até sua viagem à Amazônia e suas relações como adido do Barão do Rio Branco. Compõe também o primeiro eixo de estudos uma análise que vislumbra o campo de influência na escrita de Euclides – influência prática (suas experiências nos Sertões) e teóricas (pensamento europeu). O segundo eixo de análise se trata especificamente da presença de Euclides na Amazônia, destacando as dificuldades da viagem, o encontro com Plácido de Castro e suas decorrências e um estudo sobre o Relatório Oficial da expedição. O último detém-se na apreciação de seus textos sobre a Amazônia que precedeu à sua vivência *in loco*, sobretudo os reunidos no livro *À Margem da História* (1909).

Para tanto, a realização desta pesquisa se deu através de uma “operação Historiográfica” que aqui desenvolvida poderia ser compreendida em uma perspectiva da história das mentalidades. No entanto, parece muito difícil trabalhar a partir do paradigma de Maurice Agulhon – e sua Sociabilidade Meridional – ou no que é proposto por Michel Volvelle ao descortinar nesse a

possibilidade da construção de um modelo estrutural (VOLVELLE, 1987, p 226-227).

Compreende que, por um lado, a ideia de modelo costuma remeter a enormes dificuldades, sempre que alguns elementos não correspondem à tipologia estabelecida. Por outro, o próprio conceito de “mentalidades” remete a algo acabado, obrigando muitas vezes o historiador a desconhecer determinados documentos que apontem na direção oposta à do modelo que se busca estabelecer.

De certa forma, o trabalho poderá, sem dúvida, estar marcado pelo que hoje se tem caracterizado como história social. Entretanto, a problemática é a da história como “disputa:” homem/natureza; “governabilidade:” estado/território; “combate:” relações sociais (FOUCAULT, 1979, p.124). Esta disputa fica evidente ao longo das análises, seja quando Euclides da Cunha destaca a atuação da força da natureza na formação da paisagem; nas disputas fronteiriças entre brasileiros e peruanos e, sobretudo, nas relações de poder que envolvem o trabalho dos seringueiros na Amazônia.

Pesquisar sobre a presença humana e suas relações sociais na Amazônia, por si só, já se justifica mediante o fato de ser temática constante em nosso cotidiano, ainda mais em tempos contemporâneos onde são realizados grandes investimentos governamentais como a construção de hidrelétricas e portos; acordos fronteiriços internacionais são revistos; a autonomia da Amazônia brasileira é, mais do que nunca, discutida e necessária, fato que nos leva a fazer analogias com condição semelhante – social e econômica – da região ‘descoberta’ por Euclides há mais de um século. Contudo, a ideia do que é ou não importante vem sendo objeto de significativas mudanças, como assinala Paul Veyne (1983): “Quando muito pode-se pensar em alguns fatos são mais importantes que outras, mas essa importância depende inteiramente dos critérios escolhidos por cada historiador e não tem grandeza absoluta”

Desta forma, para uma melhor compreensão dos objetivos propostos, convencionou-se organizar a pesquisa em três capítulos. O primeiro capítulo, parte de uma compreensão do campo intelectual no qual Euclides estava inserido, este entendimento é primordial para o decorrer do trabalho, visto que possibilita uma maior clareza acerca da crítica social e das ideias positivistas que nortearam os escritos de Euclides sobre a Amazônia.

O primeiro capítulo discorre ainda sobre os problemas fronteiriços com o Peru, nele é dedicada especial atenção aos artigos que foram publicados no jornal *O Estado de São Paulo - Fronteiras Sul do Amazonas – Questão de Limites, Conflito Inevitável e Entre o Madeira e o Javari* - e que rememora a viagem de Euclides da Cunha à Amazônia, objetivando que se tenha uma visão panorâmica dos problemas que envolvia a região à época. O capítulo de abertura também realiza considerações acerca do contexto intelectual do pensamento de Euclides da Cunha. Sua formação se deu na transição do Império para a República, e o fato de aderir ao credo republicano ainda estudante da Escola Militar o qual teve repercussões importantes em suas concepções ideológicas e nas leituras feitas durante este período.

Neste segmento da dissertação, destacam-se algumas coincidências encontradas nas análises de Euclides sobre o homem nordestino amazônico e o nordestino dos *Sertões*, sua visão darwinista colocada a princípio como expurgos da evolução. Esta visão cientificista sofre uma guinada com sua experiência *in loco*, os nordestinos tornando-se, a partir daí, vetores da civilização.

Conhecendo o campo teórico no qual Euclides da Cunha se insere e os fatores relacionados às disputas fronteiriças na Amazônia, tratados no capítulo um, possibilita uma melhor compreensão do capítulo seguinte que dispõe sobre a presença de Euclides da Cunha na região. Foi objeto de estudo no segundo capítulo o processo de admissão de Euclides na Chancelaria como chefe da comissão de limites com o Peru.

Sua relação com o Barão do rio Branco também é analisada, haja vista que Euclides foi um dos intelectuais que fizeram parte do círculo mais próximo ao Chanceler brasileiro. Em seguida, procede-se à apresentação dos ocorridos que cercaram sua viagem, sua passagem pelo Pará e as preparações para o início da missão, partindo de Manaus. O capítulo dois também almeja reconstruir a visão que Euclides tinha dos problemas de política internacional de seu tempo. Alguns temas merecem destaque, como suas opiniões acerca do contexto sul-americano e as disputas fronteiriças entre Brasil e Peru e seu temor de uma iminente guerra na região.

Ganha vulto neste capítulo, o fato de Euclides considerar os seringueiros nordestinos os únicos capazes de vencer um possível conflito bélico na região. Ainda na segunda parte da dissertação foi dedicada especial atenção à análise do relatório final da expedição, embora este documento venha concluir os trabalhos de Euclides na Amazônia, entendendo que o mesmo faz parte do contexto da viagem, dos objetivos oficiais, portanto inserido na temática proposta pelo segundo segmento: compreender os fatores que determinaram a presença de Euclides da Cunha na Amazônia bem como suas decorrências.

Em seguida, no terceiro capítulo, procede-se ao estudo dos ensaios e artigos que reproduzem as experiências que Euclides teve na Amazônia. Sua ideia original era escrever um livro a partir dessas experiências, porém, devido à sua morte trágica, não veio a concretizar. Embora não tenha realizado a escrita de um livro, que seria sua “obra máxima” seus textos foram compilados em uma obra denominada *À Margem da História*, a qual Leandro Tocantins tece o seguinte depoimento:

Embora uma obra amazônica fragmentária – sem a vantagem da reunião e da unidade de Os Sertões – nem por isso ele deixou de produzir um testamento espiritual sobre a região. Digno de estar ao lado de Os Sertões. (...) O Euclides Amazônico: franciscanamente lírico, naturalista, compreensivo e experimentalista. (TOCANTINS, 1992, p.14)

É este quadro de ideias em que se projeta a obra de Euclides sobre a Amazônia e que é o objeto principal de análise no terceiro capítulo. Estes

textos colocam o escritor na condição de um dos primeiros intérpretes da região.

Um crítico da ausência do Estado e do abandono no qual a região se encontrava. Sua visão contemplava tanto aspectos físicos, como uma original exposição dos problemas sociais vividos pelo “trabalhador da floresta”, visão esta que vem oferecer ao leitor, por conseguinte, uma perspectiva complexa da realidade da Amazônia, contrapondo-se, em vários aspectos, à ideia de um “paraíso perdido” e harmonioso que muitos cronistas insistiam em retratar.

O exame da assertiva de que a Amazônia era uma *Terra sem História* é o passo inicial na interpretação dos ensaios de Euclides, situando sua compreensão da região a partir das leituras feitas de naturalistas estrangeiros. Em seguida, ainda no capítulo três, foram estudados aspectos específicos de seus textos, como a crítica social, sobretudo a denúncia da exploração do seringueiro, fator presente em vários momentos, tanto no polêmico *Entre os Seringais* escrito por Euclides a partir do encontro que teve com Plácido de Castro, como em seu discurso etnográfico que se aglutina no personagem protagonizado pelo seringueiro.

Conclui o terceiro capítulo uma análise do texto “Judas Asvero” onde Euclides descreve o ritual de Malhar o Judas. A cena se prende no milenar ritual realizado em várias partes do mundo, mas que no Purus – e na visão de Euclides - ganha outras nuances de estilo e apresentação. Um texto que expressa bem o estilo de Euclides, “uma das mais belas páginas de *À Margem da História*” (TOCANTINS, 1992, p.149). Na figura do Judas, o seringueiro “vinga-se, ruidosamente dos dias tristes” (CUNHA, 2006, p.67), é o momento da autopunição e da busca pela redenção.

Portanto, este trabalho visa analisar a presença de Euclides da Cunha na Amazônia, os objetivos de sua viagem e suas decorrências bem como um uma melhor compreensão acerca dos escritos Euclidianos sobre a presença humana nesta região, especialmente os reunidos na obra *À Margem da História*. Como referência documental, valeu-nos muito as cartas escritas por

Euclides, mesmo antes de sua viagem, mas principalmente, durante sua permanência na Amazônia e que foram reunidas por Walnice Nogueira Galvão e Osvaldo Galotti em *Correspondências de Euclides da Cunha*, edição de 1997, que também fazem parte do acervo do Itamaraty e da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Para o estudo sobre a situação de conflitos que envolveram caucheiros peruanos e seringueiros nordestinos brasileiros, fizemos uso de reportagens de periódicos do início do século XX, catalogados em pesquisa realizada durante o mês de setembro de 2013 em centros de documentação e bibliotecas públicas da cidade de Manaus, além dos estudos de Leandro Tocantins, reunidos na obra *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*.

1. A FORMAÇÃO INTELECTUAL E A RELAÇÃO DE EUCLIDES DA CUNHA COM A AMAZÔNIA

No segmento inicial do primeiro capítulo, busca uma interpretação acerca do campo intelectual no qual Euclides estava inserido, entende-se que ao compreender as influências ideológicas que moldaram o pensamento euclidiano, resultará em um melhor entendimento sobre o posicionamento de Euclides na defesa sociológica do homem amazônico.

Alguns aspectos despontam à atenção quando se observa com maiores critérios os escritos de Euclides da Cunha sobre a Amazônia: ele não somente busca retratar a realidade do homem amazônico, mas, sobretudo defendê-lo. É um ferrenho defensor do seringueiro, profundo crítico das amarras às quais foram subjugados. Muitas destas “falas denunciadoras” serão temas de análises ao longo desta dissertação. Este capítulo de abertura busca trazer à tona discussões que levam a uma melhor compreensão das origens de tamanha indignação. O entendimento é de que Euclides realizou sua percepção acerca do homem amazônico ainda sob forte emoção dos fatos ocorridos no interior da Bahia, quando lá esteve como jornalista e, por conseguinte, suas impressões passaram a representar uma situação análoga, vivenciada na Amazônia.

Esta analogia entre os personagens é compreensível, pois, neste caso, a memória passou a realizar uma releitura de situações semelhantes, mudando-se o espaço e tempo. A opressão, o abandono e a exploração são agentes testemunhados pelo autor em Canudos, estes mesmos agentes estiveram fortemente presentes durante a estada de Euclides na Amazônia, influenciando diretamente suas impressões.

Fortemente influenciado por correntes filosóficas europeias, sobretudo a Positivista. Neste ponto de análise, vislumbra-se uma interpretação distinta: as contradições na obra de Euclides debilitam a exposição das correntes filosóficas de que lhe eram contemporâneas, tornando seu posicionamento ineficaz e com pouca coerência. Assim, a aceitação das teses evolucionistas tende a ser enfraquecida pela forte impressão que causou em Euclides o

contato com a realidade: a vivência no mundo do sertanejo – nordestino e amazônico – vai marca-lo profundamente.

Observa-se, neste aspecto uma divergência de pensamento. Euclides realiza uma análise do processo de ocupação da Amazônia aos “olhos da ciência” partindo da teoria evolucionista de que a falta de progresso, o retardamento cultural e a “ausência de História” pela qual a região se encontrava, era em decorrência da forma como foi sendo ocupada. Ele alega que este processo se deu de forma desordenada, impulsionado por nordestinos “famintos e doentios”, fato que impossibilitava uma “evolução natural”. Todavia, este posicionamento tendeu a mudar a partir das experiências vivenciadas por Euclides na região. Euclides passou a defender a tese de que somente os “destemidos nordestinos” seriam capazes de sobreviver em uma região tão inóspita, sendo eles, portanto, vetores do progresso.

1.1 A formação intelectual de Euclides da Cunha, o evolucionismo e o seringueiro nordestino.

É primordial iniciarmos a análise dos escritos de Euclides da Cunha sobre a Amazônia, partindo de uma investigação que nos leve a uma melhor compreensão do campo intelectual no qual Euclides estava inserido, pois suscitar considerações que tem como propósito apresentar os aspectos fundamentais de seu pensamento, nos concede uma clareza de seu posicionamento sobre as várias faces que margeiam seus escritos amazônicos.

O estudo de seu pensamento requer, portanto, uma reflexão correlata que diga respeito á sociedade em que viveu e que teve papel primordial na conformação de suas posições político-ideológicas. Este segmento inicial vem discutir as influências ideológicas sofridas por Euclides e que contribuiram para determinar sua maneira de ver a Amazônia e suas relações sociais.

Euclides fazia parte de uma elite pensante, e como tal, retratava os interesses deste grupo. Embora em muitos momentos, resignava-se com os rumos em que o cenário político da época descampava. Euclides relacionava-

se com figuras importantes que conduziam o poder no início da República, inserindo-se assim, no que Bourdieu define como “campo intelectual”, ou seja, Euclides fazia parte de um “sistema de posições predeterminadas” (BOURDIEU, 1974, p.189). Bourdieu corrobora com esta posição afirmando que:

O que as diferentes categorias de artistas e escritores de uma determinada época e sociedade deviam ser o ponto de vista do *habitus* socialmente constituído, para que lhes tivesse sido possível ocupar as posições que lhes eram oferecidas por um determinado estado do campo intelectual e, ao mesmo tempo, adotar as tomadas de posição estéticas ou ideológicas objetivamente vinculadas a estas posições. (BOURDIEU, 1974, p.190)

O sentimento de pertinência a determinado grupo social inserido no campo intelectual, levará Euclides a manifestar, como ressalta Bourdieu, um conjunto de “posições estéticas ou ideológicas objetivamente vinculadas a estas posições”. Tais posições levaram Euclides a embebedar-se de teorias científicas centrais em destaque na Europa, teorias que serviram de alicerce para a afirmação da nacionalidade brasileira, sejam do ponto de vista da formação territorial como racial.

De todo modo, não se trata de adotar uma concepção determinista, no entendimento de que os textos de Euclides são moldados por fatores sociológicos e carecem, assim, de autonomia do ponto de vista estético. Ao contrário, o que se pretende é emergir uma compreensão tanto dos aspectos relacionados à obra como considerar sua estrutura como sendo carregada de qualidades estéticas que independem do fato de o texto refletir ou não a realidade.

A formação intelectual de Euclides foi marcada por uma profunda influência das chamadas “ciências sociais”, este conhecimento sociológico nunca foi refutado por Euclides, ganhando maior destaque no contexto do advento da República, especialmente através da imprensa. O traço marcante de suas análises sociológicas é, sobretudo determinado pelo republicanismo, isto se deve muito em decorrência de sua formação que ocorreu num ambiente

impregnado pelos ideais positivistas que colocavam a monarquia em uma posição de extremo desconforto, vislumbrando a ciência como instrumento primordial de análise da sociedade e da natureza. Essa formação cientificista, obtida nos anos que estudou na Escola Militar da Praia Vermelha, se fará presente de modo indelével em suas convicções políticas. Acerca das ideias que influenciaram a formação intelectual de Euclides, Kassius Diniz da Silva Pontes, destaca que

O contexto histórico que marca o declínio do Império e a ascensão da República é acompanhado por transformações sociais e culturais que levam a intelectualidade a buscar novos fundamentos para a nação. As concepções filosóficas que emergem na Europa desempenham, nesse processo, um papel decisivo. O darwinismo, o positivismo comtiano e o evolucionismo consubstanciaram-se, a partir da década de 1870, num ideário que levaria, no Brasil, à defesa ideológica do republicanismo. (PONTES, 2005, p.26)

Na leitura da obra de Euclides da Cunha, percebemos sua grande ligação com as ciências naturais e humanas; em seus textos amazônicos, são comuns recorrências a cientistas e pesquisadores como Humboldt, Goeldi, Wallace, Martius, entre outros, além de claras referências a teorias cartesianas ao referir-se ao rio Purus, que segue “num ritmo perfeito, refletindo o jogar de leis mecânicas capazes de se sintetizarem numa fórmula, que seria a tradução analítica de curioso movimento pendular sobre um plano de nível” (CUNHA, 2006, p.380).

O ingresso de Euclides na Escola Militar é o marco inicial para o estudo dos mais variados ramos da ciência, como a geografia, astronomia, geologia, mineralogia, entre outras. Seus estudos o levaram a se tornar bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais. Euclides estudava e frequentava locais onde se discutia e difundia-se autores como Comte, Darwin, Haeckel, Spenser e Gumplowicz, cujas ideias estavam em voga na Europa. Paredes (2011) assinala que:

É esta agitação de ideias e instabilidade intelectual que vale à pena ser seguida. Merece destaque o repertório teórico disponível naquele contexto de escrita: positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo,

cientificismo. Etc. uma onda de novas compreensões acerca da natureza, da sociedade, da história (PAREDES, 2011, p.64).

Com relação a essas ideias, contudo, Euclides deixou claro que sua aceitação não deveria significar a aplicação irrestrita de concepções estrangeiras à realidade brasileira. Pelo contrário, Euclides afirmou, em diversos momentos, que a especificidade de formação brasileira exigia um esforço maior de reflexão, que fosse além da incorporação acrítica de teorias gestadas em outros países.

A ligação de Euclides da Cunha com as ciências e em especial com a Teoria Darwinista, mantém-se viva ao longo de toda sua vida, já em *Os Sertões* Euclides sublinha o sertanejo como “uma raça forte”, considerando-o o cerne de nossa nacionalidade.

Em uma análise sobre as disputas imperialistas norte-americanas e alemãs, Euclides preconiza a luta de raças como força motriz da história, destacando sua admiração por Darwin e Gumplovicz¹, em carta de 27 de fevereiro de 1903 a Araripe Junior, ele ressalta “sou um discípulo de Gumplovicz, aparadas todas as arestas duras daquele ferocíssimo gênio saxônico.” Levando a entender, que Euclides achava justificável o domínio das vastas regiões amazônicas pelos nordestinos, em detrimento dos peruanos, visto que este seria o percurso natural, prevalecendo a bravura e resistência dos sertanejos.

Em seus ensaios sobre a Amazônia, Euclides deixa transparecer sua adesão aos princípios científicos defendidos por Charles Darwin. Em vários artigos, publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, a respeito de uma eminente guerra entre Brasil e Peru, Euclides da Cunha busca respaldos em argumentos raciais para criticar o país vizinho, alegando que a miscigenação seria a responsável pelo desencadeamento de impulsos belicosos dos peruanos.

¹ Ludwig Gumplowicz foi um advogado, professor e político polonês. Ludwig é autor de uma teoria sociológico do Estado baseado na luta de raças e na conquista dos povos mais fracos pelos mais fortes. *In: William M. Johnston, The Austrian Mind: An Intellectual and Social History, 1848-1938* (University of California Press, 1983), p. 175.

Ademais, a compressão que tinha do panorama político internacional, marcado pelo crescente poderio e intervencionismo norte-americano na América Central e do sul, baseava-se na tese de que a disputa entre as nações também era parte de um processo de seleção natural, em que os mais fracos estariam fadados ao fracasso. Contudo, percebe-se uma clara tentativa de Euclides em “enquadrar” seus conhecimentos teóricos e, em especial, às teorias evolucionistas, nas situações antropológicas vivenciadas pelo autor, fato que o levou a algumas incorreções, quando não, mudança de pensamento quanto aos sujeitos responsáveis pela condução do processo evolutivo humano.

Paredes (2011) reforça a ideia de mudança na postura teórica de Euclides, “não vendo aplicabilidade dos conhecimentos de que dispunha, o intelectual de formação positivista sentia o desespero epistemológico de quem procura a chave da resposta às indagações e não encontra nada.” (PAREDES, 2011, p.69)

No caso dos *Sertões*, mesmo em breve análise, é possível perceber que a imagem inicial que Euclides tinha dos jagunços era de um grupo inferior, desordeiros da ordem que não seriam vetores de desenvolvimento da raça humana. Mais uma vez, recorremos a Paredes (2011) para respaldar nosso raciocínio quando ressalta que:

Neste momento, o sertanejo ainda é entendido como um selvagem. Estreitamente vinculado à aspereza da terra. Ainda manifesta convicção na inferioridade do jagunço; inferioridade que o aproxima de animais repugnantes. É a porção negativa de gente brasileira. A fatia étnica que restava civilizar e domesticar. Para além da inferioridade na cadeia evolutiva das raças, o sertanejo representaria a inversão das leis consagradas pelas teorias científicas da época (PAREDES, 2011, p.68).

Entretanto, é ainda em “Os Sertões” que Euclides, paradoxalmente, passa a sublinhar o vigor do sertanejo, considerando-o o cerne de nossa nacionalidade e “uma raça forte”. Essa já referida contradição interna de sua obra – os preconceitos coexistem com a visão positiva dos tipos étnicos nacionais que resultam da mistura de raças – enseja diversas críticas aos

argumentos de Euclides, como a acusação de arauto da “ideologia do colonialismo²”.

Percebe-se este paradoxo de ideias também nos textos euclidianos sobre a Amazônia, em um artigo publicado no jornal O Estado de São Paulo, em 14 de maio de 1904, intitulado *Conflito Inevitável*, Euclides demonstra um pragmatismo singular a respeito de suas concepções sobre a Amazônia, nele é possível perceber as influências dos ideais positivistas e evolucionistas ao tentar interpretar os fatos políticos envolventes nas disputas fronteiriças à luz de pressupostos geográficos e etnográficos. É claramente a visão de Euclides baseada em leituras europeias, fato que tende a mudar com sua presença na Amazônia.

Em correspondências e alguns textos publicados em meados de 1904, Euclides analisa novamente as pretensões peruanas e atenta que a correta apreensão dos problemas fronteiriços do Peru e do Brasil demandaria um exame percuciente das peculiaridades do território e do povo em disputa, passando a realizar uma leitura dos conflitos, agora, à luz dos princípios do determinismo.

Euclides passou a rechaçar a tese de que a progressiva penetração dos peruanos em território brasileiro advinha tão somente da cobiça pelas riquezas existentes na região, mas sim e, sobretudo, de uma série de fatores naturais que estariam impedindo a expansão dos peruanos ao seu progresso e que, por conseguinte, os trariam rumo à Amazônia brasileira. Pontes (2005) observa esta mudança de pensar em Euclides e conclui que “como não se tratasse apenas da ‘avidez de alguns aventureiros’, Euclides cuida de formular sua tese sobre a causa geradora dos choques com o Peru: uma ‘lei física inviolável’ que

² De acordo com Nelson Werneck Sodré (Revisão de Euclides da Cunha – Obra Completa, v.2), o emprego de conceitos importados das doutrinas européias indicaria, nos textos de Euclides, a influência da “ideologia do colonialismo”. Sodré a conceitua da seguinte forma: “por ideologia do colonialismo se entende aqui o conjunto de ideias e conceitos que, gerado e desenvolvido com a expansão colonial das nações do Ocidente europeu, pretende justificar a sua dominação sobre as áreas de que se haviam apossado em ultramar (...)”. a ideologia do colonialismo reuniria, nesse passo, “tudo o que justificava a exploração colonial: conceitos de clima, conceitos de raça, conceitos de civilização”.

determinaria a expansão do país vizinho rumo ao Atlântico” (PONTES, 2005, p. 56).

Estão patentes, em seu texto, os princípios fundamentais do darwinismo: a luta pela vida, em que a eliminação dos mais fracos favorece a sobrevivência dos mais fortes. Os textos de Euclides da Cunha sobre os conflitos entre brasileiros e peruanos revelam, assim, algumas recorrências de sua obra, comuns a outros intelectuais de seu tempo, ou seja, próprias de seu campo intelectual específico, que manifestava uma ideologia de acordo com os problemas típicos do pensamento republicano e sob influência do pensamento europeu. Para Pontes (2005),

A preocupação científicista, presente no exame etnográfico das populações locais, e uma visão estratégica da Amazônia e de sua integração ao Brasil estão presentes de forma embrionária nos artigos que Euclides publicou em 1904. (PONTES, 2005, p. 59)

Para Euclides, o desenvolvimento humano nestas vastas regiões seguiu os padrões naturais visualizados até então, buscando na Ciência Darwinista explicação para a vivência humana em regiões tão inóspitas,

Porque se realizou ali, e ainda se realiza uma vasta seleção natural. (...) Lá persistem apenas os fortes. E sobrepujando-os pelo número, pelo melhor equilíbrio orgânico de uma aclimação mais pronta, pela robustez e pelo garbo no enfrentarem perigos, os admiráveis caboclos cearenses que revelaram a Amazônia. (CUNHA, 1994, p.165)

Euclides persistiu, assim, nas teses evolucionistas, lançando mão da terminologia darwinista e reiterando que, dadas as condições físicas e climáticas da região, apenas os mais preparados fisicamente – neste sentido, os nordestinos, os “jagunços” seriam o melhor exemplo disso – poderiam sobreviver.

Euclides vê em todo o processo de ocupação da Amazônia claros fenômenos evolucionistas. Para ele, a seleção natural puniria os seres despreparados para enfrentar os reveses apresentados pela natureza. O clima,

as doenças e as dificuldades de transporte seriam mecanismos de seleção. Caberia ao nordestino, já disciplinado às intempéries, a tarefa de ocupar “o deserto amazônico”.

As dificuldades de adaptação enfrentadas pelos imigrantes nordestinos são muitas vezes agravadas pela desorganização pelo qual o processo foi conduzido. Esse modelo desordeiro como é conduzido à ocupação da Amazônia, é alvo de críticas de Euclides, ele acredita que a ausência de um projeto colonizador organizado, decorre, sobretudo da situação vivida pelos nordestinos em sua terra natal. A ocupação da Amazônia deu-se, portanto, em razão do flagelo da seca. Euclides ressalta que,

Quando as grandes secas (...) flamejam sobre os sertões adustos, e as cidades do litoral se enchiam em poucas semanas de uma população adventícia de famintos assombrosos, devorados das febres e das bexigas – a preocupação exclusiva dos poderes públicos consistia no libertá-las quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil (CUNHA, 2006, p.48)

Seria a escassez de vida no Nordeste que determinou este fenômeno: a Amazônia foi ocupada por fugitivos, não suportando a vivência em suas próprias raízes. Partindo desta constatação, Euclides desenvolve seu pensamento racial, (re) formulando sua visão acerca do processo evolutivo envolvendo o nordestino na Amazônia.

Percebe-se neste ponto uma mudança no discurso etnográfico de Euclides, até então ele exalta as qualidades e a bravura dos nordestinos em sua empreitada na Amazônia. Destaca que, como são adaptados às dificuldades e as mazelas que o nordeste os impôs, mostraram-se capaz de superar os desafios impostos pela hiléia amazônica, podendo portando, sobreviver às regras da seleção natural. Esta visão heróica de Euclides sofre reveres. Ele analisa a forma desordeira e a falta de uma organização no processo de ocupação da Amazônia, passando a ver neste modelo, “uma seleção natural invertida”, impugnando o caráter benéfico da imigração nordestina.

O discurso de Euclides passa a tratar o nordestino não mais como o “forte e destemido jagunço”, ele registra que foram “todos os fracos, todos os inúteis, todos os doentes e todos os sacrificados expedidos a esmo, como o rebotalho das gentes, para o deserto” (CUNHA, 2006, p.49). Ocorre aqui uma guinada na análise de ocupação da Amazônia, neste momento o nordestino não é visto mais como um bravo predisposto a suportar os desafios impostos pelo clima amazônico, ao contrário, o nordestino seria a “válvula de escape”, o “rebotalho das gentes” (CUNHA, 2006, p.49) usadas pelo governo para minimizar os efeitos da seca pela qual o nordeste enfrentava.

Enviar os nordestinos para a Amazônia seria uma forma eficiente dos órgãos públicos para diminuir as tensões sociais, desvencilhando-se assim da presença cada vez maior de “famintos assombrosos” (CUNHA, 2006, p.49) que as cidades do litoral estavam sofrendo. Euclides vivencia esta situação de migração descontrolada, chocando-se com o fardo sofrido pelos nordestinos e com o descaso do governo. Euclides destaca que dia após dia,

Abarrotavam-se, às carreiras, os vapores, com aqueles fardos agitantes consignados à morte. Mandavam-nos para a Amazônia – vastíssima, despovoada, quase ignota – o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pátria (CUNHA, 2006, p.50).

Compreende-se com tal posicionamento de Euclides a clara dualidade de pensamento acerca do nordestino no contexto de ocupação da Amazônia. A princípio o nordestino visto como “herói destemido” onde seriam os únicos capazes de enfrentar a vastidão amazônica, pois já se apresentavam “disciplinados pelos reveses” do nordeste, com “organismos robustos”, o triunfo no processo de domínio da floresta estava garantido.

Em seguida, Euclides apresenta este nordestino como um resultado de uma seleção natural invertida, que na Amazônia chegaram com “seus famintos, os seus febreiros e os seus variolosos, em condições de malignar e corromper as localidades mais salubres do mundo” (CUNHA, 2006, p.50). Percebemos nesta dualidade a visão de Euclides como participante do processo, quando

exalta a empreitada dos nordestinos mostra as percepções de sua presença na Amazônia.

Quando Euclides aborda seu aspecto pessimista em relação à miscigenação, demonstra as influências exercidas pelas correntes filosóficas europeias vigentes na época. Sodré (1979) entende estas contradições no pensamento de Euclides como uma forma de reforçar o pensamento colonialista vigente na época, destacando que:

Existe em Euclides um dualismo singular, de que os seus livros estão pontilhados: enquanto observa, testemunha, assiste, conhece por si mesmo, tem uma veracidade, uma importância, uma profundidade e uma grandeza insuperáveis; enquanto transmite a ciência alheia, ainda sobre o que ele mesmo viu, testemunhou, assistiu, conheceu, descai para o teorismo vazio, para a digressão subjetiva, para a ênfase científica, para a tese desprovida de demonstração (SODRÉ, 1979, p.32).

Este “dualismo singular”, exaltado por Sodré, mostrando de uma vertente, o campo da teoria, das correntes do pensamento europeu, do outro o confronto de Euclides com a realidade, vai lhe possibilitar uma perspectiva mais positiva acerca dos fenômenos que discute, reforçando, neste sentido, que o pensamento de Euclides sobre certos temas não são singulares.

Seja qual for seu pensamento sobre o nordestino na Amazônia – heróico ou pessimista – o que percebemos no discurso de Euclides é uma profunda crítica à ausência do Estado, ele utiliza este contexto de ocupação desordenada para atacar a política governamental que visualizava apenas uma forma de se livrar dos problemas enfrentados pelo Nordeste. O papel do governo limitava-se ao envio das populações à Amazônia, abandonando-os após este feito. Sua crítica era de que, “feita a tarefa expurgatória, não se curava mais dela. Cessava a intervenção governamental. Nunca, até aos nossos dias, a acompanhou um só oficial, ou um médico. Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem...” (CUNHA, 2006 p.49)

Assim como seu discurso, a conclusão de Euclides acerca do processo de ocupação da Amazônia é bastante dúbia. Mesmo destacando que a

colonização se deu através de uma “seleção invertida”, onde os que migraram foram marcados pela fome e pelas doenças, Euclides exalta os resultados do processo. Testifica que, apesar do descaso do governo, esta região ganha vulto no cenário nacional, destacando-se, sobretudo no contexto econômico,

Não desapareceram. Ao contrário, em menos de trinta anos, o estado que era uma vaga expressão geográfica, um deserto empantanado, a estirar-se, sem limites, para sudoeste, definiu-se de chofre, avantajando-se aos primeiros pontos do nosso desenvolvimento econômico (...). No entanto, as populações transplantadas se fixam, vinculadas ao solo; o progresso demográfico é surpreendente (CUNHA, 2006, p.50).

É possível que a ideia contraditória de Euclides seja apenas aparente, ele salienta que são estes “famintos assombrosos” que vão à Amazônia apenas para – e aqui o ponto de contradição – dar mais destaque ao resultado do processo colonizador. Este nordestino faminto e insalubre que passa a ocupar a floresta foi o responsável, mesmo com a ausência do estado, de levar a adiante o povoamento e exploração das riquezas da região. É deste fenômeno – o fraco vencendo em um ambiente improvável – que emergiria o heroísmo do nordestino.

Em todo caso, o discurso evolucionista que permeia o nordestino amazônico de Euclides, não se apresenta coerente. Com pouco grau de objetividade, como resultado Euclides apresenta uma mescla de impressões subjetivas e tentativas de aplicação aleatória de teses evolucionistas. O que se percebe é que o discurso evolucionista de Euclides mostra-se mais literário do que propriamente científico, daí resultam as contradições apontadas.

Decisivamente Euclides fora influenciado por concepções científicas modernas, tonando-se um exemplo de como esse conjunto de ideias relutaria, na defesa, no plano político, de reformas políticas e sociais, lançando mão de argumentos muitas vezes frágeis dadas a disparidade entre seu conhecimento ideológico e a realidade brasileira. Convém salientar que Euclides fazia parte de um grupo de intelectuais que possuíam um projeto, afinados com os centros europeus, em promover, com esteio nas novas correntes filosóficas, a modernização do país, do ponto de vista político, social e cultural.

Contudo, a análise do campo intelectual no qual Euclides cerceava, bem como suas teorias sobre o processo de ocupação da Amazônia proporciona respaldos para uma melhor compreensão acerca da formação da identidade do homem amazônico, especialmente a partir de sua vivência nestas vastas regiões.

Todo o quadro exposto – influências ideológicas europeias, pensamento cientificista e teorias evolucionista – se presta a colaborar para a interpretação da produção de Euclides da Cunha sobre a Amazônia e de seu desejo declarado em conhecer a região. A compreensão deste segmento de sua obra impõe que se tenha em foco o fato de que Euclides é um republicano crítico, observador das questões políticas e pregador de profundas reformas sociais.

Este conjunto de concepções foi decisivo para que Euclides se posicionasse, em diversos momentos, sobre os problemas relacionados à política externa brasileira, especialmente sobre a Amazônia. Tal posicionamento corroborou para sua indicação como chefe da comissão de reconhecimento das nascentes do rio Purus, cujo principal objetivo era buscar soluções para os conflitos belicosos que estavam ocorrendo na região, entre brasileiros e peruanos, objeto de investigação do próximo segmento.

1.2 Conflitos Inevitáveis: Os problemas de fronteira do Brasil com o Peru e a Bolívia

Faz-se agora uma análise da situação conflituosa na qual a Amazônia se encontrava no início da República, o Brasil havia incorporado o Acre, fato que acentuou a necessidade de entendimentos com o Peru para o estabelecimento de linhas limítrofes entre os dois países. A grande preocupação na época era a divisa entre o Acre e o Peru, objeto central das tensões, em função dos interesses econômicos que se voltaram para a

crescente produção da borracha na região. Ademais, a compreensão dos aspectos relacionados às questões fronteiriças na Amazônia fomentará um melhor entendimento dos ocorridos relacionados à presença de Euclides da Cunha na região.

As preocupações de Euclides sobre os conflitos fronteiriços são bem anteriores à sua estada na região, segundo Bolle (2005) esta preocupação se deu primeiramente em um artigo publicado no Jornal “O Estado de São Paulo”, em 14 de novembro de 1898, sob o título de *Fronteiras Sul do Amazonas – Questão de Limites*, nele Euclides tece uma análise sobre a obra de título homônimo de Manuel Tapajós, destacando o processo de ocupação da Amazônia e a fixação dos domínios de Portugal na região.

Neste artigo, Euclides pontua a importância de expedições que, de modo geral, colaboraram para a inserção da Amazônia nos objetivos da ciência, como é o caso das lideradas por La Condamine³ e Humboldt⁴, para Euclides, “ao revelar, na Europa, os resultados da travessia, foi como se notificasse a aparição de um novo mundo (CUNHA, 1994, p. 21)”.

Nos anos que se seguem, escreve outros artigos onde se sobressaem seus temores acerca da temática Brasil/Peru. Bolle (2005) corrobora da seguinte maneira:

³ Foi um cientista e explorador francês, realizou várias viagens à África, Oriente e América, entre os anos de 1735 e 1744 fez parte da missão geodésica da Académie des Sciences, alguns anos depois, mapas, relatos de viagens, anais oficiais, correspondências, relatórios, toda uma batelada de impressos resultam desta expedição que suscita uma curiosidade e uma celebração sem precedentes. Em recente trabalho, Maria Cristina Bohn Martins (2012), analisa os resultados desta expedição, destacando sua contribuição para o desenvolvimento dos saberes sobre a Amazônia “para o progresso das ciências que viajavam os dedicados estudiosos, esclarecendo erros e eliminando dúvidas, para “o proveito comum das nações” (MARTINS. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 38, n. 2, p. 303-324, jul./dez. 2012) Fonte: www.scielo.br/pdf/rbh/v29n57/a04v2957.pdf / Acesso : 14/09/2014.

⁴ Humboldt realizou uma expedição às Américas entre os anos de 1799 e 1804 onde aprimorou aspectos marcantes de suas experiências como sua visão abrangente das ciências. Para ele, todos os fenômenos naturais obedeciam a uma “física do mundo”, que regia e interligava a terra, o mar e a atmosfera às plantas, animais e sociedade, ideia marcante no desenvolvimento das chamadas Ciências Naturais. (KOHLHEPP, *Gerd*. Descobertas científicas da Expedição de Alexander von Humboldt na América Espanhola (1799-1804) sob ponto de vista geográfico. Revista de Biologia e Ciência da Terra. Volume 6- Número 1 - 2º Semestre 2006) in <http://eduep.uepb.edu.br/rbct/sumarios/pdf/humboldt.pdf> / Acesso:14/09/2014.

(...) a questão candente dos escritos amazônicos é o litígio entre Brasil e Peru a respeito das fronteiras. Em três artigos, publicados no Estado de S. Paulo, respectivamente em 14, 22 e 29/5/1904, intitulados “Conflito Inevitável”, “Contra os Caucheiros” e “Entre o Madeira e o Javari”, Euclides discute o perigo iminente de uma guerra entre o Brasil e o Peru, em decorrência do conflito de interesses entre os dois países na região amazônica. (BOLLE, 2005, p. 142)

Pode-se perceber que Euclides já demonstrava certa inquietude com os rumos que os interesses fronteiriços entre Brasil e Peru poderiam tomar, visto que os litígios entre as duas nações tendiam em despontar em uma guerra, Euclides temia a perdas territoriais caso não ocorresse uma intervenção mais enérgica por parte do governo brasileiro.

As constantes ocorrências belicosas entre brasileiros e peruanos⁵ na região do Alto Purus e Alto Juruá, foram entendidas por Euclides em um artigo intitulado “*Conflito Inevitável*”, publicado na imprensa carioca e posteriormente reunidos no livro *Contrastes e Confrontos*, como sendo,

As incursões peruanas não denunciam apenas a avidez de alguns aventureiros doidamente ferretoados da ambição que os arrebatava às paragens riquíssimas dos seringais. São mais sérias, são quase um expressivo movimento histórico, desencadeado com uma finalidade irresistível. Não as determinam apenas as energias sociais instáveis e dispersivas da república sul-americana mais malignada pela caudilhagem, senão as mesmas leis físicas invioláveis de toda aquela zona. (CUNHA, 1994, p.6)

Euclides registra ainda que o projeto de penetração peruana na Amazônia era antigo, tendo se manifestado em diferentes ações dos governos daquela república, interessados na construção de ferrovias que ligassem a Amazônia peruana ao litoral. Sobre um possível conflito de tropas regulares, Euclides adverte as autoridades brasileiras acerca dos resultados alertando que poderiam ser desastrosos, lembrando o episódio da Guerra do Paraguai:

⁵ Diante da crescente tensão entre brasileiros e peruanos na região, foi assinado um convênio, em 12 de julho de 1904, segundo o qual os governos determinavam um prazo de cinco meses para a solução do problema, ficando neste período, a segurança da região a cargo de uma guarda mista Brasil-Peru, porém somente em 1909, foi assinado um tratado definitivo, baseando-se no princípio do *Uti Possidetis*.

Se contra o Paraguai, num teatro de operações mais próximo e acessível, aliados às repúblicas platinas, levamos cinco anos para destruir os caprichos de um homem – certo não se podem individualizar e prever os sacrifícios que os imporá a luta com a expansão vigorosa de um povo (CUNHA, 1994, p.10)

Em *Conflito Inevitável*, Euclides da Cunha faz uma análise partindo de uma interpretação da sociologia política, sobre os fatos que estavam ocorrendo nas disputas do Alto Purus e Alto Juruá, vivenciando estas tensões do norte, Euclides entra nos debates, especialmente sobre a questão peruana⁶. Neste mesmo artigo, analisa que as incursões dos peruanos, “não como o resultado da ambição de alguns aventureiros que queriam enriquecer nos seringais, mas como um movimento histórico irreversível”.

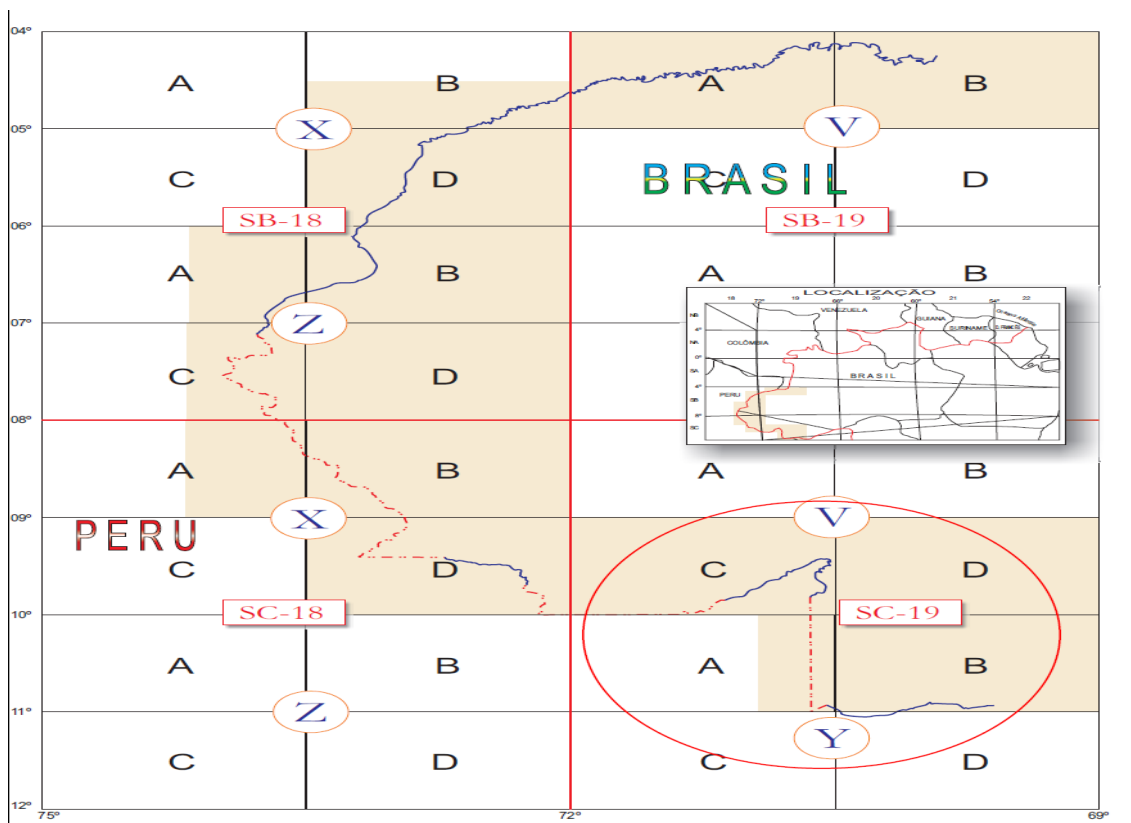
Euclides defendia que o processo de expansão dos peruanos, tem decorrência, sobretudo das circunstâncias territoriais que na época, confinavam o peru entre o Pacífico e os Andes. A pobreza de recursos do litoral e o fato de não vislumbrar uma solução para esse problema no Pacífico impulsionava a nação para a busca de um acesso ao Atlântico, o que exigiria o domínio de áreas no Purus e no Juruá, tributários do Amazonas.

O argumento de Euclides é, como se vê, resultado de um conjunto de fatores geográficos e naturais, explicado pelo fato da população está confinada em um litoral estéril, além de instintos nacionalistas que passou a vislumbrar na Amazônia uma possível saída para as restrições impostas pela natureza.

Chama-nos à atenção o título do artigo, *Conflito inevitável*. A visão da culminância inevitável de um conflito com o Peru advém do fato de Euclides entendia que, naquele momento, se encontrava diante da “expansão vigorosa de um povo” ditada pelas condições naturais e étnicas, e por isso, compreendia que uma solução por meios diplomáticos e políticos pouco provável.

⁶ Euclides conhecia bem as pretensões do Peru na Amazônia, no final da carta que escreveu ao Barão em 20 de março de 1905, afirmava que (...) Em caminho, sempre que puder e houver matéria digna de nota, escreverei a Va. Excia. Tendo bem presente a recomendação que ahi me fez”, em uma demonstração de que já havia estudado o assunto e que estava ciente dos reais interesses do governo peruano na região, tendo recebido informações diretamente o Barão.

Figura 01: Mapa da fronteira entre Brasil e Peru, área em destaque (circundada) mostra a região de conflitos entre caucheiros e seringueiros.



Fonte: Primeira Comissão Brasileira de Demarcação de Limites.

In: http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Pcdl/pt-br/file/Fronteiras/Peru/Detalhe%208_2.pdf

Acesso: 20/07/2014

O mapa acima, elaborado pela Comissão Brasileira de Demarcação de Limites, em 1913, dá uma dimensão do território conflituoso. Coube à Comissão chefiada por Euclides, definir os pontos limítrofes da região pretendida pelos dois países. Os poucos estudos cartográficos que existiam na época, quando não eram confiáveis eram divergentes. De modo geral, existiam dúvidas que compreendiam em saber o curso exato do rio na região do Alto Purus, bem como a exatidão de suas nascentes, áreas delimitadas entre os pontos V e Y do mapa.

Esta região foi ao longo do tempo sendo ocupada por peruanos, que buscavam extrair o caucho e brasileiros nordestinos impulsionados pela economia gomífera.

Euclides observa ainda que a posição geográfica do Peru condicionava seu desenvolvimento em direção ao Atlântico, pois o país se encontra entre dois extremos: a Cordilheira dos Andes e a Floresta Amazônica com seus rios caudalosos. Silvio Rabelo (1946), no texto “Terra de Ninguém”, ressalta que,

Não havia outra salvação para o Peru: Transpor a cordilheira dos Andes, descer para a Amazônia. Surgia, porém, uma dificuldade. Não bastava o domínio da planície para que o Peru pudesse vencer-se a si mesmo. A muralha andina, trancando a saída para o mar, impedia o escoamento da sua riqueza. É que o verdadeiro mar do Peru não é o Pacífico, mas o Atlântico. E por isso todo seu esforço para a conquista do Juruá e do Purus representava uma imposição de vida. (RABELO, 1946, p.325)

Euclides da Cunha considerava as ações dos peruanos ditadas mais pelas condições do meio físico, que os impeliria em direção ao Atlântico, sendo a sua saída obrigatória o Purus. Mostrava-se contrário ao envio de tropas regulares para a região litígio, pelo prejuízo resultante para as negociações em torno das circunstâncias administrativas criadas pelo Tratado de Petrópolis, e entendia que “está passado o tempo em que a honra e a segurança das nacionalidades se entregavam, exclusivamente, ao rigor das tropas arregimentadas” (CUNHA, 1966, p.161).

Cunha (1966), numa alusão aos imigrantes nordestinos, defendia que “as forças para repelir a invasão já ali se acham destras e aclimadas, nas tropas irregulares do Acre, constituídas pelos destemerosos sertanejos dos estados do norte, que estão transfigurando a Amazônia”. (CUNHA, 1966, p.162), isso nos remete a ideia de que contra os caucheiros haveria a ação dos jagunços.

Compreende-se que o argumento inicial de Euclides é o de que o envio de batalhões para o Alto Purus “é um erro”. À primeira vista, parece-nos que Euclides declinará as razões para que se evite um conflito armado no Peru. Porém ele ressalta que as tropas regulares do Exército não teriam preparo nem resistência física para combater na região.

Ao afirmar que passou o tempo em que a segurança das nacionalidades escoava-se apenas em “tropas arregimentadas”, Euclides queria dizer que parecia mais aconselhável que os próprios habitantes da região, neste caso, os nordestinos que migraram para a extração do látex, estejam na linha de frente da resistência à invasão. Não se trata, pois, de lamentar o conflito, mas de adicionar a ele novas considerações de ordem etnográfica.

Seu temor era que tropas tradicionais não tivessem condições de combater num ambiente inóspito, onde o inimigo emprega táticas heterodoxas:

Ali não nos aguardam tropas alinhadas. Esperam-nos os caucheiros solertes e escapantes, mal reunidos nos batelões de voga, dispersos nas ubás ligeiras, ou derivando velozmente, isolados, à feição das correntes, nos mesmos paus boiantes que os rios acarretam. (CUNHA, 1994, p.13)

Além dos expostos, o clima é fustigante, capaz de assustar o mais bravo aventureiro, algo que torna árdua a adaptação humana. Esses empecilhos fazem com Euclides vem concluir que o envio de tropas oficiais não seria a melhor alternativa. Articula, ao contrário, uma tese original: a resistência dos próprios civis, nordestinos que já se encontravam adaptados ao “clima caluniado” da Amazônia. Para Euclides, “as forças para repelir a invasão já ali se acham,” fazendo referência aos milhares de nordestinos seringueiros. Para Pontes (2005):

A conclusão do artigo – *Conflito Inevitável* – revela que Euclides não estava defendendo, portanto, um recuo na militarização do conflito. Mas não é correto se inferir, daí, que preconizasse o recuo à força. Na verdade, nota-se nas entrelinhas do texto, que Euclides receia o conflito bélico, seja por elementos objetivos, como dificuldades de acesso à região, seja porque ainda estavam abertas as portas do diálogo e da diplomacia. (PONTES, 2005, p.57)

Em seu artigo seguinte, publicado em 22 de maio de 1904, Euclides reitera suas convicções já defendidas em *Conflito Inevitável*, e em *Contra os Caucheiros*, reforçando a tese de utilização da mão de obra já existente na região contra os aventureiros peruanos, acreditava que as táticas adotadas

pelos peruanos seriam desconhecidas pelo exército regular, enquanto os nordestinos, adaptados ao ambiente, seriam os combatentes mais apropriados.

No artigo *Contra os Caucheiros*, Euclides deixa transparecer argumentos de cunho etnográfico, buscando justificar o comportamento humano da população amazônica como resultante do meio físico em que vive, bem como oriundos da formação racial. São os caucheiros, nômades por natureza, que não respeitam fronteiras ou pátria, resultado da miscigenação do desbravador espanhol com o destemido silvícola americano, este personagem, para Euclides,

Não é apenas um tipo inédito na História. É, sobretudo, antinômico e paradoxal. No mais pormenorizado quadro etnográfico não há lugar para ele. A princípio figura-se-nos um caso vulgar de civilizado que se barbariza, num recuo espantoso em que se lhe apagam os caracteres superiores nas formas primitivas da atividade. (CUNHA, 1994, p.14)

Mais uma vez Euclides demonstrou sua crença na bravura dos nordestinos, uma guerra oficial não iria representar apenas prejuízos financeiros ao país, mas, sobretudo segundo Cunha seria “um brilho perturbador de baionetas no meio de um debate diplomático” (CUNHA, 1994, p. 14), caberia então, ao destemido jagunço nordestino conter os impetuosos caucheiros peruanos.

Em 29 de maio de 1904, Euclides da Cunha publica no jornal “O Estado de São Paulo” o artigo *Entre o Madeira e o Javari*, sobressaindo mais uma vez suas preocupações com as questões limítrofes entre Brasil e Peru.

Euclides volta a enaltecer os grandes desbravadores responsáveis por tornar estas vastas regiões conhecidas “aos olhos da ciência” ganhando destaque, porém, neste terceiro artigo dedicado à esta temática, suas influências científicas baseadas no pensamento europeu vigente na época, ao analisar o surto migratório iniciado no ano de 1877, estimulado pelo ciclo gomífero na região.

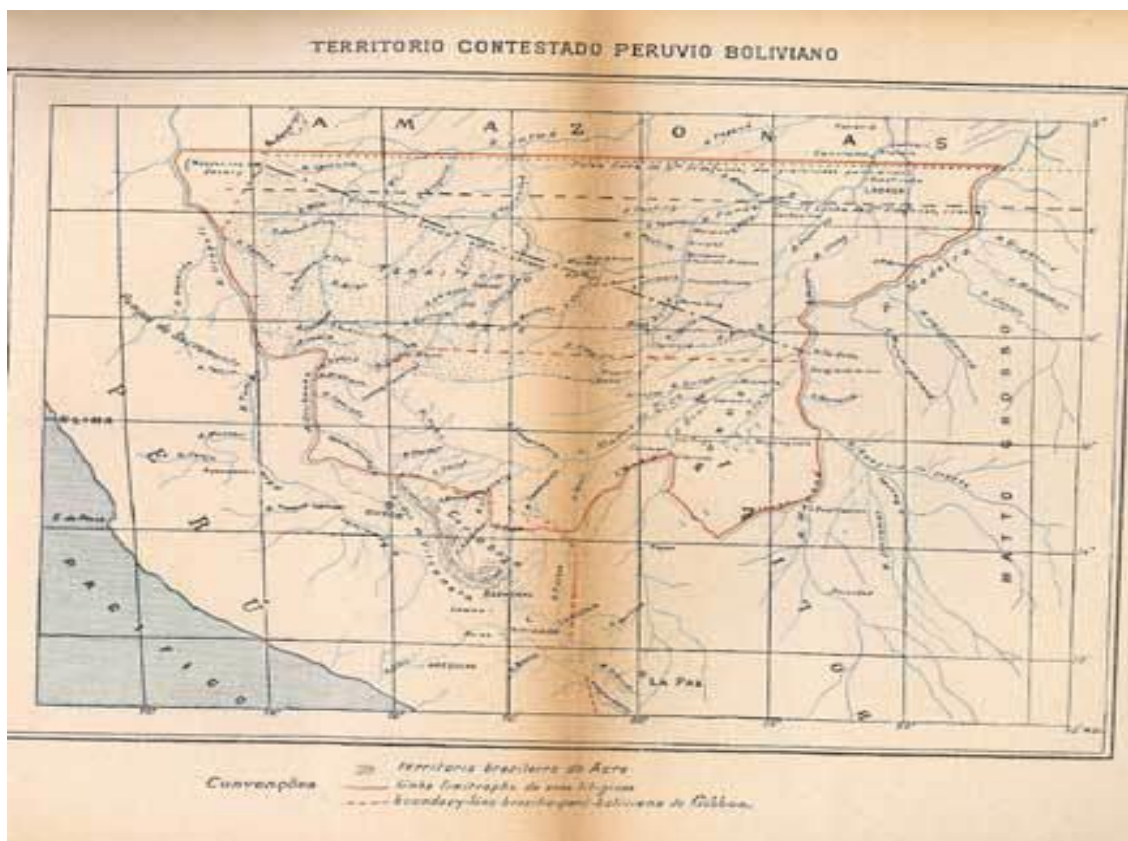
Sobre a ocupação do atual território do Acre, chega a afirmar que “aqueles lugares são hoje, no meio dos nossos desfalecimentos, o palco agitadoíssimo de um episódio da concorrência vital entre os povos” (CUNHA, 1994, p.18).

Entende-se que, ao abrir mão da expressão “concorrência vital”, Euclides de fato tentou retratar o processo de ocupação baseando-se em fatores biológicos, não meramente metafóricos, tanto que no mesmo artigo assevera que “o que ali se realizou e está se realizando-se, é a seleção natural dos fortes” (CUNHA, 1994, p.18).

De modo geral, os artigos analisados – *Contra os Caucheiros, Conflito Inevitável e Entre o Madeira e o Javari* – são textos que tratam do processo de ocupação da Amazônia e as disputas limítrofes envolvendo os países detentores desta região, porém um dos aspectos que nos chama à atenção, é a preocupação de Euclides em promover a integração afetiva da Amazônia ao restante do país, conclamando as autoridades acerca da importância de se estabelecer meios de comunicação e transporte eficiente que venham retirar do isolamento eterno a qual está condenada, sob o prejuízo de perder o território. São textos pioneiros de Euclides sobre a Amazônia, expressando sobretudo sua visão do conflito com o Peru. A leitura dos artigos nos aproxima da ideia que Euclides tecia sobre os problemas de política externa da república recém instalada.

Caso não ocorresse, alerta Euclides, “a Amazônia, mais cedo ou mais tarde, se destacará do Brasil, naturalmente e irresistivelmente, como se despega um mundo de uma nebulosa – pela expansão centrífuga do seu próprio movimento”. (CUNHA, 1994, p.21). Urge, portanto, medidas que venha inserir a Amazônia no contexto da política nacional.

Figura 02: Mapa do território contestado por peruanos e bolivianos, elaborado por Euclides da Cunha.



Fonte: Primeira Comissão Brasileira de Demarcação de Limites.

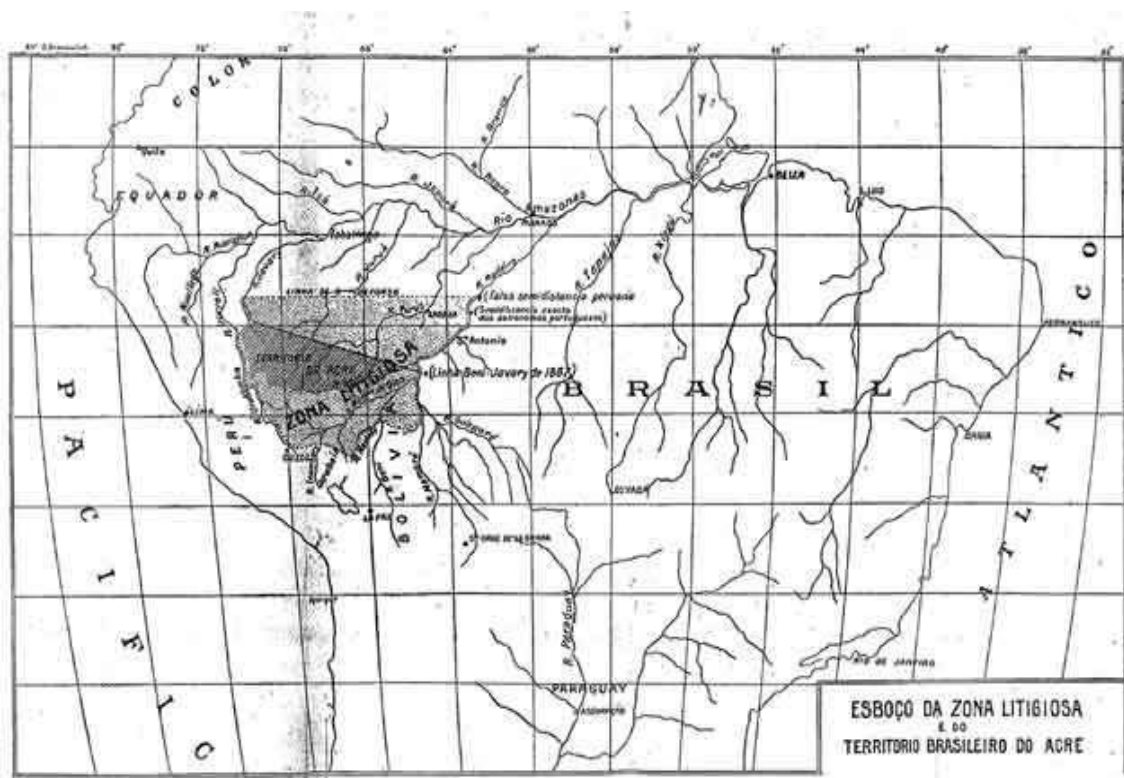
In: http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Pcdl/pt-br/file/Fronteiras/Peru/Detalhe%208_2.pdf

Acesso: 20/07/2014

As áreas em litígio entre Brasil e Peru, em destaque no mapa acima, totalizavam um território superior ao atual estado de Rondônia, em uma estimativa de 442 mil quilômetros quadrados.

O outro mapa abaixo, também elaborado por Euclides da Cunha, mostra que as pretensões peruanas eram bem maiores do que se imaginavam. A princípio os conflitos limitavam-se na região controversa das nascentes do rio Purus, porém após os acordos firmados entre Brasil e Bolívia de Petrópolis (1903), sua intenção era apoderar-se de grande parte do território acreano.

Figura 03: Esboço da zona em litígio disputada por brasileiros e peruanos.



Fonte: http://euclidesite.wordpress.com/?attachment_id=595 / Acesso em 20/07/2014

Além das divergências com o Brasil, o Peru também mantinha disputas territoriais com a Bolívia, de acordo com Araújo Jorge (1999), os interesses peruanos eram respaldados em acordos diplomáticos e documentos cartográficos que datam do período colonial.

Alguns jornais, especialmente os sediados em Belém e Manaus⁷, noticiavam insistentemente os conflitos que vinham ocorrendo na região limítrofe, cobrando uma postura mais enérgica do governo brasileiro. As primeiras notícias referentes aos conflitos são datadas mesmo antes da República, o Jornal O Liberal do Pará, de 14 de agosto de 1888 chega a criticar o descaso do governo imperial a cerca dos conflitos belicosos na região do Purus. Na reportagem afirmam que os conflitos hoje “pequenos mas que podem originar sérios problemas internacionais”. A reportagem ainda tece

⁷ Na Biblioteca Pública do Amazonas, em Manaus, existe um setor de periódicos onde é possível encontrar jornais do início do século em relativo estado de conservação, sendo acessíveis à pesquisa, o jornal *Amazonas*, órgão do Partido Republicano Federal e o jornal *O Commercio* eram os que mais divulgavam relatos dos conflitos, neste último, por exemplo, durante o mês de novembro de 1904, foram publicadas seis reportagens, algumas descrevendo o “modo bárbaro” como os caucheiros peruanos tratavam os seringueiros brasileiros.

rígidas críticas ao governo imperial que autorizou o uso de duas lanchas da flotilha que estava “em estado deplorável”. Acrescenta ainda,

No entanto, marcham as cousas de forma tal, que é *imprevidência* pode já acrescentar-se o *criminoso deleixo* do governo para com aquella parte do paiz, que precisa está habilitada a prestar de prompto qualquer serviço, que exijam os nossos compatriotas estabelecidos ali, ou que ali vão, chamados pelas relações comerciais, que entrelen com os povos confinantes com a província do Amazonas. JORNAL LIBERAL DO PARÁ: (14-08-1888)

Algumas incursões do exército foram realizadas, porém quase sempre eram respondidas com mais violência. O jornal *Amazonas*, publicou o relato de uma dessas penetrações dos militares brasileiros para combater os peruanos após onze brasileiros terem sido “dizimados pelos bárbaros invasores.” Sob o título “os peruanos no Juruá, violência a brasileiros, 22 horas de combate e peruanos são derrotados,” o jornal segue relatando o acontecimento e descrevendo detalhes de como se procedeu o embate militar:

(...) só então é que o governo resolveu agir e organizou uma expedição de 50 praças, commandadas pelo sr. Capitão Avila, tendo por subalternos um tenente e o alferes Matheus Marques de Souza. (...) Os peruanos vendo aproximarem se os brasileiros, receberam nos á bala atirando por detraz das trincheiras que há muito tinham construídos. Diante de tão insólita provocação, que nada justificava, a força brasileira repeliu a aggressão, travando se renhindo combate que durou 22 horas no fim das quaes os peruanos capitularam entregando se á nossa força com armas e bagagens. Na ação morreram 9 soldados peruanos e 4 mulheres brasileiras que estavam com eles e que foram atingidas pelas balas. Da nossa força morreu um soldado do 15º batalhão e ficou gravemente ferido um 2º sargento. JORNAL AMAZONAS (29 – 11-1904.)⁸

Pode-se observar que a situação fronteira do Brasil com o Peru necessitava de urgente intervenção, desde 1902 houve a ocupação organizada, por caucheiros peruanos, do Alto Juruá, o mesmo ocorrendo no Alto Purus em 1903 (LINS, 1996, p. 292). As tensões cresciam, e as

⁸ Manteve-se a grafia da época.

mobilizações militares das duas partes conferiam à questão maior passionalidade, atraindo a atenção da opinião pública, levando o governo a uma mobilização para a solução dos conflitos, neste posto, foi destacado Euclides da Cunha, cuja empreitada é objeto de análise do próximo segmento.

2. EUCLIDES DA CUNHA E A AMAZÔNIA

Neste capítulo, objetiva-se expor os motivos da viagem e as decorrências da presença de Euclides da Cunha na Amazônia, apresentando uma análise da situação econômica e social bem como os fatores determinantes para as ocorrências dos conflitos fronteiriços entre brasileiros e peruanos, responsável direto pela criação da Expedição de Reconhecimento das Nascentes do Rio Purus, na qual Euclides chefiou.

Euclides da Cunha quando veio à Amazônia, em 1904, já desfrutava relativa influência entre os meios políticos e intelectuais. Desde setembro de 1903, fazia parte dos seletos imortais da Academia Brasileira de Letras, fora correspondente de um dos maiores jornais do país. França, Inglaterra, Europa de modo geral, seria seu destino mais provável, assim como ocorria com a maioria dos escritores de destaque no Brasil.

Os *Sertões*, sua obra maior, despontara com grande sucesso, além das expectativas do próprio Euclides, em carta a seu pai (30/12/1904), escrita de Belém, espantara-se com a repercussão de seu livro: “em todos os portos onde saltei fui gentilmente recebido graças à influencia de seu grande neto Os *Sertões*. Realmente nunca imaginei que ele fosse tão longe.” Leão (1966) destaca ainda que:

Com esse único livro adulto Euclides notabiliza-se nas letras. Suas velhas amizades solidificam-se e as novas crescem com as sucessivas edições de *Os Sertões*, com ele abria, com chave de ouro, as portas do Instituto Histórico e Geográfico, da Academia Brasileira de Letras e do Itamarati, as três grandes casas da cultura brasileira. (LEÃO, 1966, p.73)

Com quais objetivos então teria empreendido Euclides a tal aventura? Algumas de suas cartas dão conta de que o mesmo alimentava a dias o desejo de visitar o Acre, porém, não via como, questionava o fato de muitos cientistas de renome procurar estas terras longínquas, seria normal, para Ele, também o fazer.

Em 1904, Euclides foi nomeado pelo Barão do Rio Branco, chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, tendo como função

elaborar um mapeamento cartográfico das cabeceiras do rio Purus, auxiliando, assim, na definição das fronteiras do Brasil com o Peru.

As buscas pela definição fronteira entre Brasil e Peru datam do século XIX, no *Tratado de Comércio, Navegação e Limites*, de 1851, assinado entre os governos dos dois países, em seu artigo 7, estabelecia a povoação brasileira de Tabatinga como limite entre ambos, limite este jamais respeitado, por brasileiros ou por peruanos. Por este tratado também se criavam as comissões de fronteira brasileira e peruana.

Euclides partiu com a missão de assessorar a diplomacia dos dois países, já que a área era palco de conflitos entre tropas peruanas e seringueiros brasileiros. No entanto, para Euclides da Cunha, o mais importante era conhecer profundamente o Brasil e desvendar em sua mente a “terra sem história”.

Euclides objetivava, “desbravar para prestar ao país contribuições científicas”, mas acima de tudo, um desejo o inquietava: pretendia escrever um livro, este que seria sua obra magistral, para tanto, até o nome já tinha escolhido: *Um Paraíso Perdido*. Os conflitos entre os caucheiros peruanos e seringueiros nordestinos na Amazônia, além das disputas fronteiriças envolvendo Brasil e Peru anteciparam os planos de Euclides.

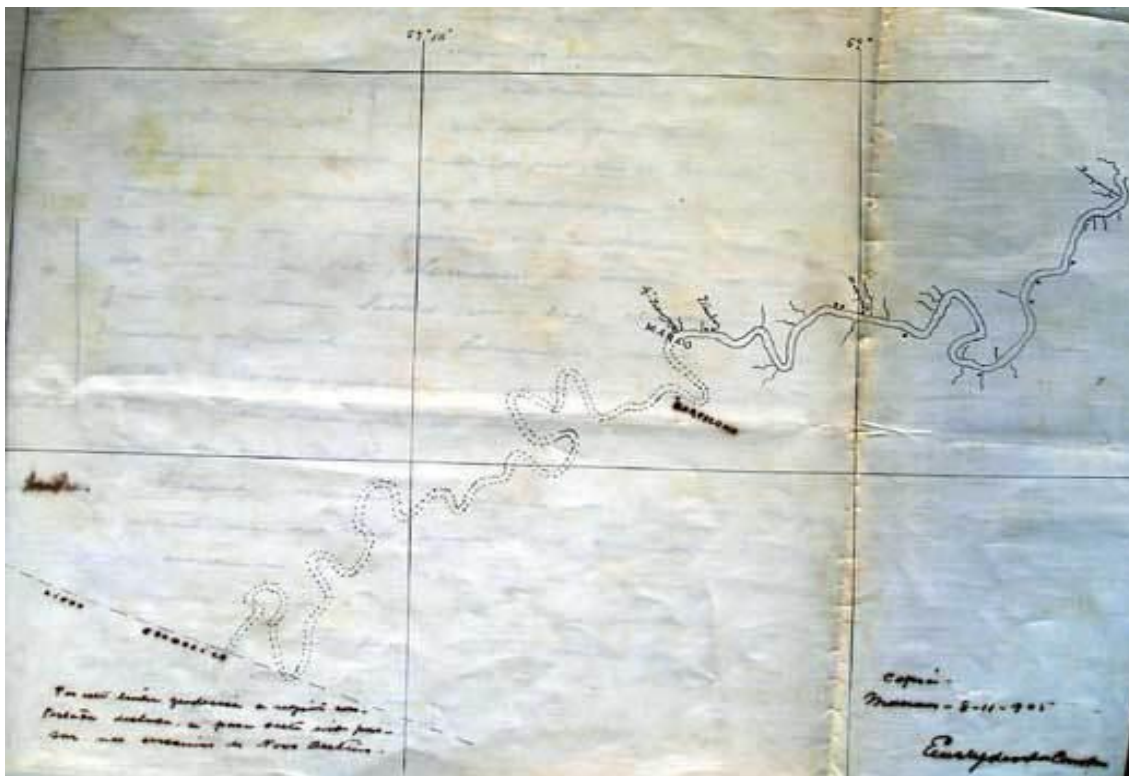
Euclides da Cunha chegou a Manaus no dia 30 de dezembro de 1904, porém, devido a uma série de contratemplos, permaneceu 3 meses à espera de que a equipe peruana pudesse estar pronta para partir rumo ao Purus. Com o atraso da viagem, a expedição partiu na época da vazante do rio, o que acarretou muitos problemas de navegação.

Entre estes problemas pode-se citar o fato de terem que abandonar as lanchas a vapor, tendo que fazer até mesmo parte do percurso a pé, arrastando canoas (principalmente próximos às cabeceiras do Purus, quando tiveram que transportar por cerca de 70 cachoeiras arrastando as entre a

mata), o naufrágio do barco Manuel Urbano, com os víveres e a desistência de muitos homens, até por questão de saúde.

A ilustração abaixo, elaborada por Euclides da Cunha, mostra o quanto o rio Purus é sinuoso, fato que dificulta a navegabilidade. As dificuldades cresciam na medida em que se aproximava das nascentes do rio, além do fluxo de água ser menor, o período de navegação não era o mais apropriado devido a vazante do rio.

Figura 4: Croqui do rio Purus, elaborado por Euclides da Cunha.



Fonte: http://euclidesite.wordpress.com/?attachment_id=595 / Acesso em 20/07/2014

Ao final, Euclides precisou obrigar os que permaneceram com ele a seguirem até o final, fazendo uso de sua autoridade de chefe da expedição. A Comissão parte somente a 5 de abril de 1905, retornando em 23 de outubro do mesmo ano, percorrendo mais de três mil e duzentos quilômetros.

Euclides voltou ao Rio de Janeiro no início de 1906, com a saúde debilitada por contrair malária na Amazônia, somando-se à sua saúde já precária devido à tuberculose contraída na infância.

O reconhecimento hidrográfico e os mapas produzidos por Euclides na expedição que foram reunidos em um Relatório da Missão permitiram ao Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores, resolver, em 1909, as questões de fronteira com o Peru.

As decorrências do encontro de Euclides da Cunha e Plácido de Castro, ocorrido em outubro de 1905, são alvos de investigação neste capítulo, para Euclides este encontro resultou em informações suficientes para gerar um artigo – Entre os Seringais – publicado em janeiro de 1906, além da “agradável” companhia capaz de amenizar a tortuosa viagem de retorno à Manaus. Para Plácido de Castro, “o libertador” do Acre, o “respeitoso” encontro gerou um texto plagiado e publicado por Euclides sem sua autorização.

Paralelo à polêmica, os textos nos apresentam a maneira como se procede o trabalho nos seringais acreanos, desde a criação da estrutura para instalação do seringueiro nordestino, as dificuldades apresentadas pelo trabalho e as relações sociais nem sempre harmoniosas.

2.1. A Viagem de Euclides da Cunha à Amazônia

Observa-se que as disputas fronteiriças, especialmente a luta pela rica região produtora de borracha, despertou entre governantes dos países amazônicos interesses em garantir o domínio sobre seus territórios, quando não, expandi-los. O governo peruano estava, à época, com fortes tendências expansionistas e reivindicava territórios, além do Brasil e da Bolívia, também do Equador e da Colômbia. Além disso, via com receios os entendimentos entre brasileiros e bolivianos referentes ao território acreano. Com o intuito de resolver estas questões de litígio e podar, definitivamente, qualquer pretensão do governo peruano na Amazônia, foi organizada a *Expedição de Reconhecimento das Nascentes do rio Purus*, sendo composta por oficiais e engenheiros do Brasil e do Peru.

Chefiando o grupo brasileiro⁹, foi destacado Euclides da Cunha, que no dia 30 de dezembro de 1904, desembarcava em Manaus, chegando no vapor Alagoas, que havia partido do Rio de Janeiro no dia 13 do mesmo mês. Euclides da Cunha fora nomeado pelo barão do Rio Branco¹⁰ para fazer o levantamento cartográfico das cabeceiras do rio Purus, como representante do governo peruano fora nomeado Pedro Buenaño, um militar daquele país, os dois deveriam chegar a um consenso e delimitar as fronteiras entre os dois países, fato que resolveria os constantes conflitos envolvendo caucheiros peruanos e seringueiros brasileiros. Leão (1966) destaca que,

A finalidade era estudar as cabeceiras desses rios e fixar a linha de fronteira que limitava os dois países. Deveriam fazer um exato levantamento geográfico e geodésico das regiões em litígio territorial, para um perfeito esclarecimento de equívocos e dúvidas entre as partes litigantes. Só assim ficaria definitivamente resolvida a crise. (LEÃO, 1966, p.13)

O reconhecimento hidrográfico permitiria ao Barão, ministro das relações exteriores, resolver as pendências de fronteira com o país vizinho, no que obteve êxito em 1909. Euclides da Cunha, juntamente com outras figuras letradas ilustres, frequentavam o círculo literário do Barão e, como aponta Nicolau Sevcenko (2003), após o desencantamento com a República, o autor de *os sertões* inclinou-se na direção dos “grandes homens” dotados de energia e capacidade intelectual para conduzir a nação. O barão do Rio Branco, para Euclides, tinha esses requisitos, fator que contribuiu para a aproximação entre os dois. Leandro Tocantins enaltece, “dois polos que se atraíam pelo mesmo amor às coisas brasileiras, pela mesma vontade de servir o país” (TOCANTINS, 1992, p.85). No prefácio da obra *Euclides da Cunha e o Itamaraty*, de Hélio Scarabôto, o historiador Arthur Cezar Ferreira Reis comenta:

⁹ De acordo com Silvio Rabelo (1948), a comissão brasileira era formada por 28 homens, sendo assim distribuídos: “como auxiliares levava seu primo, o engenheiro Arnaldo Pimenta da Cunha, o 1º tenente Alexandre Argolo Mendes, o médico Tomás Catunda, e como secretário o agrônomo Manuel da Silva Leme. Em Manaus, a Comissão teria o seu quadro completo com 20 soldados do 36º Batalhão de Infantaria, 2 oficiais e um encarregado do material.

¹⁰ Político e historiador fluminense. É uma das personalidades mais influentes do país durante o Período Imperial e início da República. Em 1902 é indicado para chefiar o ministério das Relações Exteriores. Resolve a favor do Brasil o conflito com a Bolívia pela posse do atual estado do Acre. Seu nome completo é José Maria da Silva Paranhos Junior (20/04/1845 – 09/02/1912). In: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=313&sid=314> Acesso em 25/06/2014.

O Barão e Euclides, pela formação de ambos, pela contingência do momento brasileiro, não poderiam estar distanciados no exame da problemática brasileira, em face da conjuntura internacional e à posição que assumíamos e a que não poderíamos faltar. (SCARABÓTOLO, 1966, p.8)

O Barão do Rio Branco possuía o dom de reunir talentos e de pô-los a serviço da nação. O próprio Euclides, em carta escrita a Domício da Gama, notou no diplomata brasileiro uma figura “estranha e majestosa”, Rio Branco era capaz de hipnotizar plateias com sua eloquência, a qual Euclides não havia meio de poder considera-lo “sem as proporções anormais de homem superior à sua época” (SEVCENKO, 2003, p.187-188). A cerca da amizade entre o Barão e Euclides, Tocantins acrescenta,

O encontro de Vesfália veio selar uma estima recíproca e uma colaboração no Itamaraty que durariam até a morte de tragédia grega do escritor. Ao invés de uma função subalterna a que se candidatara, Rio Branco ofereceu a Euclides a chefia da Comissão Purus. (TOCANTINS, 1992, p.32)

Antes da viagem ao Acre, numa carta a José Veríssimo datada de 24 de junho de 1904, Euclides da Cunha assim justifica a importância de sua empreitada: “[...] se as nações estrangeiras mandam cientistas ao Brasil, que absurdo haverá no encarregar-se de idêntico objetivo um brasileiro?” (CUNHA, 1997, p.208). Viajar para lugares remotos não era fato inédito para Euclides, que havia estado em Canudos, região hostil, no interior do sertão baiano, entre abril e outubro de 1897, cobrindo a guerra para o jornal *O Estado de São Paulo*.

As impressões de viagem à Amazônia estão registradas em diversos artigos e em volumosa correspondência. Roberto Ventura (2000) lembra que, ao longo da viagem ao Purus, Euclides foi motivo de risos entre os demais membros da comissão, “pois anotava tudo que acontecia de modo incessante” (VENTURA, 2000, p.32). Dedicava-se não somente aos documentos oficiais da expedição, como relatórios, telegramas e memorandos, mas também às suas correspondências pessoais, remetidas aos familiares e amigos. Tocantins ressalta ainda que:

Euclides, acompanhando os fatos pelos jornais, previa uma nova oportunidade para lançar-se em outra aventura de espírito: não só escrevendo, comentando os fatos como, principalmente, vivendo, de corpo inteiro, o drama que se desenrola nas solidões amazônicas. Era como se fosse um canto do uirapuru, e ele, magnetizado, obedecendo voluptuosamente aos apelos da terra desconhecida, onde sua imaginação armava um cenário talvez mais grandioso e bárbaro que o dos sertões de Canudos. (TOCANTINS, 1992, p. 35)

Desbravar para prestar ao país contribuições científicas é uma das principais razões a mover Euclides às viagens. É o que pode-se observar numa carta a Luís Cruls, datada de 20 de fevereiro de 1903:

Alimento há dias o sonho de um passeio ao Acre. Mas não vejo como realizá-lo. Nesta terra, para tudo faz-se mister o pedido e o empenho, duas coisas que me repugnam. Elimino por isto a aspiração – é que talvez pudesse prestar alguns serviços. (CUNHA, 1997, p. 149).

Santana (2001) descreve que tais serviços seriam avançar “para lugares cientificamente explorados”, conforme declara ter sido feito pela comissão que presidiu na Amazônia. Procedimento análogo é adotado em relação ao sertão de Canudos. Afinal, segundo ele, nenhum pioneiro da ciência suportou ainda as agruras daquele rincão sertanejo, em prazo suficiente para o definir. Assim, Euclides da Cunha dispõe sobre a Amazônia tão inóspita:

Martius por lá passou, com a mira essencial de observar o aerólito, que tombara à margem do Bendegó e era já, conhecido nas academias europeias, graças a F. D. Mornay e Wollaston. Rompendo, porém, a região selvagem, *desertus australis*, como a batizou mal atentou para a terra recamada de uma flora extravagante, *silva hórrida*, no seu latim alarmado. Os que o antecederam e sucederam, palmilharam, ferretados da canícula, as mesmas trilhas rápidas, de quem foge. De sorte que, sempre evitando, aquele sertão, até hoje desconhecido, ainda será por muito tempo. (CUNHA, 2001, p. 102).

Devido sua eloquência de detalhes, não há como estudar a Amazônia atualmente sem um maior aprofundamento nos textos euclidianos sobre o assunto, na época de sua viagem à Amazônia, Euclides da Cunha já era um

escritor consagrado fato que nos leva a um questionamento: O que o levou a embarcar nessa aventura, expondo-se aos muitos perigos da floresta? Mais uma vez, recorreremos às suas correspondências onde encontramos algumas conclusões. Euclides escreveu para o amigo José Veríssimo (6 de setembro de 1904) em que sua proposição era,

um meio admirável de ampliar a vida, o de torná-la útil e talvez brilhantíssima. (...) Que melhor serviço poderei prestar à nossa terra. Além disso, não desejo a Europa, o boulevard, os brilhos de uma posição, desejo o sertão, a picada malgradada, a vida afanosa e triste de pioneiro (GALVÃO, 1997, p.230)

A transparência nas correspondências que Euclides enviava para os amigos, referindo-se aos preparativos da viagem, é um imenso desejo de se integrar a solidão desse imenso deserto, sinônimo que ele a todo momento emprega para se referir à floresta.

A caminho de Manaus, uma breve estadia no Pará, local que de imediato, encantou Euclides, ele aproveitava agora a oportunidade de concretizar no sonho de sertanista, “visitando uma região imensurável e rica, um mundo perdido, cheio, para ele, de novas, estranhas e fortes emoções” (LEÃO, 1966, p.22). O escritor emotivo, o homem nervoso, mas de grande energia física e moral, de sentidos aguçados, completaria com esta estadia *in loco*, os seus conhecimentos de gabinete sobre a grande região que tanto o fascinava.

A cidade de Belém causou boa impressão em Euclides, cidade que na época, despontava como exemplo do *Belle Époque* europeu na Amazônia, “suas avenidas opulentas e praças incomparáveis”, em carta de 30 de dezembro de 1904, a seu pai, Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha, Euclides destaca que,

Em todos os portos onde saltei fui gentilmente recebido graças a influencia de seu grande neto “Os Sertões”. Realmente nunca imaginei que ele fosse tão longe. No Pará tive uma lancha especial oferecida pelo senador Lemos e alguns rapazes de talento. Passei ali duas horas inolvidáveis – e nunca esquecerei a surpresa que me causou aquela cidade. Nunca

São Paulo e o Rio terão as suas avenidas monumentais, largas de 40 metros e sombreadas de filas sucessivas de árvores enormes. Não se imagina no resto do Brasil o que é a cidade de Belém, com os seus edifícios desmesurados, as suas praças incomparáveis e com a sua gente de hábitos europeus, cavalheira e generosa. (GALVÃO, 1997, p.249)

Belém chamou a atenção de Euclides não somente por sua beleza natural e estrutural, mas, sobretudo, pelo ganho científico adquirido. Foi em sua estadia que conheceu o Dr. Emílio Augusto Goeldi¹¹, naturalista suíço, na época, diretor do museu paraense, que hoje leva o seu nome. Goeldi, naturalista de “Mamíferos e Aves do Brasil”, recebeu Euclides, junto com Jacques Huber¹², o notável botânico que gentilmente ofereceu-lhe sua monografia sobre “A Vegetação do Vale do rio Purus”, fato que contribuiu para o enriquecimento de seus saberes sobre o mecanismo das cheias dos rios amazônicos (LEÃO, 1966, p.25).

Pode-se observar que durante algumas horas em que Euclides passou em Belém, sentiu-se alvo do “carinho do povo paraense”, que o recebeu com respeito e admiração, sendo homenageado por grupos de intelectuais e jornalistas. Os jornais do período registraram a honrosa passagem pela cidade “do brilhante e festejado escritor de ‘Os Sertões’, jornalista fluminense que, conheceu de perto os terríveis jagunços de Antônio Conselheiro” (O COMMERCIO, 23/12/1904).

¹¹ O suíço Emílio Augusto Goeldi foi pioneiro nos estudos da biodiversidade amazônica. Chegou ao Brasil em 1884, quando assumiu o cargo de subdiretor da seção de Zoologia do Museu Nacional no Rio de Janeiro. Por ocasião da Proclamação da república, muitos pesquisadores estrangeiros foram demitidos. Goeldi passou então a dirigir o Museu Paraense, que hoje recebe seu nome, até 1907. Nesse período, Goeldi coordenou e conduziu pesquisas biológicas, geográficas, geológicas, climatológicas, arqueológicas e etnológicas. *Emílio Goeldi (1859-1917): A ventura de um naturalista entre a Europa e o Brasil*. (SANJAD, 2009)

¹² Trabalhou no Museu de História Natural e de Etnografia de Belém do Pará, que havia sido fundado em 1866, e que a partir de 1920 passou a ser chamado de Museu Paraense Emílio Goeldi. Junto com Goeldi trabalhou com outros destacados cientistas como, por exemplo, o etnógrafo e botânico Adolpho Ducke. As atividades de Jacques Huber não se limitaram apenas ao estudo da botânica, também se estenderam na área da economia e da indústria. Como especialista em borracha participou em 1911 de várias exposições nacionais e internacionais como, por exemplo, em Turim. Para dissertar sobre a borracha, também viajou em 1912 ao Ceilão e Malásia. *In: Osvaldo Rodrigues da Cunha. Museu Paraense Emílio Goeldi. Pesquisador Titular Emérito. Belém, Pará, Brasil / <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-81222009000300010> - Acesso : 26/07/2014.*

Porém, foi em Manaus que seu martírio começou, a princípio não se adaptou muito bem ao clima da região, realizando inúmeras queixas a cerca do calor e da espera que o angustiava,¹³ em carta a Domício da Gama, refere-se a Manaus como uma “Cápua abrasadora, trabalhosa, que devora energias” intitulado a capital manauara de “comercial e insuportável”. Euclides também demonstra preocupações nos preparativos da expedição, sofrendo com a “sobrecarga de preocupações”, sobretudo com o transporte que os componentes da expedição brasileira teriam que utilizar. Na mesma carta, Euclides desabafa:

Imagina como atravesso estes dias agravados pela canícula de trinta graus à sombra e à noite... Na constância formidável de uma estufa. Daí a moléstia em que pese à minha organização de salamandra. (...) Escrevo-te com febre, uma febre monótona em que o termômetro se arrasta traiçoeiramente, com uma lentidão medrosa, a 34° e 38°, resolvi diariamente solicitar a aliança perigosa de um médico. (GALVÃO, 1997, p.255)

Em carta escrita no mês de dezembro de 1904 a Afonso Arinos, Euclides da Cunha esboçava suas primeiras impressões acerca da população que encontrou em Manaus, confessa-se doente, tonto, atrapalhado e embaraçado, ansioso para partir da “ruidosa, ampla, mal arranjada, monótona e opulenta capital dos seringueiros” destaca ainda que,

Felizmente a gente é boa. Em que pese ao cosmopolitismo de Manaus, onde em cada esquina range o português, emperrado ou rosna rispidamente o inglês e canta o italiano – a nossa gente ainda os suplanta com as suas belas qualidades nativas de coração – e, certo, uma das minhas impressões de sulistas está no perceber que o Brasil ainda chega até cá. (GALVÃO, 1997, p. 250)

Euclides chega a reclamar a José Verissimo sobre os transtornos e as dificuldades que a expedição está enfrentando, em carta de 02 de fevereiro de 1905, lembra que o explorador inglês Chandless, quando chegou a Manaus, “encontrou por parte do governo provincial e até do povo o mais eficaz e

¹³ A permanência de Euclides em Manaus prolonga-se mais do que o previsto. A burocracia do Itamaraty e a “desorganização por parte dos peruanos” na preparação de sua logística fez com que a expedição partisse apenas em 5 de abril de 1905, estando em Manaus desde 30 de dezembro de 1904.

poderoso auxílio. Estávamos em pleno fervor da Questão Christie¹⁴! E Chandless era inglês”, enquanto a expedição brasileira “revestida de uma missão oficial, encontramos empecos indescritíveis”.

Em carta de 10 de março de 1905, ao Barão do Rio Branco, Euclides pressente as dificuldades da comissão, chegando a afirmar que a “missão oficial enfrenta dificuldades financeiras e que vai partir, em função do atraso, num momento impróprio, em face da vazante do rio”. A expedição parte em cinco de abril. As dificuldades prosseguem, inclusive com o naufrágio de um dos barcos que levavam mantimentos. Em diversos trechos, em virtude das dificuldades de navegabilidade, os membros da comissão tiveram que se deslocar de canoas. A comissão, porém, consegue atingir a cabeceira do rio Purus, e retorna a Manaus em 23 de outubro, depois de ter feito, em seis meses e meio, o percurso de mais de três mil e duzentos quilômetros.

O Jornal do Commercio, de Manaus, traz uma reportagem publicada no dia 29 de outubro de 1905, onde Euclides descreveu os resultados da expedição e as dificuldades que se apresentaram, relatando que a própria partida não se deu em período adequado, mencionando a “quadra impropria em que seguimos”, referindo-se ao tempo de vazante do rio onde a navegação se torna dificultosa, sendo necessário a utilização de canoas, fato que provocou o naufrágio do batelão Manuel urbano, embarcação que transportava os mantimentos.

Na mesma reportagem, Euclides demonstra que as expectativas dos integrantes quanto ao futuro do empreendimento não eram das melhores, ressaltando que “Íamos para o misterioso. Não pode negar-se que até aquela data existia, entre nós e as nascentes do rio Purus, descido um desmesurado telão, escondendo-no-las”.

¹⁴ A Questão Christie, expressão derivada do nome do embaixador inglês William Christie, refere-se ao rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Inglaterra no período de 1863 a 1865. Desencadeada por dois incidentes diplomáticos mas que ao fundo, retratavam os interesses dos britânicos em acabar com a escravidão no Brasil. (COTRIN, 1999, p.214)

Nos demais pontos da reportagem, Euclides faz referência aos poucos mantimentos que sobraram, fazendo questão de descrevê-los, “fomos à meia ração”, relacionando os alimentos disponíveis, como carne seca, açúcar, arroz, “restos de bolacha esfarinhada” e leite condensado. Esta descrição, a nosso ver, teve o intuito de reforçar a ideia de superação das dificuldades enfrentadas pela comissão. “propositalmente apresento esta lista. É eloquente”, afirma Euclides.

A conclusão da reportagem, Euclides asseverava que ao atingir o ponto desejado, “o que eu principalmente distingui, irrompendo de três quadrantes dilatados e trancando-nos inteiramente – ao sul, ao norte e a leste – foi a imagem arrebatadora da nossa pátria que nunca imaginei tão grande”.

2.2 Entre os Seringais: Encontro de Euclides da Cunha e Plácido de Castro

Ao analisarmos a obra euclidiana na Amazônia, especialmente no que tange a vivência dos seringueiros nordestinos, o que fica bem claro é o aspecto de dramaticidade em que Euclides tenta traduzir com suas palavras o cotidiano deste “trabalhador da floresta”. Euclides exclama que “o seringueiro é um escravo de si mesmo” (CUNHA, 2006, p.47).

Sobre os desbravadores seringueiros, o autor de *Os Sertões* vai mais longe ao explicar suas origens classificando-os como sendo “todos os fracos, todos os inúteis, todos os doentes e todos os sacrificados expedidos a esmo”(…) e ainda “ia com seus famintos, os seus febreiros e os seus variolosos, em condições de corromper as localidades mais salubres do mundo” (CUNHA, 2006, p.49)

Nesse aspecto da análise, vem-nos alguns questionamentos sobre esta visão de Euclides, que fontes teria tido acesso para chegar a tais conclusões? Quais influências foram determinantes para que chegasse a tal posicionamento? O que se sabe de certo é que Euclides da Cunha passou onze meses no mundo amazônico onde vivenciou vários aspectos do cotidiano

dos seringueiros, além de possuir vasta leitura de aventureiros e estudiosos da região. Porém o personagem “seringueiro” também é muito recente, mesmo a literatura da época deixava lacunas, especialmente no tangente às relações sociais nos seringais.

Um ponto que nos chama a atenção, acerca da passagem de Euclides da Cunha pela Amazônia e, conseqüentemente, influência direta na constituição de seus escritos sobre a região, foi o encontro que ele teve (e suas decorrências) com Plácido de Castro¹⁵. Acredita-se que este tenha sido o vetor determinante para a formação do pensamento euclidiano sobre os seringueiros nordestinos na Amazônia, Tocantins descreve que:

Em outubro de 1905, embarcaram no vapor Rio Branco, que estava ancorado na Boca do Acre, confluência do rio Acre com o Purus, dois ícones da nacionalidade brasileira, Plácido de Castro e Euclides da Cunha. Plácido de Castro tinha comandado o vitorioso Movimento Revolucionário Acreano, que resultou na incorporação das terras bolivianas ao Brasil – atual estado do Acre -. Euclides chefiava a “Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus”, cuja missão era mapear o rio Purus, desde a foz, no Solimões, até suas cabeceiras, definindo as fronteiras do país com a Bolívia e o Peru. (TOCANTINS, 1992, p.132)

A viagem da Boca do Acre até Manaus durou uma semana e neste tempo, Euclides solicitou a Plácido de Castro que lhe redigisse um histórico da campanha e de todo o processo guerra e vitória sobre os bolivianos durante a chamada ‘Revolução Acreana’¹⁶. Plácido escreve a lápis, na própria caderneta de Euclides, não somente o contexto da guerra mas também descreve toda a dinâmica da extração da borracha, seu ciclo produtivo e a vida nos seringueiros, além disso, fez um esboço de cinco desenhos sobre a

¹⁵ José Plácido de Castro, militar gaúcho, lutou nas forças rebeldes contra o governo de Floriano Peixoto, durante a Revolução Federalista ocorrida no Rio Grande do Sul. Em 1902 lidera um grupo de seringueiros acreanos e consegue expulsar os militares bolivianos, declarando o Acre um estado independente. No ato da anexação ao território brasileiro, Plácido de Castro se torna seu primeiro governador e, dois anos mais tarde é nomeado prefeito da cidade de Alto Acre. Demite-se do cargo por incompatibilidade com o governo federal. É assassinado por ex-subordinado, ao sair de uma reunião de conciliação com o novo prefeito.

¹⁶ Para maiores detalhes sobre a Revolução Acreana, sugerimos a leitura das seguintes obras: História Regional (Rondônia), de Marco Antônio Domingues Teixeira e Dante Ribeiro da Fonseca. Rondoniana. Porto Velho, 1998. E Formação Histórica do Acre de Leandro Tocantins. Conquista. Rio de Janeiro, 1973.

organização social e estrutura dos seringais. Euclides recebeu de Plácido de Castro, inscritos em sua caderneta de trinta e sete folhas, com sessenta e quatro páginas manuscritas a lápis no rosto e no verso. As quinze primeiras com o seguinte título: 'Como se faz a Extração da Borracha no Acre', e estão ilustradas com cinco pequenos desenhos e três esboços de plantas de estradas de seringa. Soma-se a estas mais quarenta e sete páginas sobre 'A Revolução Acreana', numeradas de dezessete a sessenta e quatro, igualmente manuscritas a lápis, e ilustradas com quinze esboços de plantas, indicando a posição das tropas e seus deslocamentos.

Logo após sua chegada ao Rio de Janeiro, Euclides da Cunha publica um artigo na revista *Kosmos* denominado 'Entre os seringais' no qual faz um detalhamento da organização de todo o processo produtivo nos seringais amazônicos, desde a chegada dos seringueiros nordestinos, sua locação nos seringais, dependência do barracão e relações sociais, entre outros aspectos.

O que mais nos chama a atenção, é o fato de Plácido de Castro demonstrar grande desapontamento ao ter consciência da publicação deste artigo, alegando que não passa de uma modificação dos escritos que teria feito na caderneta de Euclides, no ato do encontro entre os dois. Plácido de Castro chega a se queixar ao ministro da justiça Augusto Tavares Lira, sugerindo um possível caso de plágio, afirmando que:

Em outubro de 1905, a bordo do vapor Rio Branco, da Companhia Amazônia, teve o Dr. Euclides da Cunha a franqueza de nos confessar a sua alienação dos nossos costumes, e, nessa ocasião, pediu-nos lhe fornecêssemos algumas informações, ao que nos prontificamos em acender ao seu pedido, escrevendo em sua própria carteira de notas uma ligeira monografia, onde procuramos discriminar, sem preocupação de forma, a vida do singelo industrial – o extrator da borracha. Mais tarde vimos as nossas despreziosas notas publicadas na *Kosmos*; vinham, então, revertidas de flores de estilo, numa linguagem burilada e castiça (CASTRO, 1966, p.19).

A respeito da acusação de Plácido de Castro contra Euclides, o professor Leandro Tocantins corrobora com a ideia de que, "o que Euclides

praticou foi simplesmente dar um cunho bastante pessoal na descrição dos fatos que o impressionaram, ou àqueles que pediram a alguém para registrá-los.” (TOCANTINS, 1992, p.133). Tocantins ainda prossegue na defesa de uma originalidade em Euclides,

O registro é a verdade, anotada por Euclides, ou por outros. Este não poderia alterá-la, em sua essência, como não alterou, mas se permitiu apresenta-la a seu modo, dentro de uma construção artística – e eis aqui a criação literária – cheia de sugestões estéticas e de dimensões humanas. O que Euclides possuía era um extraordinário *sensuous*, que o levava à substancia das coisas, extraindo ideias e sensações adormecidas para as inteligências menos sensíveis. (TOCANTINS, 1992, p.133)

Ambos os textos – de Euclides e de Plácido – são bastante semelhantes, por ventura tratam do mesmo assunto, compartilhamos então, a ideia de que seria impossível desvincular um do outro, embora nossa rica língua portuguesa nos permita descrever objetos de formas diferentes, o núcleo principal e o ponto de chegada é sempre o mesmo.

Para fins comparativos e para um melhor entendimento do próprio assunto, faremos um estudo de análise entre os textos deixados por Plácido de Castro, na caderneta de Euclides e o artigo publicado na revista *Kosmos*.

Entre os seringais:

Segue o mateiro e assinala o primeiro pé de seringa, que se antolha ao sair do papiri. É a boca da estrada. Aí se lhe reúnem o toqueiro e o piqueiro prosseguindo depois, isolado, o mateiro até encontrar a segunda árvore, de ordinário pouco distante, a uns cinquenta metros...(CUNHA, 1994, p.214)

Como se faz a extração da borracha no Acre:

Segue para o mato o mateiro e assinala a primeira seringueira perto do papiri a qual será a boca da nova estrada, aí ficam o toqueiro e piqueiro e segue o mateiro a procurar outra seringa que se encontrará até cinquenta metros ou sessenta... (CASTRO, 1930, p.18)

A Análise dos fragmentos acima evidenciam que no trabalho de abertura do seringal, os personagens envolvidos – mateiro, toqueiro e piqueiro – já eram experientes, eles realizavam o serviço de preparação para a chegada do seringueiro, constroem estradas que se assemelham a “tentáculos de polvo” (TOCANTINS, 1992, p.135) enraizadas na floresta, por onde irão trilhar os nordestinos, trabalhando na extração do látex.

O trabalho do mateiro era de extrema importância para a estrutura de extração da borracha, ele era um conhecedor da floresta, quando era designado para abertura de uma colocação, deveria proceder com um levantamento de diagnóstico a cerca do possível número de estradas a serem abertas, para tanto, o mateiro realizava um minucioso reconhecimento territorial, observando detalhes como a quantidade provável de seringueiras no espaço, os melhores caminhos a serem percorridos entre elas e se havia a existência de vestígios de nativos ou não.

Após a conclusão dos trabalhos de construção das estradas e de toda estrutura de uma colocação, que compreendia também a casa e o defumador¹⁷, estavam concluídos os trabalhos do mateiro e seus auxiliares, que retiravam-se do local, ficando apenas o seringueiro, e a partir daí, o solitário homem passava a exercer suas atividades de extrator da borracha.

Euclides realiza uma análise de uma estrutura onde o quadro social instalado é doloroso, a solidão impera e a opressão do homem pelo homem prevalece à estrutura criada não permite alternativas ao seringueiro, as amarras da vida no seringal lhe envolve de tal forma que não lhe é possível fuga. Assim o seringueiro: despojado de tudo o que poderia construir com seu trabalho, quando não sucumbe ao ataque traiçoeiro das doenças.

Entre os seringais:

¹⁷ Medeiros (2010) explica que o defumador era uma pequena casa onde o seringueiro transformava o látex de líquido em sólido. “no defumador, havia um buraco no chão de 2x2m com aproximadamente 2m de profundidade que era chamado de ‘porão’. Ali era construída uma fornalha que se compunha de um bojo onde ocorria a queima do coco babaçu, ou pedaços de madeiras, concentrando a temperatura que saia através de um orifício de um diâmetro de 10x10cm, em forma de tubo de fumaça”. Ao se encontrar com a fumaça quente, a borracha rapidamente se solidificava.

Avisa então com um grito particular ao toqueiro, que parte a alcança-lo junto da nova madeira (...). O toqueiro auxilia-o por algum tempo, abrindo por sua vez um pique para seu lado... (CUNHA, 1994, p.214)

Como se faz a extração da borracha no Acre:

Aí dá um sinal por um grito que lhes é peculiar e que ouvido pelos outros parte o toqueiro a colocar-se junto ao tronco da árvore (...) o piqueiro vai fazendo com o facão um pique na mata para o lado em que se acha o toqueiro... (CASTRO, 1930, p.18)

Os trechos destacados acima indicam uma informação importante: o trabalho do seringueiro não é tão solitário como se apresenta. No processo de abertura do seringal é necessária a cumplicidade do toqueiro e do piqueiro que, em conjunto, realizam a abertura dos caminhos por onde se desenvolverá o trabalho de extração do látex.

Embora os dois textos apresentem esta informação, o ensaio de Euclides por si só demonstra a importância do escritor/jornalista que apoderou-se de um fato do cotidiano nos seringais para explicitar as dificuldades do trabalho realizado nestas regiões longínquas do Brasil. Tocantins (1998) acrescenta ainda que ele somou a este ensaio “à sua personalidade, e à consciência nacional”, levando a região amazônica a um patamar acima, tornando-se visível aos olhos dos curiosos e poderosos. É seguido então com a proposta de análise comparativa entre os dois textos.

Entre os seringais:

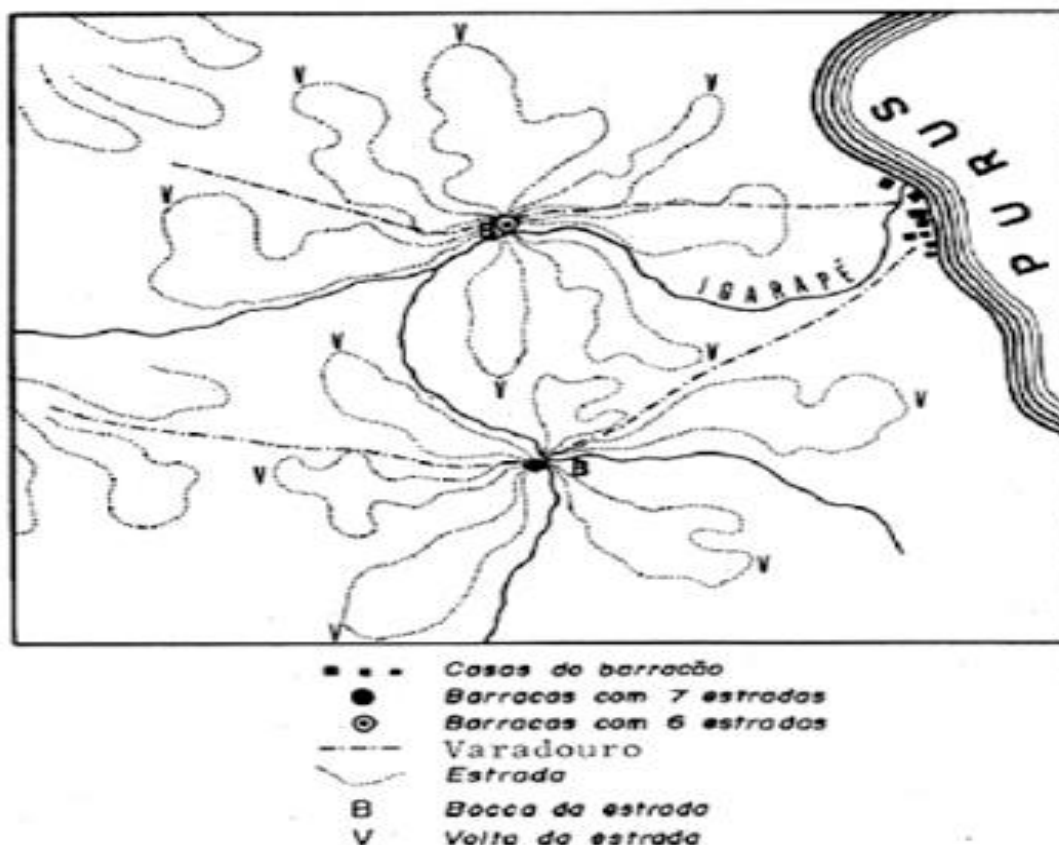
Mesmo no Acre, onde a densidade maior das seringueiras permite a abertura de desesseis estradas numa légua quadrada, toda essa vastíssima área á folgadoamente explorada por oito pessoas apenas. (...) Daí os desmarcados latifúndios, onde se nota, malgrado a permanencia de uma exploração agitada, grandes deslocamentos de deserto... (CUNHA, 1994, p.215)

Como se faz a extração da borracha no Acre:

Pode considera-se como média de densidade da seringueira no Acre dezesseis a dezoito estradas por légua quadrada, podendo trabalharem nesta área oito ou nove homens no máximo. (...) Esta questão é importante e demonstra a razão porque os seringueiros ocupam tão vasta área. O solo não vale nada, a seringueira é tudo... (CASTRO, 1930, p.19)

Neste ponto, o que sobressai é o destaque à produção da borracha no Acre, cujo território praticamente monopolizou toda produção do país, consolidando-se como maior produtor de látex em fins do século XIX e início do século XX, e mesmo nestas condições, a densidade humana na região era muito baixa.

Figura 5: Croqui de um seringal acreano por Euclides da Cunha, elaborado em 1905, durante sua viagem de exploração ao Alto Purus



Fonte: Mapoteca do Itamaraty. <http://www.biblioteca.itamaraty.gov.br> / Acesso: 27/08/2014

Este croqui, elaborado por Euclides da Cunha, a partir das informações fornecidas por Plácido de Castro, nos mostra que, o local da sede era instalada em uma região de terra firme e elevada, localizada sempre junto a um rio principal, visto que era este o único meio de comunicação e transporte na

região. Geralmente toda esta estrutura pertencia ao mesmo latifundiário, onde a presença do barracão na área central dava uma conotação de maior fiscalização e controle sobre os trabalhadores.

A imagem chega a ser assustadora, Euclides compara esta estrutura aos tentáculos de um polvo, figura metafórica que representaria as estradas do seringal, contorcidas, envolvendo o seringueiro nordestino. Essa imagem deixada por Euclides, a nosso ver, representa o símbolo de um modelo cruel de exploração que ditaria os destinos daqueles que estivessem sob seus “tentáculos”.

Embora a comparação entre os textos se torne extenuante, parece-nos bastante claro a utilização dos apontamentos de Plácido de Castro por Euclides da Cunha, fato que não diminui sua importância, especialmente pela forma de interpretação literária, alocando um valor pessoal e único. Também devemos levar em consideração que Euclides objetivava uma notícia jornalística, e neste caso, os escritos de Plácido serviram de fonte primária para substanciar a matéria. Em um estudo comparativo entre os dois textos, realizado por Geraldo Joffily em 1979, ele ressalta que,

O aproveitamento dos dados fornecidos por Plácido parece-me demonstrado, mas devemos considerar que se trata de uma reportagem, podendo-se desculpar de nenhuma referência ao trabalho de Plácido. Estamos certos de que Euclides já pensava em reunir este artigo a outros, formando um livro, como aconteceu a todas as suas valiosas obras, e aí, sim, não deixaria de assinalar a colaboração de Plácido de Castro, embora discordando da opinião do guerreiro anticolonista, quando defende a posição dos donos de seringais. (JOFFILY, 1979, p. 11)

A historiografia não permite afirmar se Euclides da Cunha teve ciência das queixas de Plácido de Castro ao ministro da justiça Augusto Tavares Lira de ter plagiado suas anotações, mas verificamos grande admiração de Euclides pela personalidade do revolucionário gaúcho, líder da Guerra Acreana. Quando soube de seu assassinato, expressou em carta a Vicente de Carvalho,

A morte de Plácido de Castro abalou-me profundamente. Conheci-o e conversei-o largo tempo, quando viajamos juntos, no Purus, em 1904. Era uma alma desassombrada e heróica. Tinha, talvez, muitos defeitos. Mas não se pode negar excepcional valor a quem, de fato, dilatou o cenário de nossa história. De qualquer modo, merecia outra sorte (CUNHA, 1966, p.35).

Talvez seja Leandro Tocantins quem melhor conclui acerca das polêmicas suscitadas anteriormente, destacando não a originalidade da ideia, mas, sobretudo seu conteúdo emocional, fato de maior relevância nos escritos de Euclides. Sua interpretação e sentimento são determinantes para torná-lo único, mesmo partido de conceitos *a priori* estabelecidos. Tocantins destaca,

“Entre os Seringais” é uma página euclideana típica. Aproveitando-se do fato – a abertura e a exploração de uma estrada de seringa -, Euclides descreve-o e interpreta, mas o seu poder de dramatizar a natureza e o homem transformam uma simples reportagem (que, talvez, Plácido tenha feito) de seringal numa página de grande vigor literário e sociológico, melhor, ecológico. (TOCANTINS. 1992, p. 133-134)

No texto ‘Entre os Seringais’, Euclides caracteriza as estradas dos seringais como “tentáculos de um polvo desmesurado”. “(...) Esta é a imagem monstruosa e expressiva da sociedade torturada que moureja naquelas paragens”. O cearense que lá chega, “numa desapoderada ansiedade de fortuna” passa por um processo de aprendizagem, de *brabo a manso*¹⁸ que para Euclides nada mais significa do que adquirir a apatia necessária diante da realidade inexorável.

Preso nos tentáculos do dono do seringal vai percorrer a estrada pelo resto de sua vida, “indo e vindo, a girar estonteadamente no monstruoso círculo vicioso da sua faina fatigante e estéril”. Euclides consegue uma expressão que chega a ser artístico, um trabalho corriqueiro se transforma em um texto com

¹⁸ **Brabo** era o homem que chegava ao seringal pela primeira vez procedente do nordeste e sem experiência na atividade de extrator do látex. Medeiros, 2010 acrescenta que “o brabo não escolhia o local para trabalhar, o patrão ou o gerente eram quem determinavam a colocação em que ele devia trabalhar.(...) Era comum os iniciantes nas atividades de seringueiro passarem por processo de aprendizagem. **Manso** já era o extrator experiente, conhecia todos os mecanismos relacionados ao corte e coleta e beneficiamento do látex, de modo geral, o processo de brabo a manso, demora até três anos.

extrema originalidade, “a abertura de um seringal, no Purus, é tarefa inacessível ao mais solerte agrimissor, tão caprichosa e vária é a diabólica geometria requerida pela divisão dos diferentes lotes” (CUNHA, 1994, p.215).

Leandro Tocantins (1992) analisa que Euclides visualizou como ninguém a maneira como se abre e explora um seringal no acre, sua análise se deu de forma magistral, uma rica descrição dramática que só foi possível graças à esplendida imaginação literária e à incrível apacidade sociológica analítica que possuía.

As relações sociais vividas “Entre os Seringais” chocaram Euclides da Cunha, as estruturas que se organizaram nos seringais são destinadas (sempre) a controlar e manter suas amarras aos seringueiros – o trabalhador, seja brabo ou manso -, cada vez mais oprimido em um estado de eterna servidão, chega a alardar “o seringueiro, e não designamos o patrão opulento, senão o freguês jungido à gleba das estradas, o seringueiro realiza ali uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se”.

No contraponto desta “anomalia” Euclides identifica a opulência e fartura dos seringalistas, sempre com instalações às margens dos rios, com destaque especial para o barracão “onde o seringalista opulento estadeia o parasitismo fardo”. Neste ambiente desconhecido, o imigrante nordestino viu sua vida transformada diante de um sistema que o acorrentava a uma estrutura geometricamente elaborada para sugar suas forças e liberdade. Euclides (1909) rebate ainda que essa geometria de estradas, verdadeira medida agrária que muito revelou sobre a capacidade das sociedades desenvolvidas em meios aos seringais em isolar e degradar os corpos já castigados bem como os espíritos atormentados dos imigrantes.

Salvo às polêmicas que circundaram o encontro de Euclides com Plácido de Castro, os resultados são positivos. Ele permite uma compreensão única – e no período inédito - de como se estrutura um seringal na Amazônia. Além do texto *Entre os seringais* aqui exposto, ao chegar em Manaus, euclides

preparou o Relatório Oficial da expedição, alvo de análise do próximo segmento.

2.3 Análise do Relatório Oficial da Expedição e seus resultados práticos

Ao retornar da expedição, Euclides da Cunha ficou ainda alguns dias em Manaus encarregando-se das atividades finais e compromissos oficiais da Comissão, entre estas atividades estava a elaboração do Relatório Oficial da Expedição¹⁹, que deveria ser de consenso entre o chefe da Comissão brasileira, no caso Euclides, e o chefe da comissão peruana, o Capitão de Corveta Pedro Alexandre Bueñano. Este relatório foi a base dos acordos fronteiriços assinados nos anos seguintes entre Brasil e Peru, o qual deveria conter uma série de apontamentos que justificassem a posição de ambos os países, neste sentido, Leão (1966) destaca que,

Tinha que escrever o seu relatório, examinando cuidadosamente, no seu caderno de notas, os pequenos estudos e observações pessoais, que fizera durante a viagem, sobre a navegação, a descarga, a profundidade, o potencial hídrico, as medidas e altitudes entre as margens, os divisores de águas, para uma perfeita determinação do curso do regime irregular e oscilante do Purus. (LEÃO, 1966, p.69)

Seria necessário, ainda, calcular coordenadas e traços de cartas geográficas do curso do rio e das suas fontes ou nascentes, corrigindo os erros de direção e nomenclaturas existentes em outros estudos.

Entende-se que o estudo deste relatório em separado nos permite conclusões que irão facilitar a compreensão da obra *À Margem da História*, objeto de análise nos próximos capítulos, isto devido o fato de Euclides tê-lo redigido após seu retorno do rio Purus, o *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus* foi assinado pelos

¹⁹ *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus* foi o nome utilizado e originalmente publicado na Imprensa Oficial, em 1906, trazia ainda um subtítulo com os dizeres: Notas Complementares do Comissário Brasileiro, reafirmando que a autoria da redação era de Euclides da Cunha. Para fins de análise neste trabalho, utilizaremos a versão intitulada *O Rio Purus*, texto integrante do livro *Um Paraíso Perdido, Ensaios, Estudos e Pronunciamentos sobre a Amazônia*, de Euclides da Cunha e organizado por Leandro Tocantins (1994).

representantes dos dois países mas, em carta ao barão do Rio Branco, datada de 30 de novembro de 1905, Euclides da Cunha (1997, p. 292) afirma que o *Relatório* "está sendo feito por mim e, apenas traduzido e em poucos trechos modificado pelo comissário peruano".

O Relatório é um documento oficial sobre a trajetória da expedição, cabível de maiores detalhes o qual percebe-se que Euclides sentiu-se com mais liberdade para tecer ponderações sobre a região. Rabelo (1966) ressalta que:

Vêm-se nesse documento, não somente as informações sobre a longa e acidentada singradura, mas todos os dados exigidos pelas instruções: o levantamento hidrográfico, a determinação das coordenadas e uma notícia minuciosa sobre o clima, os caracteres físicos da região, a flora e o povoamento. (RABELO, 1966, p.285)

De início, não se intimida a reforçar as dificuldades que encontrou para organizar a expedição. Em alguns momentos, chega a registrar que:

O atraso das instruções recebidas poucos dias antes da partida, de sorte que o tempo despedido em Manaus nos desalentava, tornando problemático o chegarmos ao termo da viagem de que nos encarregáramos, sobre aumentar grandemente as suas dificuldades (CUNHA, 1994, p.109).

Pode-se perceber que o temor de Euclides era com a vazante do rio²⁰, visto que com o passar do tempo, as dificuldades de navegação com navio a vapor tornava-se cada vez mais difícil, deveriam, portanto, fazer uso cada vez mais de canoas a remo. Estas dificuldades e preocupações nos relatos iniciais, só reforçam o que havia escrito em suas correspondências durante o tempo de

²⁰ De acordo com o Ministério dos Transportes, a vazante do rio Purus ocorre sempre a partir do mês de abril, acentuando-se entre os meses de agosto e setembro, fator que dificulta a navegação pela região. "Durante as cheias entre a sua foz no Rio Solimões até cerca de 800 km para montante não se observa restrições importantes às embarcações típicas da Amazônia. Todavia neste primeiro trecho nas vazantes podem ocorrer algumas passagens com serias restrições devido aos baixios e pedras determinando o estreitamento dos canais de navegações ou a redução das profundidades". Eram essas condições que Euclides pretendia evitar, sua pretensão era navegar o rio Purus durante o período de cheia. Fonte: (adaptado pelo autor) <http://www2.transportes.gov.br/bit/04-hidro/3-rios-terminais/rios/01-RH-maz%C3%B4nica/Griopuru.htm> Acesso: 08/07/2014.

estadia em Manaus, sendo sua chegada em dezembro de 1904 e partida para a missão em abril de 1905.

Após apresentar uma análise detalhada sobre as características físicas do Alto rio Purus, Euclides detém-se a um estudo antropológico a cerca dos povos que habitam a região, “propositalmente deixamos para o fim deste apanhado ligeiro as duas espécies que determinaram o desbravamento e o povoamento de tão extenso e em tempo relativamente curto (CUNHA, 1994, p.137),” chegando a definir dois grupos considerados responsáveis diretos pela ocupação de Amazônia.

Não constituem, aliás, simples grupos. Nas palavras de Euclides, visualiza-se claramente duas “sociedades novas e originais” no Purus: A dos caucheiros e a dos seringueiros. Somando-se ao estudo técnico que realiza sobre o rio Purus, Euclides também relata sobre o clima e esboça um exame sociológico dos grupos citados.

As duas “sociedades” apontadas por Euclides representam, a grosso modo, os pólos do conflito que envolvia Brasil e o Peru. De um lado estariam os caucheiros peruanos, no contraponto, os seringueiros brasileiros. O que diferencia estas duas “espécies” é o objeto de seu trabalho. Os caucheiros exploram o caucho, goma elástica, que, ao contrário do látex, não se renova.

Assim sendo, Euclides define o caucheiro como sendo “um nômade, um pesquisador errante, estacionado nos vários pontos a que chega até que tombe o último pé de caucho. Daí seu papel notável no desvendar paragens desconhecidas” (CUNHA, 1994, p.138). Esse nomadismo embasava inclusive argumentos jurídicos que respaldavam a posição brasileira. A posição legal do Brasil era de que o deslocamento contínuo dos caucheiros peruanos inviabilizaria a configuração do *uti possidetis* firmado em tratados anteriores, segundo o qual apenas a ocupação efetiva do território pleiteado poderia gerar o direito à reclamação de um título legal.

Já o seringueiro é definido por Euclides como sendo um sobrevivente da natureza porém,

É por força sedentário e fixo. Enleiam-no, prendendo-o para sempre ao primeiro lugar em que estaciona, as próprias estradas em que abriu, convergentes na sua barraca, e que ele percorrerá durante a sua vida toda. Daí o seu papel, inegavelmente superior, no povoamento definitivo (CUNHA, 1994, p.138).

Percebe-se que, embora Euclides enalteça importância dos caucheiros e seringueiros no processo de ocupação da Amazônia, é este último o grupo responsável por sua posse, isto deve-se muito ao seu caráter sedentário. A análise sociológica das populações amazônicas observadas por Euclides, prosseguem nos textos de *À Margem da História*, momento em que encontramos uma maior ênfase ao caráter aventureiro dos caucheiros e a precária situação social das populações que vivem da exploração da borracha.

Neste relatório, Euclides consegue conciliar descrições geográficas e apreciações sociológicas, reforçando sua convicção de que com advento do século XX, e o desenvolvimento industrial e científico, a necessidade de novos conhecimentos eram essenciais. A literatura deveria, assim, em convivência com a ciência, espelhar as transformações em curso “O escritor, ante a necessidade de dominar novas linguagens, torna-se um polígrafo” (PONTES, 2005, p.65). Nicolau Sevcenko (2003) ressalta ainda que,

A sua obra distribui-se em cinco gêneros: historiografia, geografia, crônica, epistolografia e poesia, versadas todas em estrito consórcio com o comentário científico. Raramente Euclides praticou alguns deles em estado puro, optando também aqui preferivelmente por uma combinação das formas. (SEVCENKO, 2003, p.134)

Essa fusão de discursos se faz presente em toda a sua obra, especialmente, aos textos ligados a Amazônia. Assim, no relatório oficial que produziu para o Itamaraty, Euclides lança mão tanto de termos eminentemente geográficos e técnicos, como os que compõem a descrição da hidrografia e do clima do rio Purus, assim como também tece juízo de cunho pessoal acerca do

povoamento da região, destacando sua bravura e heroísmo no processo de colonização.

Em boa parte do texto, Euclides destaca as notáveis contribuições de aventureiros que o antecedeu, tendo em um dos tópicos uma análise das contribuições das diversas personalidades que enfrentaram os rios desconhecidos da Amazônia, entre eles, um destaque especial aos resultados da expedição realizada pelo inglês William Chandless,²¹ Euclides ressalta que,

Devemos ainda por em relevo a confiança que nos inspiravam os trabalhos de Chandless – a princípio nascente da coincidência quase perfeita das latitudes, que determinávamos, com as dele. E depois fortalecida por todos os demais resultados que íamos obtendo. Por isso mesmo, não nos surpreende o fato de serem as cartas todas do Purus, que consultamos uma cópia não raro grosseira dos trabalhos do notável geógrafo. É que eles afinal eram os únicos dignos de atenção. (CUNHA, 1994, p.145)

É um aspecto revelador do amplo conhecimento bibliográfico de Euclides sobre estadas expedições, de modo geral, analisa as diversas descrições da região, criticando a ausência e alguns equívocos de cronistas ao não citar as populações que margeiam o rio Purus. Euclides acreditava que o desconhecimento e o descaso em relação ao Purus é justificado, sendo “Entretanto, este abandono figura-se-nos devido menos às condições reais, que às lacunas lamentáveis das nossas tradições” (CUNHA, 1994, p.140).

²¹ William Chandless fez sua primeira viagem à Amazônia em 1861, quando percorreu aproximadamente dois mil quilômetros entre Porto Velho e a confluência do Tapajós com o Amazonas, escrevendo vários artigos sobre a navegabilidade de tributários do rio Amazonas, publicados na revista da Royal Geographical Society e que são considerados como uma importante contribuição para o conhecimento da Amazônia (Dickenson, 1994, pp. 134-6). Por causa das suas pesquisas no rio Purus, entre 1864 e 1865, quando percorreu aproximadamente três mil quilômetros, a Royal Geographical Society, em 1866, premiou William Chandless com a Medalha de Ouro Victoria, destacando que o mesmo realizou seu trabalho "por puro amor à ciência, para solucionar um problema geográfico, e que é plenamente sucedido" (Leonardos, 1970, pp. 172-3), o que resultara em profundas modificações nos mapas da América do Sul (Dickenson, op. cit., p. 135). Em homenagem ao geógrafo inglês, foi dado o seu nome a um dos afluentes do Alto Purus, que seria percorrido por Euclides da Cunha. Para uma melhor análise sobre as contribuições dos estudos de Chandless, recomendamos os estudos de SANTANA, J. C. B. *in* Euclides da Cunha e a Amazônia: visão mediada pela ciência (<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702000000500008>) e Antonio Filho, Fadel David. *A visão da Amazônia brasileira: uma avaliação do pensamento geográfico entre 1900-1940*. Tese de doutoramento, Rio Claro, 1995. Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista.

Embora admita as contribuições fundamentais de Chandless para os resultados de sua expedição, Euclides observa em seu relatório que foi um brasileiro, o primeiro a percorrer o Purus com o intuito de conhecer seu traçado e as populações que o margeiam, o crédito do pioneirismo caberia a Manuel Urbano da Encarnação que “Obediente às instruções do governo provincial do Amazonas, a primeira de suas dilatadas viagens levava o objetivo de verificar a existência, há longo tempo propalada, de uma comunicação entre o Purus e o Madeira”. (CUNHA, 1994, p.144). Sobre Manuel Urbano, Euclides destacou ainda que ele era,

Um cafuz destemeroso e sagaz, tinha, a par do ânimo resoluto e sobranceiro aos perigos, uma vivacidade intelectual, a *great natural intelligence*, no dizer de Chandless, que muito contribuiu para o ascedente que teve sobre todas as tribos ribeirinhas, e para que se abrisse naquelas bandas um dos melhores capítulos da nossa história geográfica. (CUNHA, 1994, p.144)

Entende-se que as análises de Euclides acerca dos feitos de Manuel Urbano tem como objetivo destacar que foi este brasileiro o primeiro a fixar dados seguros sobre o Purus e as populações nativas que o povoavam. Porém, observou-se é que as passagens de maior louvor são destinadas a Chandless. Ao contrário de Manuel Urbano, que era considerado, por Euclides, “um homem inculto”, contudo provido de um “tino admirável”, além de ser um “mestiço inteligente e bravo” (CUNHA, 1994, p.145).

Chandless era um pesquisador europeu respeitado, sendo o último explorador do Purus antes da viagem da Comissão Mista Brasileiro-Peruana, em 1905. Os resultados dos estudos de Chandless foram considerados por Euclides, tão valiosos, que são asseverados em seu relatório, que as conclusões de sua expedição são “em grande cópia um complemento dos esforços daquele explorador” (CUNHA, 1994, p.150).

Na parte final de seu relatório, Euclides faz menção a um dos elementos propulsor de seu livro *À Margem da História*: o quadro social da região. Tece duras críticas aos “barões da borracha” detentores das terras, “A propriedade

mal distribuída, ao mesmo passo que se dilata nos latifúndios das terras que só se limitam de um lado pelas beiras do rio, reduz-se economicamente nas mãos de um número restrito de possuidores” (CUNHA, 1994, p.163).

Também demonstra grande inquietude em relação às precárias condições de vida dos seringueiros, alertando para a ausência do Estado, fato que contribui para o predomínio da “lei do mais forte.” Euclides conclui que:

O rude seringueiro é duramente explorado, vivendo despeado do pedaço de terras em que pisa longos anos – e exigindo, pela situação precária e instável, urgentes providencias legislativas que lhe garantam melhores resultados a tão grandes esforços. O afastamento em que jaz, agravado pela carência de comunicações, redu-lo, nos pontos mais remotos, a um quase servo, à mercê do império discriminatório dos patrões. A justiça é naturalmente serôdia ou nula. (CUNHA, 1994, p.164)

As preocupações sociais e as teses evolucionárias complementados com o caráter isolacionista da região formam o tripé que sustenta a posterior elaboração do livro *À Margem da História*. A exploração do caboclo é facilitada pelo isolamento em que vive, e os males sociais, de acordo com Euclides,

Todos esses males, que fora longo miudar, e que não valem, provêm, acima de tudo, do fato meramente físico da distancia. Desaparecerão desde que se incorpore a sociedade sequestrada ao resto do país, e para isto requer-se, desde já, como providencia urgentíssima, o desenvolvimento da navegação até o ultimo ponto habitado, completada pelo telégrafo, ao menos entre Manaus e Boca do acre” (CUNHA, 1994, p.164-165)

O Relatório da Comissão é um texto original pelo interesse demonstrado por Euclides em propor, ainda que de passagem, medidas tendentes a redimir a marginalização das populações amazônicas. A perspectiva técnica que norteia o relatório não é, por conseguinte, exclusiva.

Convive em seu texto, o foco histórico, demonstrado na preocupação em rememorar a contribuição de William Chandless; o foco social, em consubstanciado no depoimento sobre a exploração do seringueiro e no exame

das razões econômicas que promoveram célebre povoamento do Purus; e, por fim, uma visão estratégica do rio, visto como plenamente navegável e de grande interesse econômico.

Esses aspectos não poderiam ser objeto de uma análise mais extensa em virtude dos objetivos e características de um relatório destinado à apreciação de burocratas. Nada obstante, é neste texto oficial que Euclides apresenta as proposições que serão posteriormente desenvolvidas em *À Margem da História*.

As informações colhidas pela Comissão Mista, em sua maioria dispostas no Relatório Oficial, serviram de base para as definições das fronteiras entre Brasil e Peru, isto se deu através de uma série de tratados e novas comissões que foram organizadas para ratificar os pontos limítrofes determinados pela comissão chefiada por Euclides da Cunha.

Em 8 de setembro de 1909, reuniram-se na cidade do Rio de Janeiro, representantes do Brasil e Peru para oficializar acordos que viriam determinar as fronteiras entre os dois países, o documento ficou conhecido por “Tratado Complementar à Determinações das Fronteiras”, este documento também versava sobre comércio e navegação na Bacia do Amazonas. O parágrafo inicial do texto já define bem seus propósitos,

Consolidar para sempre a sua amizade, suprimindo causas de desavença, resolveram celebrar um Tratado que complete a determinação das fronteiras e ao mesmo tempo estabeleça princípios gerais que facilitem o desenvolvimento das relações de comércio e boa vizinhança entre os dois países.²²

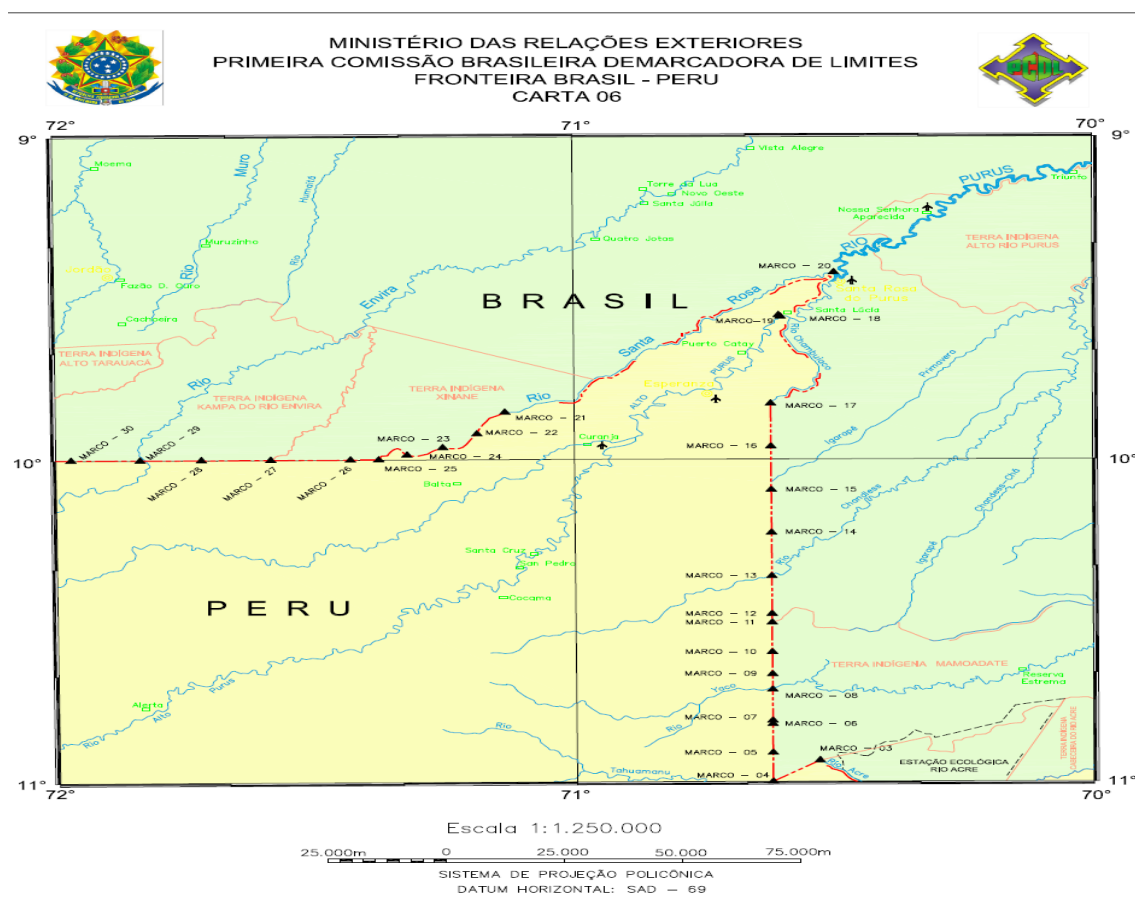
A Comissão Mista, chefiada por Euclides da Cunha, tinha por objetivos claros identificar as nascentes do rio Purus e a partir daí definir as fronteiras entre os dois países, em entrevista ao jornal O Commercio em 29 de outubro

²² O tratado original encontra-se na 1ª Comissão Brasileira Demarcadora de Limites (PCDL), em Belém-PA, recentemente seus documentos foram digitalizados e podem ser acessados através do end. eletrônico: <http://www.info.Incc.br/wrmkkk/pe1909.html> e <http://pcdl.itamaraty.gov.br/pt-br/peru.xml>

de 1905, Euclides descreveu que “no dia 30 de julho, alcançamos a confluência do Cavaljani. Estávamos nas cabeceiras do Purus” (CUNHA, 1994 p.199). Feito os devidos estudos cartográficos, os pontos limítrofes entre os dois países são definidos.

O mapa abaixo foi elaborado pela Primeira Comissão Brasileira Demarcadora de Limites – Fronteira Brasil Peru, em 1913, partindo das coordenadas pré-determinadas por Euclides.

Figura 06: Mapa da linha divisória entre Brasil e Peru na região do rio Purus



Fonte: Primeira Comissão Brasileira de Demarcação de Limites.

In: http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Pcdl/pt-br/file/Fronteiras/Peru/Detalhe%208_2.pdf

Acesso: 20/07/2014

A linha divisória, em destaque no mapa, foi sendo delimitada ao longo dos anos através de comissões mistas entre Brasil e Peru, mas que de modo geral, tendeu-se a confirmar o que havia sido estabelecido por Euclides e seu

companheiro peruano, Pedro Buenaño no relatório final entregue aos dois países.

3. À MARGEM DA HISTÓRIA: UM OLHAR SOBRE A OBRA DE EUCLIDES ALÉM DOS SERTÕES

Foi feito neste capítulo uma análise das decorrências da presença de Euclides da Cunha na Amazônia, destacando a princípio, a elaboração do que seria sua “obra máxima”: *Um Paraíso Perdido*. Era sonho de Euclides escrever uma nova obra, considerava que *Os Sertões* não poderia sintetizar sua carreira de escritor, inquietava-se com a ideia de “filho único”. Para tanto, a nomeação como chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento das Nascentes do rio Purus veio culminar com seus anseios, Euclides teria a oportunidade de vivenciar e colher informações suficientes para sua grande empreitada. Seu sonho nunca foi realizado, sua morte envolta de drama passional põe fim suas pretensões, porém todo seu conjunto de opiniões e análises a cerca da vida amazônica foram compilados posteriormente, dando origem na obra à *Margem da História*.

Impressões Gerais é o título da primeira parte de *À Margem da História*, levando como subtítulo “Terra Sem História”, seguindo-se aí, os textos referentes à Amazônia,

O maior quadro da terra, porém chatadamente rebatido num plano horizontal... o homem ali é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido quando a natureza ainda estava arrumando seu mais vasto e luxuoso salão (CUNHA, 2006, p.17).

Neste texto, como o título sugere, Euclides realiza uma análise de sua visão sobre a Amazônia, tendo como referência Alfred Russel Wallace e Frederick Hartt, os quais faz questão de destacar, a Amazônia é tratado como sendo, provavelmente, a região mais nova do mundo e, apesar de percorrida pelos viajantes naturalistas e cientistas, seria também a menos conhecida. Descreve de forma ímpar a forma como a força e velocidade das águas dos

rios amazônicos constroem e destroem paisagens, como o homem neste ambiente é um mero coadjuvante.

É também em *Impressões Gerais* que Euclides demonstra toda a gama de conhecimentos prévios que possuía acerca desta região, relacionando sua fala com os resultados de expedições que o antecederam. Euclides também realiza neste texto um estudo minucioso sobre as condições de vida do imigrante nordestino na Amazônia, realiza uma profunda crítica social direcionada ao abandono e às mazelas enfrentadas pelo seringueiro, o homem que “trabalha para escravizar-se”, um “eterno devedor” cujo único pecado foi ambicionar uma vida melhor ao abandonar sua terra natal, fugindo da seca que assolava a região nordestina.

3.1 Um olhar sobre *À Margem da História*

Após percorrer uma parte da Amazônia, em 1905, como chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, Euclides da Cunha pretendia escrever um livro no qual registraria suas ideias sobre a região. Para isso tinha até escolhido o título, *Um paraíso perdido*²³ daquele que se destinava a ser o seu segundo “livro vingador”, visto que o chamado primeiro livro foi *Os Sertões*, segundo alguns estudiosos, esta terminologia é em decorrência de uma minoria – sertanejo – sobrepor-se ao opressor – coronel.

O título dessa obra ocorreria-lhe talvez devido à influência das suas leituras inglesas, dos livros de John Milton e Conan Doyle, respectivamente “Paradise Lost” e *The World Lost*.²⁴ A morte, em forma de drama passional, no ano de 1909, chegou antes que fosse concretizada a sua pretensão,

²³ Título homônimo do livro *Paradise lost*, do autor inglês John Milton. Em carta a José Veríssimo (08/11/1905), Euclides faz arguições em relação ao título da obra “Acha bom o título? Um Paraíso Perdido? Ele reflete bem o meu incurável pessimismo.”

²⁴ *O Paraíso Perdido* é uma obra poética do século XVII, descreve a história cristã do livro do Gênesis e a derrocada do homem mediante as tentações de Lúcifer e a consequente expulsão do homem do jardim do Éden; *O Mundo Perdido* é uma novela de fundo fictício, baseada no vale do Amazonas, onde naturalistas de uma expedição inglesa, descobrem, ainda vivos, animais pré-históricos considerados inteiramente desaparecidos ou extintos, este último, só foi lançado no Brasil em 1912, porém como Euclides chega a citá-lo, entendemos que teve acesso à sua versão em inglês.

Os ensaios amazônicos são o aspecto menos conhecido de sua obra. Encontram-se dispersos em artigos e entrevistas de jornal, em crônicas e prefácios, em sua correspondência particular e oficial, além dos relatórios técnicos da viagem (VENTURA, 1993, p. 44).²⁵

Seus artigos e ensaios referentes à Amazônia foram publicados essencialmente em *À margem da História*, cuja primeira edição é de 1909, sob responsabilidade da Livraria Chardron de Lelo & Irmãos, do Porto em Portugal, e também em *Contrastes e Confrontos*, de 1907. Esses textos, e outros não publicados, foram reunidos pelo professor Leandro Tocantins num volume intitulado *Um Paraíso Perdido*. Tal qual o título do grande livro que Euclides desejava escrever sobre a Amazônia.

São textos que mostram bem o gênio descritivo de Euclides onde ele observa com grande propriedade os fenômenos das águas “agressivas e misteriosas” em luta constante com as terras que as margeiam. Veloso Leão destaca que:

Nestas páginas, o homem tímido, sensível, imaginoso, influente que ele era (...) critica com grande autoridade a brutalidade pavorosa das águas do rio-mar, do rei do rio, devastando a hileia prodigiosa e a fauna fabulosa de suas margens. (LEÃO, 1966, p.78)

Em *À Margem da História*, Euclides da Cunha realiza uma clássica defesa sociológica em prol dos grupos subjugados pelo capitalismo industrial, neste sentido representado pelos seringueiros nordestinos na Amazônia, alheios a qualquer tipo de amparo governamental. Euclides demonstra sua admiração pelas manifestações religiosas dos seringueiros, realizando em *À*

²⁵ Os "ensaios amazônicos" de Euclides da Cunha são compostos por três artigos publicados no ano de 1904 em O Estado de S. Paulo ('Conflito inevitável', 'Contra os caucheiros' e 'Entre o Madeira e o Javari'), um artigo publicado no mesmo ano pelo jornal O País ('Contrastes e confrontos'), incluídos posteriormente no livro *Contrastes e confrontos* (1907), juntamente com outros 22 artigos e estudos diversos; o artigo 'Fronteira sul do Amazonas: questões de limites', publicado em O Estado de S. Paulo (1898); toda a primeira parte do livro *À margem da história* (1909) ('Terra sem história: impressões gerais', 'Rios em abandono', 'Um clima caluniado', 'Os caucheiros', 'Judas-Asvero', 'Brasileiros', 'A Transacreatina'); o Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus (1905), as 'Notas complementares' a este relatório (1906) e o Relatório Confidencial ao Barão do Rio Branco (1905); o livro *Peru versus Bolívia* (1907); o artigo 'Entre os seringais', publicado na revista *Kosmos* (1906); o preâmbulo do livro *Inferno verde* de Alberto Rangel (1907), e mais entrevistas, discursos e correspondência.

Margem da História uma descrição do ritual de Judas digna das epopéias de Homero. Hélio Athayde ressalta que,

Há páginas verdadeiramente antológicas nesse livro, como ao que nos brindou em “impressões Gerais”, “Rios em Abandono”, “Um Clima Caluniado”, “Os Caucheiros”, “Brasileiros”, “Transacreana” e aquela em que descreve a vida dos sertanejos do Alto Purus no sábado de Aleluia denominada “Judas Asverus”, de cuja beleza Afrânio Peixoto não regateou aplausos ao considera-las “as dez páginas mais impressionantes de qualquer literatura” (ATHAIDE, 1987, p.79)

No processo de constituição da obra, tenebroso e um tanto ansioso, Euclides solicita a Coelho Neto²⁶ para lê-la, em voz alta, exigindo um parecer, sobre este episódio, Modesto de Abreu testemunha assim reação de Coelho Neto diante da solicitação de Euclides:

Mas isto é uma das melhores coisas que você já escreveu! Isto não é uma palhaçada. É um drama impressionante. O drama do proletário que foi buscar a fortuna nos seringais e ali encontrou apenas a escravidão! Depois de “Os Sertões” foi a mais bela página que você escreveu” (ABREU, 1963, p.24).

Em *À Margem da História*, Euclides da Cunha escreveu sobre a Amazônia alguns textos esparsos, onde sobressai o tom de denúncia social das condições de vida dos migrantes nordestinos nos seringais além de uma visão impar dos aspectos geográficos e hidrográficos da região. Assim como já acontecera com os artigos que antecederam a sua ida para o sertão de Canudos, Euclides da Cunha escreveu sobre a Amazônia antes de conhecê-la, antes mesmo de sentir “seus sabores e odores”, o que demonstra, mesmo não estando *in loco*, grande interesse pela região.

Mais uma vez, fez-se acompanhar de autores/autoridades diversos, que passam por Humboldt, Agassiz, Bates, Chandless, Tavares Bastos, além de um profundo conhecimento sobre a historiografia regional, descrevendo as

²⁶ Amigo de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, Henrique Maximiano Coelho Neto, foi romancista, crítico e teatrólogo, além de político abolicionista, eleito duas vezes deputado pelo Maranhão. Professor de literatura e de História do Teatro cultivou praticamente todos os gêneros literários, deixou uma obra extensa e foi, por muitos anos, o escritor mais lido do Brasil. Fonte (adaptado): Academia Brasileira de Letras *in* <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infol=417&sid=94> (acesso: 20/01/2014)

expedições de Alexandre Rodrigues Ferreira²⁷ e elogiando a atuação de Tenreiro Aranha como defensor da autonomia regional, entre outros, demonstrando um esforço de leitura que o levou a tecer considerações sobre o meio físico, o homem e a cultura daquela região. Euclides destaca que,

A literatura científica amazônica, amplíssima, reflete bem a fisiografia amazônica: é surpreendente, preciosíssima, desconexa. Quem quer que se abalance a deletreá-la, ficará ao cabo desse esforço, bem pouco além do limiar de um mundo maravilhoso. (CUNHA, 2006, p. 19)

Comprometido com o ideal bandeirante, desbravador, antes de partir para a Amazônia Euclides consultou relatos de viagem, relatórios administrativos e mapas de expedições anteriores. Leu Humboldt, Martius, Spix, Agassiz, Bates, Chandless, Tavares Bastos, Sousa Coutinho, Soares Pinto²⁸.

Caminho semelhante trilhou-o antes da viagem a Canudos, ocasião em que empreendeu várias leituras sobre o tema. Em seu primeiro artigo, intitulado *A Nossa Vendéia* Euclides cita viajantes e naturalistas, como Saint Hilaire, Caminhoá e Livingstone²⁹, entre outros apontados neste trabalho.

²⁷ Foi um naturalista que empreendeu uma extensa viagem que percorreu o interior da Amazônia até ao Mato grosso, entre os anos de 1783 e 1792. Durante a viagem, descreveu a agricultura, a fauna, a flora e os habitantes locais. Para um melhor entendimento sobre a expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira, sugerimos o recente trabalho de José Nailton Leite e Cecília Sayonara G. Leite, intitulado *Alexandre Ferreira e a Formação do Pensamento Social na Amazônia. Estudos avançados*. São Paulo, 2012.

²⁸ De modo geral, são expedições realizadas à Amazônia para fins de estudos botânicos, hidrográficos, naturalistas, entre outros, geralmente carregadas de grandes fracassos devido o desconhecimento da região e às dificuldades de logística, mas que serviram de preparo material e psicológico para a expedição chefiada por Euclides.

²⁹ Expedições dessa ordem tornaram-se possíveis aos viajantes não portugueses graças ao casamento de dom Pedro I com a imperatriz Leopoldina. Antes dessa união matrimonial, negociada entre dom João VI e o imperador da Áustria, Francisco I (Norton, 1938; Cunha, 1991), a entrada de estrangeiros era proibida para assegurar a integridade da posse de Portugal sobre a colônia sul-americana. Exemplo disso foi a recusa para a entrada de Alexander Humboldt (1769-1859) na Amazônia, em meados do século XVIII (Oliveira Filho, 1987; Cunha, 1991; Belluzo, 1994), em função dos embates políticos que ocorriam na Europa entre o reino da França e a metrópole lusitana. A mudança de Leopoldina para o Brasil inaugurou, assim, um período de produção de informações de caráter científico, em um país sobre o qual pouco se conhecia acerca de seus recursos naturais e populações nativas. Com Bates e Wallace, a viagem à Amazônia seria facilitada pelas relações comerciais de longa data entre Portugal e Inglaterra.

As primeiras notas de *À Margem da História* foram traçadas ainda em Manaus, nos dois meses seguintes em que permaneceu após a chegada da Expedição, sempre aproveitando os intervalos dos escritos do Relatório Oficial. Firmo Dutra depõe que,

Nesses meses de relativa tranquilidade, preparou Euclides a estrutura de seu livro sobre o Amazonas, que se denominara, inicialmente *Um Paraíso Perdido*, título mudado mais tarde para *À Margem da História*. Foi no amplo caramanchão do jardim emoldurado de glicínias e ipoméias rubras, que foram traçadas as primeiras páginas desse livro ainda sob a emoção do espetáculo esmagador e martirizante dessa natureza única e monotonamente formidável que é a Amazônia (FILHO, 1938, p.39).

À Margem da História foi-se constituindo nas horas de folga de Euclides, na maioria dos casos, à noite. Lia e escrevia excessivamente. Era sua melhor distração. Funcionava como um alívio para suas amarguras e saudades, afazeres extenuantes, responsabilidades de cientista, político, artista... Velloso Leão assim define,

Dedicava-se Euclides à feitura dos primeiros capítulos do seu segundo “livro vingador”, esse inacabado *Um Paraíso Perdido*. Nesta obra sobre a Amazônia, um imenso mar de água doce e de verdura, tencionava ele não só descrever as glebas tumultuárias e imaturas da grande planície, em luta com as águas dos grandes rios, ilhando os vales verdejantes da bacia do mar doce, mas revelar a luta desigual do homem sertanejo contra a natureza hostil e contra o próprio homem, dentro dos rios, dos lagos e das selvas. (LEÃO, 1966, p.73)

Euclides havia escolhido o nome, como vimos *Um Paraíso Perdido*, livro onde Euclides tinha expectativas de suprimir *Os Sertões* e que ocuparia não somente da natureza da Amazônia como da gente que a povoava havia séculos sem dominá-la inteiramente.

Seria, sobretudo, um livro de defesa, a defesa da vida do trabalhador da floresta, personagem que chocara Euclides devido suas condições de sobrevivência e trabalho baseado na exploração do mais forte.

Sylvio Rabelo (1966) atesta que “Euclides tinha pleiteado o cargo que exercia na Comissão de Reconhecimento do Alto Purus com este fim: escrever

um livro.” Os meses que passou na Amazônia seria o suficiente para observar e sentir o drama daquela região em tantos pontos semelhantes com a dos sertões do nordeste. É também Sylvio Rabelo que bem sintetiza os aspectos amazônicos descritos e enfrentados por Euclides da Cunha, destacando que:

Num caso, a natureza era exuberante demais e noutra era de extrema aridez. Mas de qualquer modo o homem que a habitava não tinha forças para conquista-la, fazê-la sua aliada ou uma sua amiga (RABELO, 1966, p.279).

Naquele mundo “maravilhoso, cheio de superstições e estranhos costumes,” a escravidão do homem sertanejo, era consequência da falta de uma administração humanizada e racional. A exploração desordenada das riquezas naturais havia motivado o entrave da livre ação do homem. Só com uma socialização do capital e do trabalho, poderia, a seu ver controlar a produção, a distribuição e o consumo dos produtos, e acabar de vez com a exploração do homem pela dívida, como acontecia com os “humildes e oprimidos” seringueiros, vítimas indefesas de um sistema marcado pela busca desenfreada pelo lucro à custa do trabalho do sertanejo amazônico. Era esse drama da Amazônia que Euclides pretendia reconstruir em *Um Paraíso Perdido*.

Nos textos de *À Margem da História*, o que percebemos é que Euclides da Cunha vivenciou, em plena selva amazônica, “o drama do homem no seu desesperado esforço de sobrevivência”, assim como bem expressa Sylvio Rabelo (1966), “o seringueiro trabalha para ser cada vez mais escravo”. A organização do trabalho da região, na visão de Euclides era “a mais pecaminosa organização de trabalho que ainda engenhou o mais desacomodado egoísmo” (CUNHA, 2006, p.29).

É nítida a preocupação de Euclides com a questão humana, um problema que o inquietaria muito, bem mais do que a própria problemática da disputa pela terra. Daí a ampliação dos objetivos de sua viagem.

A Amazônia, era como uma injustiça contra a humanidade que pedia, há tempos, “quem lhe viesse aliviar as dores mais profundas.” Euclides estava imbuído, obstinado a ser a voz desse clamor, assim como outrora o fez pelo Sertão. *Um Paraíso Perdido*, tanto quanto *Os Sertões* seria um livro vingador: o seu segundo livro vingador.

Neste, ele retrata os estrangeiros e os filhos da nação (alheios a tudo, portanto, também estrangeiros dentro de seu próprio país), que chegam ao mundo amazônico, partindo de suas raízes, onde abandonaram suas terras, seus lares e aqui chegaram em busca de melhor sobrevivência, neste novo mundo isola-se ao adentrarem no interior da floresta, seu rifle passa a ser seu confidente, literalmente este novo morador fica à margem do Brasil. Foi crucial portanto, a passagem de Euclides da Cunha pela Amazônia, seus ensaios, reunidos em *À Margem da História*, são considerados a fonte de resgate daqueles homens que viviam em uma total ocultação da História.

Seria, sem dúvida, um livro nos moldes de *Os Sertões*, um trabalho não propriamente de glorificação, daquelas terras alagadas, que recordam cenários diluvianos, mas de defesa dos direitos e garantias de uma vida mais humanizada, do trabalhador das florestas, dos campos, dos lagos e dos rios: o seringueiro, o castanheiro, o vaqueiro, o pescador, em fim, o brasileiro em sua essência.

Verificamos, portanto, que Euclides não chegou a concluir seu sonho: escrever um livro, aos moldes dos *Sertões*, porém tendo a Amazônia como cenário determinante. Contudo sua passagem por esta região lhe redeu um conjunto de textos que posteriormente foram reunidos em *À Margem da História*. De modo geral, os textos que compõem esta obra, retratam a natureza da região, manifestações culturais e as impressões antropológica de Euclides a cerca do seringueiro nordestino na Amazônia. Far-se-á agora uma análise da primeira parte do livro *À Margem da História*, onde Euclides registrou suas primeiras observações, ainda sob o vislumbre de uma natureza selvagem e em plena construção.

3.2 Impressões Gerais: A Amazônia e o seringueiro visto por Euclides da Cunha

No texto *Impressões Gerais*, primeira parte de *À Margem da História*, Euclides faz uma descrição dos aspectos geográficos e hidrográficos da região e um estudo sobre as condições de vida dos seringueiros nordestinos na Amazônia.

Suas impressões iniciais acerca da Amazônia nos remetem à maneira romântica, a um deserto de “conceitos estritamente artísticos” onde a vida se sobrepõe à morte e vice-versa. Nas páginas deste livro, o gênio descritivo de Euclides, esclarece com profunda observação os fenômenos das águas agressivas e misteriosas, em luta constante com as terras dos “sertões alagados”. Em *À Margem da História*, Euclides, sem esquecer-se de seu semelhante, na luta íntima e dramática com o meio, critica com grande autoridade a brutalidade pavorosa das águas do rio-mar, o rei dos rios, devastando a “hiléia prodigiosa” e a fauna fabulosa de suas margens,

É, sem dúvida, o maior quadro da terra; porém chatamente rebatido num plano horizontal que mal alevantam de uma banda, à feição de restos de um enorme moldura que se quebrou, as serranias de arenito de Monte Alegre e as serras graníticas das guianas. (CUNHA, 2006, p. 17)

Vislumbra a princípio o pavor destruidor das forças das águas, chegando a relatar, que “depois de uma única enchente se desmancham os trabalhos de um hidrógrafo”, (CUNHA, 2006, p. 18) essa afirmação denota que, mesmo com o profundo conhecimento teórico prévio sobre a região, Euclides se vê surpreendido com os fenômenos e a atuação da natureza que tantos aventureiros e estudiosos haviam expurgado. Chega a desapontar-se com algumas verdades pré-estabelecidas por alguns escritos amazônicos, ao constatar com a realidade local, “parece que ali a importância dos problemas implica o discurso vagaroso das análises: às induções avantajam-se demasiado os lances de fantasia” (CUNHA, 2006, p. 20).

É no texto *Impressões Gerais* que Euclides realiza uma assertiva impactante, destacando que leituras dos viajantes que escreveram sobre o rio Amazonas e seus afluentes, como Humboldt, que contribuiu para formar no leitor, uma imagem romântica, quando não, fictícia do maior rio do planeta. A presença diante do rio causou em Euclides uma frustração, “um caso vulgar de psicologia”. Euclides chega a afirmar que “ao defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior à imagem subjetiva há longo tempo prefigurado”, e posiciona-se de maneira surpreendente: “é de todo em todo inferior a um sem-número de outros lugares do nosso país. Toda a Amazônia, sob este aspecto, não vale o segmento do litoral que vai de Cabo Frio à ponta do Munduba” (CUNHA, 2006, p.18).

O que pode observar acerca de suas “impressões gerais” sobre a Amazônia, este mundo estranho e majestoso, é que suas análises são mais pessimistas que otimistas. Breves comparações que Euclides fez destas terras com outras partes do país demonstram certo apego regionalista e falta de entusiasmo e admiração por uma região que diz ser “vazia e possuir a monotonia dos mares” (CUNHA, 2006, p18).

Um mar retalhado de estreitos Euclides buscou profundo conhecimento sobre aspectos da geologia e vida animal da Amazônia, chega a citar estudos do inglês Alfred Russel Wallace³⁰, um dos primeiros estudiosos a propor uma ‘geografia’ das espécies animais e, como tal, é considerado um dos precursores da ecologia e da biogeografia e, em alguns estudos, é chamado de ‘Pai da Biogeografia’, também remete também a citações do geólogo americano Frederico Harrt que estudou a geologia do Amazonas. Seu

³⁰ Wallace foi um homem de muitos talentos, um explorador, colecionador, naturalista, geógrafo, antropólogo e crítico político. Ele teve a idéia revolucionária da Evolução por Seleção Natural de forma totalmente independente de Charles Darwin (1809-1882), uma teoria inovadora que mudou a nossa forma de entender o mundo natural e nós mesmos. Wallace foi o primeiro a propor uma geografia das espécies, dessa forma, é considerado também um dos precursores da Biogeografia. Em 1848, iniciou viagem pela Amazônia, ali permanecendo até 1850. A valiosa coleção acumulada nessa expedição foi consumida pelo fogo na viagem de volta, embora Wallace tenha conservado as anotações que lhe permitiram escrever um livro sobre a Amazônia. Fonte: WALLACE 100: CELEBRAÇÃO DA VIDA DO NATURALISTA ALFRED RUSSEL WALLACE (1823-1913) / Universidade Federal Do Espírito Santo. In: <http://wallace100ufes.wordpress.com/> - Acesso:14/10/2014.

entendimento geomorfológico da região amazônica é assim destacado por Euclides,

Destarte a natureza é portentosa mas incompleta. É uma construção estupenda a que falta toda decoração interior. Compreende-se bem isto: a Amazônia é talvez a terra mais nova do mundo (...). Nasceu da última convulsão geogênica que sublevou os Andes, e mal ultimou o processo evolutivo com as várzeas quaternárias que se estão formando e lhe preponderam na topografia instável (...). tem tudo e falta-lhe tudo, porque lhe falta esse encadeamento de fenômenos desdobrados num ritmo vigoroso, de onde ressaltam, nítidas, as verdades da arte e da ciência – e que é como que a grande lógica das coisas. (CUNHA, 2006, p.18)

Embora tenha buscado conhecimento sobre a formação geológica da região amazônica, Euclides não dispunha de estudos mais elaborados como o que se pode verificar atualmente, fazendo suas análises a partir de estudos, avançados para a época, porém foi demonstrado falhas como o avanço tecnológico atual, chegando ao continuísmo de erros comuns à seus contemporâneos acreditando que a região era formada por apenas uma unidade geológica.

Devido às observações apenas a partir de leitos dos rios, acreditava-se de uma constituição de várzea, do período quaternário, onde se verifica atualmente que a grande maioria de extensões de terras se encontra em áreas de terra firme, constituídas no período terciário³¹. Contudo tais observações feitas por Euclides não deixam de ser válidas, pois seus objetivos não eram levantar aspectos da geomorfologia regional. A este respeito, Raimundo Moraes, em estudo de 1921, chega a alertar que,

Nenhuma região do planeta possui a literatura científica da Amazônia, Eldorado dos aventureiros e foco de atração dos sábios. O desavisado que mergulhar porém nesta literatura, farta e maravilhosa ao cabo de breve tempo fica estarecido ante as contradições que registra. Humboldt afirma, Wallace nega. O Padre Fritz garante, Condreau contesta. Lacondamine assevera, Maury discute. É um verdadeiro labirinto de opiniões,

³¹ Para um melhor entendimento a cerca da formação geomorfologia da região amazônica, sugerimos a leitura da obra *Estrutura Geológica, Relevo e Litoral: Grande Região Norte*, de Antônio Teixeira Guerra, um dos primeiros estudos de grande relevância sobre a temática e que ainda hoje é referencia nas pesquisas geográficas amazônicas. Rio de Janeiro, 1959.

nas quais somente se penetra seguro, guiado pelo fio de Ariadne do conhecimento direto, observado *in loco* de forma a distinguir quando o geógrafo erra e o botânico acerta. (MORAES, 1921, p.48).

Não somente a geologia e o regime das águas desafiavam explicações racionais, a fauna e a flora também davam margem às especulações de toda ordem. E foi exatamente o regime das águas um dos aspectos que mais chamou a atenção de Euclides da Cunha, o qual fez uma descrição detalhada dos períodos de cheia e seca dos rios amazônicos, em especial o Amazonas, um rio que para Euclides, não propiciava o desenvolvimento da vida devido a violência de suas águas. Diferentemente de outros grandes rios que foram responsáveis pelo desenvolvimento de grandes civilizações como o Nilo e o Egito, tão aclamado por Heródoto. Complementa Euclides,

O Hoang-Ho aumentou a China com um delta, que é uma província nova; e, ainda mais expressivo, o Mississipi assombra o naturalista, com a expansão secular do aterro desmedido que em breve chegará às bordas da profundura onde se encaixa o *Gulf-Stream*. Nas suas águas barrentas andam os continentes dissolvidos. Mudam-se países. Reconstituem-se territórios. (CUNHA, 2006, p. 21)

Euclides descreve o Amazonas como um rio estéreo ao desenvolvimento da vida, especialmente do progresso humano, e atribui este fato à ferocidade das águas com que rumam ao oceano, “destruindo tudo o que encontra pela frente”, acrescentando que “ao passo que no Amazonas, o contrário. O que nele se destaca é a função destruidora, exclusiva. A enorme caudal está destruindo a terra” (CUNHA, 2006, p. 17). Euclides prossegue com sua descrição, afirmando que o homem é um elemento externo àquele mundo e que a natureza ainda não estava preparado para recebe-lo:

A impressão dominante que tive, talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido – quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem... (CUNHA, 2006, p. 18)

Euclides conclui a primeira parte de *Impressões Gerais* demonstrando o mesmo tom de espanto como no início do texto, a força do “Mar Dulce” de fato o marcara, embora intensas, suas experiências nos *Sertões* não o havia preparado para tanta efervescência de vida e morte proporcionada pela natureza, “sempre desordenado, e revolto, e vacilante, destruindo e construindo, reconstruindo e devastando, apagando numa hora o que erigiu em decênios” (CUNHA, 2006, p.25).

A parte final de *Impressões Gerais* foi dedicada a uma análise da presença humana na Amazônia, efetuando uma tênue crítica social às condições de vida dos seringueiros, geralmente vindos do nordeste em busca de melhores condições de vida e que encontrava, nos confins da Amazônia uma situação de semi-escravidão. Os *Sertões*, trazendo à luz da sociedade a miséria do sertanejo, tornando-se um “livro vingador” ao contribuir para que se repensasse as bases da República e a situação de precariedade em que viviam as pessoas do interior do país.

A viagem à Amazônia, por sua vez, ofereceu a Euclides a oportunidade de efetuar a crítica social de outro personagem esquecido: o seringueiro. Nas páginas em que retrata a vida do trabalhador da floresta amazônica, Euclides deixa transparecer sua preocupação com os rumos daquela “terra sem história”.

Euclides destaca que é à entrada de Manaus que o imigrante efetuará a transição para sua nova condição social. A ida à Amazônia não representaria uma etapa melhor de sua vida, daí a referência a Manaus como sendo um “lazareto de almas”, onde o nordestino abdicaria das ilusões que motivaram sua viagem, o autor ressalta que “À entrada de Manaus existe a belíssima ilha de Marapatá – e essa ilha tem uma função alarmante. É o mais original dos lazaretos – um lazareto de almas! Ali, dizem, o recém-vindo deixa sua consciência”. (CUNHA, 2006, p.28).

O “clima caluniado” da região apresentaria, ao imigrante, poucas ou nenhuma possibilidade de trabalho, o que nos transparece neste texto é que

para o nordestino, abdicar da consciência seria uma forma de propiciar sua adaptação ao isolamento e à sua própria escravização, sem grandes rupturas. Despojados de sua consciência, o sofrimento do imigrante seria diluído com o enfraquecimento de suas forças morais.

Em *Impressões Gerais*, Euclides realizou uma minuciosa análise sobre o imigrante nordestino e sua saga, de sua terra natal até sua colocação nos longínquos seringais da Amazônia que, de modo geral, ficou preso à uma dívida eterna desde o “próprio dia em que parte do Ceará” mesmo o astuto trabalhador que seja, é praticamente impossível desvincular-se deste “grilhão econômico” (CUNHA, 2006, p.29).

Neste texto, percebe-se que Euclides destacava seu conhecimento prévio acerca da geomorfologia, fauna, flora e hidrografia da região, mas, sobretudo antropologia amazônica, ressalta ainda, uma profunda análise de expedições que lhe precederam. Leandro Tocantins acrescenta que,

O que Euclides lê e anota durante as pesquisas realizadas na Biblioteca Pública e no Arquivo Estadual, em Manaus, enriquece-lhe o espírito de fatos do passado amazônico. Em pouco tempo, reúne literatura expressiva: no valor social e histórico, nas revelações utilíssimas para o entendimento da sociedade regional. (TOCANTINS, 1992, p.126)

Estas “revelações sociais” estão dispostas, principalmente no tangente às condições de vida do trabalhador na Amazônia, mais destacado nos textos de Euclides, no qual realizou uma análise, concluindo com um estudo voltado ao processo de chegada e estabelecimento do seringueiro nordestino na Amazônia, descreveu-se, de forma pomerosizada todo o processo de dominação dos seringalistas (donos dos seringais) sobre os serigueiros (extratores de seringa). “De feito, o seringueiro – e não designamos o patrão opulento, senão o freguês jungido à gleba das estadas – realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se” (CUNHA, 2006, p. 28).

Ao chegar, o trabalhador já se endividava na sua compra dos instrumentos de trabalho (tigela, bacia, machado, rifle) e alimentos fornecidos

pelo dono do seringal e dono do barracão (armazém). O patrão comprava a produção do seringueiro. No final do ano era feito um balanço para ver se o seringueiro tinha saldo, mas como os preços do barracão eram exorbitantes, o seringueiro ficava devendo e aumentava cada vez mais sua dependência em relação ao barracão. Sylvio Rabelo (1966) ressalta que “em lugar do trato de terra para plantar e construir a casa própria encontrava o sertanejo, o latifúndio. Em vez de vida livre, encontrava a escravidão.” (RABELO, 1966, p. 65).

As dificuldades para saldar o débito se avolumam em razão das características climáticas da região, cujas enchentes obstam a extração do látex durante parte considerável do ano. A conjugação desses fatores subjuga o seringueiro e o vincula ao comendo dos senhores da borracha. Diante desta realidade de opressão, Euclides desabafa, “de feito, o seringueiro – e não digamos o patrão opulento, senão o freguês jungido à gleba das estradas – realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se” (CUNHA, 2006, p.28). O sofrimento e a epopeia do nordestino na Amazônia é resenhado por Miranda Neto,

O nordestino na Amazônia começa sempre a trabalhar endividado, pois via de regra obrigavam-no a reembolsar os gastos com a totalidade ou parte da viagem, com os instrumentos de trabalho e outras despesas de instalação. Para alimentar-se dependia do suprimento que, em regime de estrito monopólio, realizava o mesmo empresário com o qual estava endividado e que comprava o produto. As grandes distâncias e a precariedade de sua situação financeira reduziam-no a um regime de servidão. Entre as longas caminhadas na floresta e a solidão das cabanas rudimentares onde habitava, esgotava-se sua vida, num isolamento que talvez tenha nenhum outro sistema econômico haja imposto ao homem. Demais, o perigo da floresta e a insalubridade do meio encurtavam sua vida de trabalho. (NETO, 1986, p.38)

Convém salientar que algumas doenças eram provocadas pelo próprio sistema de alimentação do seringueiro, que, por via de fato, era obrigado a se sujeitar à alimentação vendida pelo seringalista, geralmente, produtos enlatados, pobres em nutrientes e vitaminas, uma vez que a agricultura, caça e pesca, desviavam os objetivos e desperdiçavam tempo na extração do látex.

É evidente que essa submissão aconteceu em consequência da inexperiência, da necessidade e ignorância, mas sem o caráter exclusivamente biológico, semelhante ao que ocorre nas sociedades vegetal e animal. Isto por que o homem, embora preso a certas condições mesológicas age num estágio superior aos vegetais e animais. (TOCANTINS, 1982, p.101)

Do ponto de vista histórico a situação social apresentada por Euclides em *Impressões Gerais* destoa do progresso vivido pela região amazônica. A exploração da borracha atingia seu auge no limiar do século XX, e cidades como Manaus e Belém simbolizavam esse surto de prosperidade e riqueza, travando contato direto com metrópoles européias, seja do ponto de vista cultural, seja por intermédio de transações financeiras e comerciais. O instrumento da exploração do látex, o seringueiro, era o pólo frágil desse sistema que levava para a Amazônia os interesses do capitalismo internacional.³²

Em *Impressões Gerais* Euclides registrou suas interpretações acerca de dois aspectos amazônicos que o marcou profundamente: a natureza - e sua força construtora/destruidora – e o seringueiro nordestino, sobretudo as relações de trabalho que envolvia a vivência do imigrante. O texto *Impressões Gerais* faz parte do primeiro segmento de *À Margem da História*, a este segmento deu-se o título de *Terra Sem História*, onde contém os artigos escritos por Euclides referentes à Amazônia.

A escolha deste título – *Terra Sem História* – refletia bem a visão que se tinha da Amazônia no início da República. A ausência do Estado, o isolamento geográfico e a baixa densidade demográfica contribuía para se estabelecer no imaginário comum, um mundo alheio ao progresso e conseqüentemente desprovido da civilização.

3.3 Terras Sem História: A saga dos nordestinos na Amazônia

³² Celso Furtado realça as difíceis condições de vida dos seringueiros: “entre as longas caminhadas na floresta e a solidão das cabanas rudimentares onde habitava, esgotava-se sua vida, num isolamento que talvez nenhum outro sistema econômico haja imposto ao homem”. Demais, os perigos da floresta e a insalubridade do meio encurtavam sua vida de trabalho.

Como já abordado, *À Margem da História* é uma obra de Euclides da Cunha que reúne textos com temas variados, escritos antes e depois de sua viagem à Amazônia, apenas a primeira parte trata especificamente sobre a Amazônia cujo título é *Terra Sem História* (Amazônia).

Esta primeira parte está subdividido em sete tópicos destacando aspectos gerais da natureza amazônica, estudos antropológicos e culturais além de uma análise de engenharia com possíveis soluções para os problemas de transporte e locomoção da região³³, ou seja, seus escritos amazônicos padecem da falta de unidade. Esta ausência de uma sistemática amazônica é assim assinalada por Francisco Foot Hardman,

Digamos que, do ponto de vista estético-literário, este projeto euclidiano permaneceu algo truncado. Apesar de, entre os melhores textos escritos por Euclides, nessa fase final da vida, situarem-se alguns dos ensaios de sua prosa amazônica, inspirados em boa parte, mas não exclusivamente, naquela expedição, faltou ao conjunto a unidade épico-dramática e arquitetura estilística que salta aos olhos em *Os Sertões*. (HARDMAN, 2009, p.53)

De modo geral, o que foi encontrado em *À Margem da História* são argumentos mais elaborados e contextualizados do que já havia escrito como resultante de sua passagem pela Amazônia, à crítica social tecida em seu relatório e artigos publicados, ganha maior vulto nas páginas compiladas postumamente, especialmente em *Terra Sem História*.

O título de abertura do segmento inaugural já é digno de análise – *Terra sem História*. Trata-se dos textos dedicados exclusivamente à Amazônia, visto que os outros capítulos reportam a temas variados, é sem dúvidas, o embrião da obra máxima sonhada por Euclides. Percebe-se que ao fazer uso da

³³ Euclides tece fervorosas críticas ao abandono em que os rios amazônicos enfrentam, segundo ele “o Purus – e como ele todos os tributários meridionais do Amazonas, à parte o Madeira – está inteiramente abandonado” (CUNHA, 2006, p.41) e ao referir-se aos rios imbui-se aí toda a cadeia produtiva e habitacional que os margeiam. A solução para a retirada do isolamento na qual a região está inserida, seria para Euclides simples, carecendo apenas de vontade política. A construção de uma malha férrea, interligando os rios, traria agilidade e diminuiria os custos do transporte na região, além de servir como um instrumento civilizador para a Amazônia, “Além disto, o que se deve ver naquela via férrea é, sobretudo uma grande estrada internacional de aliança civilizadora e de paz”. (CUNHA, 2006, p.99)

expressão *Terra Sem História*, Euclides pretendia levar o leitor a pressupor uma região amazônica sofrida de abandono e desconhecimento, além de um “deserto” populacional capaz de provocar pavor no mais destemido aventureiro. Quando da presença de Euclides, pouco se tinha escrito sobre a região, excetuando-se publicações de crônicas de viajantes e descrições de pesquisadores estrangeiros que tentavam desvendar os segredos das águas e das florestas desconhecidas.

A presença humana tida “civilizada” era ainda recente, desencadeada, especialmente a partir da descoberta da borracha e sua utilização industrial, fato que fez com que cidades como Manaus, Belém e outras da região, largassem a situação de aldeias para verdadeiras cidades inseridas no mundo moderno. Em seu relatório, que analisamos anteriormente, Euclides já se referia ao “abandono” a que era relegado o rio Purus.

Neste sentido, não se poderia falar, naquele momento, numa “história” da Amazônia, especialmente se considerarmos parte fundamental desta recuperação histórica o estudo das populações amazônicas, sobretudo o seringueiro, alvo das análises de Euclides.

As primeiras notas de Euclides acerca da *Terra Sem História* nos dão conta de uma “fusão de termos”, entrelaçando fantasia e realidade ao afirmar que na Amazônia os acontecimentos naturais muitas vezes fogem dos parâmetros tradicionais da compreensão científica. Baseando-se na análise dos estudiosos que percorreram a região, observa que trata-se de uma terra em formação, em pleno gênese “ compreende-se bem isto: a Amazônia é talvez a terra mais nova do mundo” (CUNHA, 2006, p.19), daí a ausência de história.

O fio condutor de *Terra Sem História* é o nordestino e sua vivência neste novo mundo; toda sua gama de mazelas e desventuras passam a ser alvo de análise de Euclides da Cunha. Este nordestino que adentrou à Amazônia como uma resposta às dificuldades econômicas nas quais o país se encontrava, tornou-se a principal engrenagem de um sistema que produzia cada vez mais

matéria prima para o mercado internacional sedento e dependente da borracha amazônica.

TABELA: Aumento da População na Amazônia

| Aumento da população na Amazônia | |
|---|-------------------|
| ANO | HABITANTES |
| 1872 | 337.000 |
| 1890 | 476.000 |
| 1906 | 1.100.000 |

Fonte: Caio Prado Junior (1965, p.246), adaptado pelo autor.

Em um período de trinta anos, a população amazônica mais que triplicou, como demonstra os índices da tabela 03, este fato justifica-se devido o incremento da produção que cada vez mais requeria um alargamento da mão de obra, porém este aumento populacional e de produção não significou a inserção deste contingente humano no ambiente civilizatório, ao contrário, o que é evidenciado por Euclides foi um abandono total, que contrariavam qualquer lei do progresso vigente.

Um “deserto populacional” com tamanha importância econômica, mas que representava apenas poucas linhas em enciclopédias da época ou em registros de desbravadores aventureiros, cada um com sua interpretação. Para Euclides, urgia uma história que apontasse a real importância dos seringueiros como vetores da economia nacional, buscando um meio de retirá-los da “margem da história”.

Por ser recente, os fenômenos são mais vigorosos e menos regulares, o que desafia o observador: “Tem tudo e falta-lhe tudo, porque lhe falta esse encadeamento de fenômenos desdobrados num ritmo vigoroso, de onde ressaltam, nítidas, as verdades da arte e da ciência – e que é como que a grande lógica inconsciente das cousas” (CUNHA, 2006, p.19). Mais uma vez nos valem de Francisco Foot Hardman para nos esclarecer esta simbiose descrita por Euclides, sendo fruto mais de sua vivência nos sertões nordestinos

e de suas leituras prévias do que da realidade vivenciada. Embora longo, consideramos o texto esclarecedor, por isso, transcrevemos lhe:

Porque nessa prosa da selva em Euclides, nessa ansiada escritura vingativa, segunda desforra do poder da palavra contra a força bruta e inabordável dos sertões amazônicos, nessa figuração diversa da semiaridez de Canudos, feita da maior concentração de massa aquático-vegetal do planeta, que tanto maravilhou viajantes premidos entre o êxtase e o horror, iremos nos defrontar com uma oscilação de imagens que embaralham visões dos começos e fins dos tempos e mundos, que se alternam e se misturam entre cenas do Gênesis interrompido contra outras tantas do Apocalipse precipitado, entre a paisagem ausente de sinais humanos, seja à margem, seja anterior, seja fora mesmo do campo da história; ou, bem ao contrário, um território já demarcado por brutalidades antigas que o puseram à força nas franjas do processo civilizatório ocidental e colonial desde menos o século XVII. (HARDMAN, 2009, p.57)

A fantasia e a expressão literária da vastidão amazônica são instrumentos eficazes manejados por Euclides, ao causar no leitor uma forte impressão daquela região pouco conhecida. Ali a natureza se colocaria como uma adversária do homem, oferecendo condições precárias de adaptabilidade e minando, paulatinamente, o ânimo empreendedor do habitante da floresta. A impressão inicial destacada por Euclides é, por conseguinte, pessimista: “Daí, em grande parte, a paralisia completa das gentes que ali vagam, há três séculos, numa agitação tumultuária e estéril” (CUNHA, 2006, p.28). Essa assertiva prepara o leitor para a crítica social que Euclides, de forma pioneira, vai desenvolver nos tópicos subsequentes sobre a *Terra Sem História*.

Assim, compreende-se que o termo *Terra Sem História*, adotado por Euclides é decorrente do pouco conhecimento que se tinha da região, sobre este aspecto, Roberto Ventura (2001) observa que para Euclides, os sertões, sejam amazônicos ou nordestinos, “são vistos como desertos espaços fora da escrita”. Neste sentido, Euclides “defendia a integração dos sertões à escrita e à história, cujos limites e cujas fronteiras estariam em contínua expansão desde a chegada dos navegadores e colonizadores europeus à terra brasílica” (VENTURA, 2001, p.122-123). Urge, portanto, para o autor de *Os Sertões*, a

necessidade de resgatar a região do abandono e integrá-la ao processo histórico de desenvolvimento a qual se encontrava relegado.

À *Margem da História* reúne os principais textos produzidos por Euclides da Cunha sobre a Amazônia, nestes sobressaem suas preocupações com a consolidação territorial brasileira, suas teorias positivistas e, sobretudo, sua visão acerca do drama vivenciado pelos seringueiros na região. São textos que expressam bem o modelo estilístico de Euclides escrever. Um deles em especial – Judas Asvero – é marcado pela sua originalidade, mesmo se tratando de um evento. Ao retratar um episódio tão conseguiu

3.4 A Tradição Cultural Nordestina na Amazônia em *Judas Asvero*³⁴

Concorda-se com autores como Gilberto Freire, Leandro Tocantins e Francisco Foot Hardman, quando afirmam que “Judas Asvero são as dez páginas mais lindas e profundas de nossa literatura. Foot Hardman (2009) acrescenta ainda que “a obra prima da prosa amazônica de Euclides é Judas Asvero.” Euclides escreveu com grande sapiência o drama do seringueiro nordestino, utilizando como pano de fundo, a tradição de “malhar o Judas³⁵,” Coelho Neto assevera que “é uma das melhores páginas que Euclides já escreveu”, neste texto o autor faz uma poética e brilhante analogia entre o clássico personagem da tradição popular e o seringueiro, “expatriado dentro de seu próprio país”. Leandro Tocantins, acerca deste conto, tece o seguinte depoimento,

O Judas grosseiro, tecido pelas mãos rudes do seringueiro, foi um achado para a imaginação de Euclides da Cunha. Jamais aqueles ignorados operários da selva poderiam pensar que um

³⁴ O mito do Judas Asvero, comum na Idade Média, envolve um personagem – Ahasverus – condenado a uma vida errante até o fim dos tempos, resultado de “uma culpa irremissível, ou de gesto impiedoso para com aquele que ia morrer crucificado (HATOUM,2002,p.322)”. Foot Hardman destaca que o Judas Ahasverus é um personagem que se assemelha ao “judeu errante, condenado ao eterno degredo e a não morrer antes do juízo final, por ter blasfemado contra Cristo a caminho do calvário (HARDMAN.2009,p.47).

³⁵ Sobre a tradição de malhar o Judas, aconselhamos a leitura do recente trabalho *Malhação do Judas: Rito e Identidade*, de Andreia Regina Moura Mendes, dissertação de Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2011). Nesta pesquisa, a autora busca elucidar questões relacionadas com as origens históricas desta tradição bem como suas influências na cultura regional. In: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/mendes-andreia-a-malhacao-do-judas-rito-e-identidade.pdf> / Acesso: 02/01/14

de seus pouquíssimos divertimentos se transplantasse para as páginas da Literatura, figurando, hoje entre as mais belas escritas entre nós. (TOCANTINS, 1992, p.150)

Judas Asvero faz parte do conjunto de textos euclidianos sobre a Amazônia, reunidos em *À Margem da História*, onde, como vimos, Euclides ressalta o sofrimento paradoxal do nordestino que “trabalha para escravizar-se”, denunciando o cruel sistema que envolvia o trabalho de exploração do látex. “Judas Asvero é uma das páginas clássicas da literatura brasileira, na construção literária, no calor humano que transmite” (TOCANTINS, 1992, p.151).

Os contornos da cruel situação vivenciada pelos seringueiros nordestinos na Amazônia tem sua melhor expressão na cerimônia do Judas Asvero, destacando-se como um registro sociológico da vida do trabalhador da floresta. Mais uma vez, Francisco Foot Hardman (2009) testemunha que,

Em Judas Ahsverus, Euclides atinge o ápice da representação do sublime ante o flagelo da paisagem amazônica. É uma mescla entre crônica e conto. Nas cerca de dez páginas que ocupa na edição original de *À Margem da História*, essa narrativa curta possui uma unidade épico-dramática que nenhum outro escrito amazônico do autor logrou alcançar. (HARDMAN, 2009, p.47)

O cotidiano trabalhoso e desumano no qual o seringueiro era submetido, na eterna e dolorosa labuta de extrair o látex, pareceu a Euclides representar bem o drama do Asvero, condenado a trabalhar para ser servo jamais senhor de seu destino, o seringueiro é relegado ao abandono e à sua própria sorte. Já o caucheiro peruano esta dramaticidade não é tão intensa. Enquanto estes possuem a possibilidade de acumular riquezas através da exploração dos nativos – seja escravizando-os ou aliciando-os por meio do escambo - o seringueiro é, ele próprio, a força de trabalho, contudo, diferentemente dos nativos, na grande maioria dos casos, o deslocamento dos nordestinos à Amazônia deu-se de forma voluntária, sua vida de dramas e escravização é resultante de seu próprio desejo ao buscar outro padrão de vida, viu-se nos “tentáculos” de um sistema criado para sua condenação. Seu pecado: ambicionar uma vida melhor.

Neste sentido, seu destino é cruel, padece o seringueiro, condenado a sofrer na floresta o resto de seus dias, como em um “trabalho de Sísifo³⁶,” inacabável, e eternamente monótono. Essa adesão imprevidente aos contratos, regras e regulamentos que norteiam o trabalho dos seringueiros ante ao poder e injustiça imposta pelos senhores da borracha gera a frustração consigo mesmo. São os resultados desta relação desigual que Euclides vislumbrou na cerimônia de Judas o momento de autopunição dos seringueiros.

Judas Asvero se destaca entre os escritos euclidianos pelo seu caráter reflexivo acerca da sociedade e do meio sociocultural dos que haviam ocupado as margens do Purus na busca por uma vida melhor, mais uma vez, Leandro Tocantins (1998) assegura que o ensaio apresenta,

O homem do Acre, associado à paisagem e aos seus próprios dramas, constrói para Euclides uma das páginas mais sedutoras da literatura brasileira, sob o ponto de vista de pintura engrandecida de cena. É o Judas-Asvero, uma comemoração, ou, segundo Euclides, uma expiação dos seringueiros do Alto Purus (CUNHA, 1998, p.21)

O ensaio trata-se de uma representação da culturalidade que se formou ao longo de todo o processo colonizador na região, na qual o imaginário judaico-cristão³⁷ foi inserido silenciosamente nas mais longínquas colocações

³⁶ Segundo a mitologia Sísifo ficou conhecido como sendo o mais audacioso dos mortais, enganando o próprio deus da Morte, Plutão (Hades). No entanto, após vários anos, Sísifo é levado para o Hades, ou os infernos, lá foi punido severamente pelos deuses, conforme relata Brandão (1986) “Um dia, porém, Tânatos veio buscá-lo em definitivo e os deuses o castigaram impiedosamente, condenando-o a rolar um bloco de pedra montanha acima. Mal chegado ao cume, o bloco rola montanha abaixo, puxado por seu próprio peso. Sísifo recomeça a tarefa, que há de durar para sempre” (BRANDÃO, 1986, p. 226).

³⁷ Em recente trabalho, Adel Malek Hanna (2012) analisa as influências das tradições judaico-cristã na Amazônia, sua pesquisa sugere que durante os séculos que sucederam o processo de exploração e colonização da América do Sul, o imaginário judaico-cristão, imposto pelos missionários e trazido pelos emigrantes de outras regiões do Brasil, ainda permeavam as matas amazônicas. “Os ecos ainda são ouvidos e difundidos ao longo das tribos, vilas ribeirinhas e demais habitantes espalhados no interior da Floresta Amazônica”. (Universidade Federal do Acre Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade 2012). Um dos marcos relevantes à presença do imaginário judaico-cristão, de judeus e de cristãos novos na região é a vinda de dezenas de migrantes, em sua maioria nordestinos, para o interior da Floresta. Estes homens traziam consigo muito mais do que a simples esperança de uma vida melhor, traziam forjados em suas almas uma cultura voltada ao pensamento judaico-cristão, de onde tiravam forças para superar as adversidades do clima seco do sertão nordestino, e posteriormente as mazelas dos seringais, correndo dia-após-dia os corredores estreitos das estradas de seringa. Há aqueles que se superaram e conseguiram uma posição melhor entre os seringueiros, no entanto a maioria reduziu-se a sobrevivência.

dos seringueiros no Purus, por meio dos costumes nordestinos como parte de sua identidade.

Em Judas Asvero, Euclides traz à tona a simbologia das narrativas do sábado de aleluia tecendo elementos sociais, econômicos e culturais que foram transpostos das raízes nordestinas, constituindo assim verdadeiros celeiros socioculturais, pois estas manifestações “englobam não apenas as culturas locais, mas também abrangendo a interação com o mundo natural, a presença do sagrado e a valorização da memória, estes fatores só se manifestam no momento em que o seringueiro os reflete em si mesmo”! (HANNA, 2012, p. 71).

A tradição do malhar o Judas ocorre sempre no chamado “sábado de aleluia”, o dia que antecede ao Domingo de Páscoa, sendo no sábado santo que “os seringueiros do Alto Purus desforram-se de seus dias tristes. É um desafogo. Ante a concepção rudimentar da vida santificam-se lhes, nesse dia, todas as maldades. Acreditam numa sanção litúrgica aos máximos deslizes” (CUNHA, 2006, p.67).

Toda a gama de maldade e sofrimento – e aí incluem-se as moléstias, as dívidas impagáveis, a ganância pelo lucro, a fraqueza de não ter resistido em sua terra natal – é expurgada com a passagem, pelos rios da região, do boneco de palha, que simboliza o Judas, objeto da fúria vingadora das populações ribeirinhas.

O que nos ressalta neste conto é o espírito de revolta do seringueiro que neste caso, não se revolta contra seu opressor, mas sim contra si mesmo representado na figura do Judas errante. Sem demonstrar uma revolta contra o seringalista, *Judas Asvero* detém uma revolta interiorizada, uma auto punição, “além disto, só lhe é lícito punir-se da ambição maldita que o conduziu àqueles lugares para entrega-lo, maniatado e escravo, aos traficantes impunes que o iludem” (CUNHA, 2009, p.69). É, portanto, no sábado de aleluia que ocorre um momento único, a tão esperada redenção, momento onde os pecadores seringueiros obtêm a salvação, a libertação dos crimes cometidos a si mesmos.

A figura de Judas, apresentada por Euclides representa o salvador daquelas almas que carregam consigo as estigmas de estarem ali, abandonados à sua própria sorte, esquecidos pelo Estado e por Deus.

Desta forma, aglutinados à cultura popular, cabe ao Judas à carga dos pecados e neste sentido, livrará os seringueiros de todos os pecados, como assinala Euclides, “Ora, para isso, a Igreja dá-lhe um emissário sinistro: Judas; e um único dia feliz: o sábado prefixo aos mais santos atentados, às balbúrdias confessáveis, à turbulência mística dos eleitos e à divinização da vingança” (CUNHA, 2001, p. 69)

Neste aspecto, a figura bíblica de Judas é apresentado como redentora, transpondo seu eterno estigma de traidor, tornando-se o elo de salvação daqueles que o desdita, isso ocorre pois o seringueiro realiza uma “divinização da vingança contra si mesmo, já que o boneco de Judas é construído a imagem e semelhança de seu criador, para que assim alcance a tão esperada sansão litúrgica de seus crimes”. (HANNA, 2012, p. 75)

Como é visto, o seringueiro sofre de uma solitude eterna, “sobretudo isto, o abandono. O seringueiro é, obrigatoriamente, profissionalmente, um solitário” (CUNHA, 2009, p.54), este caráter isolacionista ganha uma guinada e tudo se transforma com a chegada do sábado de Judas. Visualiza-se neste evento, uma analogia entre a rotina de purgações do seringueiro e o calvário sofrido por Jesus Cristo, todavia o drama do seringueiro não acaba com o domingo, ele perpetua por sua vida inteira, O transcorrer dos dias santos não significa, para o seringueiro, mudança em sua fatigante rotina. Já o sábado de Judas é diferente. É o sábado da libertação.

E consideram absortos, que esses sete dias excepcionais, passageiros em toda a parte e em toda a parte adrede estabelecidos a maior realce de outros dias mais numerosos, de felicidade, lhes são, ali a existência inteira, monótona, obscura, dolosíssima e anônima, a girar acabrunhadamente na via dolosa inalterável, sem principio e sem fim, do círculo fechado das estradas. (CUNHA, 2009, p.68)

Este conjunto de martírios teria colaborado para criar, no seringueiro, uma resistência ao sofrimento, uma espécie de elmo protetor, enclausurado em si mesmo, chega a reconhecer que a culpa de tamanho malogro não é divino, mas sim advindo de suas ambições terrenas.

Em *Judas Asvero*, a resposta para as mazelas vividas pelos nordestinos seringueiros, não está na religião, pois o trabalhador da floresta “não se rebela. Não se blasfemam. (...) É mais forte; é mais digno. Resignou-se a desdita. Não murmura. Não reza” (CUNHA, 2009, p.68). Ao ponto de sua ingenuidade, o seringueiro reconhece-se como pivô de seus pesares, extravasa seu rancor em Judas, e suporta, silenciosamente todos os castigos advindos de seu pecado,

Tem a noção prática, tangível, sem raciocínios, sem diluições metafísicas, maciça e inexorável – um grande peso a esmagar-lhe inteiramente a vida – da fatalidade; e submete-se a ela sem subterfugir na covardia de um pedido, com joelhos dobrados. (...) e os grandes olhos de deus não podem descer até àqueles brejais, manchando-se. (CUNHA, 2009, p.68)

Intuitivamente, o seringueiro percebe que a resposta para seu sofrimento não é de ordem religiosa, embora contasse com sua fé para resolvê-lo, não seria interferências metafísicas, os causadores. Seu pragmatismo ambicionava no máximo um alívio para a raiva, e o *Judas Asvero* surge como um momento de purificação para o sofrimento contido, o boneco, a princípio disforme ganha contornos humanos, o seringueiro vê ali um objeto de desforra, neste ato Euclides vislumbra o Judas como uma figura criada para punir a si mesmo “e o monstro, lento e lento, num transfigurar-se insensível, vai-se tornando em homem. Pelo menos a ilusão é empolgante”. Euclides descreve este comportamento como “estóico” (CUNHA, 2009, p.69), ou seja, o seringueiro suportava um ano inteiro de privações para, num único dia, entregar-se à vingança contra o Judas corporificado num boneco que navega a esmo pelos rios.

Essa vingança se dá por meio de tiros, pedras e objetos lançados contra a estátua inerte que atravessa as vias fluviais da região, onde todos se juntam para descarregar-se de seu penar, “e o Judas feito Asvero vai avançando

vagarosamente para o meio do rio. Então os vizinhos mais próximos, que se adensam, curiosos, no alto das barrancas, intervêm ruidosamente, saudando com repetidas descargas de rifles aquele bota-fora” (CUNHA, 2009, p.70).

É o ápice da auto vingança, um ato de desespero extremo, uma busca incansável pela purificação. Ao expurgar no boneco de palha seus pesares, está praticando uma vingança contra si mesmo. Sua ambição desenfreada que o tirou de sua terra natal em busca de riquezas, o conduziu ao fracasso, percebe-se então, que a vingança contra o Judas é, sobretudo uma vingança contra sua imprevidência, uma aceitação de que seus desejos terrenos culminaram em sua condenação.

É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vinga-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; e desafronta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia recalçando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade infantil o jungiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes que o iludiram. (CUNHA, 2009, p.70)

Ao analisar o ritual de Judas, Euclides atesta todo seu pessimismo em relação à situação social dos seringueiros nordestinos na Amazônia, isto se dá com a constatação de que o “maldito boneco” representa o próprio construtor. A descrição que faz de todo o ritual de construção da figura de Judas, idealizando-o à sua imagem e semelhança, obtendo assim, um reflexo de sua própria culpa, Hanna (2012) contempla a constituição da figura de Judas representado por Euclides como sendo,

A busca da perfeição no boneco de Judas é algo que o seringueiro necessita, pois é a sua própria imagem que será representada para o processo de malhação e expurgação dos pecados, já que o processo ritualístico de purificação dos deslizes é destinado ao seringueiro criador e sua criatura. (HANNA, 2012, p.78)

Neste processo de construção da figura de Judas, Euclides da Cunha faz questão de demonstrar seu caráter detalhista, as roupas, os contornos do rosto, os arranjos, chegando a “arrancar o seu próprio sombreiro; atira-o à cabeça de Judas (CUNHA, 2001, p. 70)”, o que surge então passa a se alvo de

desforras de seus pares, adquirindo um tom de dramaticidade intensa em todo seu transladar pelo rio.

O ritual de malhar o Judas representa, acima de tudo, o drama vivido pelos seringueiros, mas paralelo ao ato de auto punição, “ a imagem material de sua desdita” (CUNHA, 2009, p.71), Judas também é a materialização de seus temores, um personagem que desperta medo entre seus malfeitores,

Não pára mais. À medida que avança, o espantalho errante vai espalhando em roda a desolação e o terror: as aves retransidas de medo, acolhem-se, mudas, ao recesso das frondes; os pesados anfíbios mergulham, cautos, nas profunduras, espavoridos por aquela sombra que ao cair das tardes e ao subir das manhãs se desata estirando-se, ltuosamente, pela superfície do rio; os homens correm às armas e numa fúria recortada de espantos, fazendo o ‘pelo sinal’ e aperrando os gatilhos, alvejam-no desapiedadamente. (CUNHA, 2009, p.72)

O terror retratado no excerto acima está ligado mais ao caráter espiritual que propriamente material, neste caso, seus temores são acima de tudo não conseguirem sua redenção. Seriam suficientes seus sacrifícios? Embora engajados de fé, as dúvidas permeavam suas mentes, assim desforrar todo ódio contra seu desalento poderia suprir possíveis resquícios de sua incredulidade. Porém, o que Euclides deixa claro no ensaio do *Judas-Asvero* é que, apesar das mazelas e das dificuldades encontradas pelos seringueiros, um fato sobressai: a fé. O elemento que mantém acesa a esperança da redenção e de um futuro promissor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A passagem de Euclides da Cunha pela Amazônia trouxe importantes consequências, não somente pelo fato de ter abrilhantado sua biografia, mas sobretudo por ter posto à luz da ciência, novas interpretações da vivência do homem da Amazônia e a nova sociedade que ali se estruturava.

Percebe-se que a interpretação dessa sociedade que se desenvolveu nos seringais de forma anômala, e que isolou mentes e corpos, também foi acompanhada por uma enorme carga de dramaticidade e indignação que alimentou a escrita do autor em sua característica denunciatória. Isto foi possível de ser apreendido por nós ao corroborarmos com os estudos de Leandro Tocantins, quando frisou a descrição que Euclides da Cunha fez da exploração do seringueiro pelo patrão em *À Margem da História*, uma descrição de um escritor horrorizado com a organização social presente nos seringais.

Essa interpretação colocou à prova seus valores humanos e seus ideais políticos. Denunciou, por exemplo, que ele estava à frente de uma das “organizações do trabalho mais criminosas que o organismo humano poderia ter produzido”.

Do ponto de vista bibliográfico, ganha importância uma dissertação com esta temática na medida em que expõe a especificidade da produção intelectual de Euclides da Cunha posterior a *Os Sertões*. Este período – 1904/1909 – é pouco enfatizado em estudos de sua biografia, se comparados com o peso dado aos anos de sua formação e o período em que esteve envolvido na redação de sua obra máxima.

Ao abandonar sua rotina de engenheiro, pode direcionar sua produção para temas que, embora frequentes entre suas publicações, não eram dominantes, como a Amazônia e seus problemas de fronteiras bem como seu processo de ocupação humana. A abertura de novas perspectivas profissionais, a partir de suas relações com o barão do Rio Branco, trouxe-lhe a

possibilidade de ampliar seu campo de análise. Sua vinda à Amazônia e por conseguinte a escrita de artigos copilados em *À Margem da História*, proporcionaram a Euclides conhecimento singular dos problemas de limites em que o Brasil estava envolvido.

Como registramos no primeiro capítulo desta dissertação, Euclides fez uma leitura dos problemas da Amazônia que podem ser claramente revertidos de críticas que permanecem até os dias atuais. Os problemas por ele suscitados não diferem muito dos enfrentados pela população amazônica atual, basicamente o abandono da região, que conduz à porosidade das fronteiras como ao agravamento da situação social, onde estão presentes (como na época de Euclides), os interesses internacionais, os grandes latifúndios e a exploração do homem pelo homem. Seus ensaios são vistos, por essa razão, como textos fundadores da reflexão sociológica sobre a Amazônia.

Do ponto de vista da diplomacia, Euclides desenvolveu um pensamento que se relacionavam os fatores estratégicos com a ação governamental na região, acrescentando à discussão sobre as disputas territoriais, a variável social.

Os textos de Euclides da Cunha oferecem à diplomacia brasileira novas perspectivas de leitura, sendo responsáveis diretos para conferir às autoridades nacionais respaldos que culminaram em acordos fronteiriços. Além disso, seus textos destacam pela importância historiográfica, pois retratam a situação da Amazônia no início do século XX, durante o Primeiro Ciclo Gomífero, permitindo uma nova leitura renovada dos problemas fronteiriços, de integração física e de inclusão social, enfatizando a relevância dessas três dimensões – fronteira, integração e inclusão – para a formulação da política externa brasileira.

A vivência de Euclides nas longínquas regiões do país foi primordial para a constituição da visão do escritor sobre a América Latina. Os problemas fronteiriços e os conflitos envolvendo os seringueiros brasileiros e caucheiros

peruanos, segundo Euclides, revelavam a fragilidade do continente e a urgente necessidade de um projeto integrador para o Brasil e países vizinhos.

Considerando o exposto, este trabalho além de possibilitar uma melhor contextualização de parte de sua produção bibliográfica, vem clarificar muitos aspectos da literatura Euclidiana no período que sucedeu a *Os Sertões*.

REFERÊNCIAS

PERIÓDICOS

Biblioteca Pública do Amazonas. Jornal **Amazonas**. Setor de periódicos, pasta 87. Manaus, 1904.

Biblioteca Pública do Amazonas. Jornal **O Commercio**. Setor de periódicos, pasta 106. Manaus, 1904.

Centro de Documentação do Estado do Pará. Jornal **O Liberal do Pará**. Setor de Periódicos. Belém, 1888.

ELETRÔNICOS

Academia Brasileira de Letras.

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=313&sid=314>

Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-8122200900030010

Estudos Ibero-Americanos, PUCRS., v. 38, n. 2, p. 303-324, jul./dez. 2012)
www.scielo.br/pdf/rbh/v29n57/a04v2957.pdf / Acesso : 14/09/2014.

Livro: Malhação do Judas: Rito e Identidade

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mendes-andreia-a-malhacao-do-judas-rito-e-identidade.pdf>

Ministério dos Transportes:

<http://www2.transportes.gov.br/bit/04-hidro/3-rios-terminais/rios/01-RH-maz%C3%B4nica/Griopuru.htm>

Primeira Comissão Brasileira Demarcadora de Limites

<http://pcdl.itamaraty.gov.br/pt-br/peru.xml>

Revista de Biologia e Ciência da Terra. Volume 6 2º Semestre 2006)
<http://eduep.uepb.edu.br/rbct/sumarios/pdf/humboldt.pdf/>

Revista História, Ciências, Saúde - Manguinhos

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-5970&lng=en&nrm=iso

BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Modesto de. **Estilo e Personalidade de Euclides da Cunha – Estilística- de “OS Sertões”**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1963.

ATHAYDE, Hélio. **Atualidade de Euclides – Vida e Obra**. Presença. Rio de Janeiro, 1987.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia Um Pouco Antes, Além Depois**. Coleção Amazoniana. Umberto Caldedero. Manaus, 1977.

BOLLE, Willi. **O Mediterrâneo da América Latina: a Amazônia na visão de Euclides da Cunha**. Revista USP, São Paulo, n.66, p. 140-155, junho/agosto 2005.

_____. **O romanceiro da Batalha da Borracha**. Imprensa Oficial, Manaus. 1992.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas – O Imaginário da República no Brasil**. Companhia das Letras. São Paulo, 1990.

CASTRO, Genesco de. **O Estado Independente do Acre**. Rio de Janeiro, 1930.

COTRIN, Gilberto. **História do Brasil – Um Olhar Crítico**. Saraiva. São Paulo, 1999.

COSTA, Craveiro. **A Conquista do Deserto Ocidental**. Brasiliana, vol. 191. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1974.

CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. Martin Claret. São Paulo ,2006.

_____. **Entre os Seringais**. Revista Kosmos, nº01, ano III. Rio de Janeiro, 1906.

_____. **Um Paraíso Perdido: Ensaio, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia** / Organização, Introdução e notas de Leandro Tocantins. José Olimpyo. Rio de Janeiro, 1994.

DEAN, Warren. **A Luta Pela Borracha no Brasil: Um Estudo de História Ecológica** (tradução de Eduardo Brandão). Nobel. São Paulo, 1989.

DICKENSON, John. **Viajantes britânicos revelam ao mundo as peculiaridades do Brasil**: British observations on the geology of Amazonia in the mid-nineteenth century. Em Silvia Fernanda Mendonça Figueirôa e Maria Margaret Lopes, *Geological sciences in Latin America: scientific relations and exchanges*. Campinas, Unicamp/IG. 1994.

FERRO, Marc. **História Viglada**. Martins fontes. São Paulo, 1980.

FILHO, Francisco Venâncio. **Euclides da Cunha e seus amigos**. Companhia Editora Nacional. Brasileira. São Paulo, 1938.

_____. **Euclides da Cunha**. Instituto Brasileiro da Geografia e Estatística – Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro, 1949.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Graal. Rio de Janeiro, 1979.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. Editora Nacional. São Paulo, 1970.

GALVÃO, Walnice Nogueira e GALOTTI, Osvaldo (org.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo, 1997.

GUERRA, Antonio Teixeira. **Estrutura Geológica, Relevo e Litoral: Grande Região Norte**. Rio de Janeiro, 1959.

GOMES, Ângela de Castro. **Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados.** *Estudos Históricos – Dossiê Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro, n. 21, 1998.

HANNA, Adel Malek. **Judas-Asvero:** historicidade e crença Judaico-Cristã no interior da Amazônia. Rio Branco: UFAC, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva.** Centauro. São Paulo, 2003.

HARDMAN, Francisco Foot. **A Vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a Literatura Moderna.** UNESP. São Paulo, 2009.

HUGO, Vitor. **Desbravadores.** Edição da Missão Salesiana de Humaitá. Manaus, 1959.

JOFFILY, Geraldo. **O Encontro de Euclides da Cunha com Plácido de Castro.** Thesaurus. Brasília, 1979.

JORGE, Arthur Guimarães de Araújo. **Rio Branco e as fronteiras do Brasil: uma introdução à sobras do Barão do Rio Branco.** Brasília, Senado Federal, 1999.

LE GOFF, Jacques. **Memória – História.** Porto. Imprensa Nacional / Casa da Moeda. Rio de Janeiro, 1984.

LEÃO, Velloso. **Euclides da Cunha na Amazônia.** Livraria São José. Rio de Janeiro, 1966.

LEITE, José Nailton e LEITE, Cecília Sayonara G. **Alexandre Rodrigues Ferreira e a Formação do Pensamento Social na Amazônia.** Estudos Avançados. Vol.24. São Paulo, 2010.

LEONARDOS, Othon Henry. **Geociências no Brasil: a contribuição britânica.** Fórum. Rio de Janeiro, 1970.

LIMA, Lucilene Gomes. **Ficções do Ciclo da Borracha: A Selva, Beiradão e O Amante das Amazonas.** Editora Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM, 2009.

LINS, Álvaro. **Rio Branco**. Ed. Alfa-Ômega / Fundação Alexandre de Gusmão. São Paulo, 1996.

MEDEIROS, Edilson Lucas de. **Seringueiro – O Desbravador da Amazônia**. Rondoforms. Porto Velho, 2010.

MENEZES, Djacir de. **O Outro Nordeste**. Editor Umberto Calderaro. Manaus, 1958.

MIRANDA NETO, Manuel de José. **O dilema da Amazônia**. 2ª ed. Divisão Gráfica CEJUP – Belém /PA, 1986.

MORAES, Raimundo. **Aspectos Amazônicos: a Incorporação da Ilha de Marajó ao Continente**. RBR. Universidade Federal do Pará, 1921.

PAREDES, Marçal de Menezes. – O repertório teórico de *Os Sertões*: ensaio sobre o drible euclidiano. In: **Euclides da Cunha, intérprete do Brasil: o diário de um povo esquecido** [recurso eletrônico] / Maria Regina Barcelos Bettiol, Antonio Hohlfeldt (Orgs). – Dados eletrônicos – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

_____. **Memórias de um ser-tão brasileiro: tempo, história e memória em os sertões de Euclides da Cunha**. Juruá. Curitiba, 2002.

PAULET, Antonio José Silva; VIEIRA Jr., Antonio Otaviano. **Descrição geográfica da capitania do Ceará**. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1898.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. *Revista Estudos Históricos*, vol. 2 Rio de Janeiro, 1989.

_____. **Memória e Identidade Social**. *Revista Estudos Históricos*, vol. 5, nº 10, Rio de Janeiro 1992.

PONTES, Kassius Diniz da Silva. **Euclides da Cunha, o Itamaraty e a Amazônia**. Brasília, Funag, 2005.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 41ª ed. Brasiliense. São Paulo, 1994.

RABELO, Silvio. **Euclides da Cunha**. Coleção Estudos brasileiros da C.E.B. Livraria – editora Casa do Estudante. Rio de Janeiro, 1946.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Maria das Graças S. N. **O Espaço Ribeirinho**. Coleção Amazônia. Terceira Margem. Porto Velho, 2003.

SOBRINHO, T. Pompeu. **O Homem do Nordeste**. Revista do Instituto do Ceará, nº 313, Fortaleza, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação Histórica do Brasil**. 10ª ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1979.

SOUZA, Márcio. **Breve História da Amazônia**. 2ª ed. Marco Zero. São Paulo, 1994.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues e FONSECA, Dante Ribeiro. **História Regional / Rondônia**. Rondoniana, 1998.

TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido**. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro, 1992.

_____. **Formação Histórica do Acre**. Conquista. Rio de Janeiro, 1963.

VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha: esboço biográfico**. CARVALHO, Mário Cesar & SANTANA, José Carlos Barreto (orgs). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VERÍSSIMO, José. **Cenas da Vida Amazônica**. Edição organizada por Antônio Dimas WMF Martins Fontes. São Paulo, 2011.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História**. Lisboa: edições 70, 1983.

VILLA, Marco Antônio. **Vida e morte no sertão: História das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX**. São Paulo: Ática. 2000.

VOLVELE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. Brasiliense. São Paulo, 1987.